



ANDRÉ LUIZ MEIRELLES

**COLÉGIO CANADÁ:
MEMÓRIA DOS PROFESSORES NA VOZ DOS
ALUNOS
(1934 – 1962)**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Santos

2009

ANDRÉ LUIZ MEIRELLES

**COLÉGIO CANADÁ:
MEMÓRIA DOS PROFESSORES NA VOZ DOS
ALUNOS
(1934 – 1962)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Franco Pereira.

Santos

2009

Dados Internacionais de Catalogação
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos - UNISANTOS
SibiU

M499c Meirelles, André Luiz
Colégio Canadá: memória dos professores na voz dos alunos (1934-1962) / André
Luiz Meirelles - Santos:
[s.n.] 2009.
154 f. ; 30 cm. (Dissertação de Mestrado - Universidade Católica de Santos, Programa em
Educação)

I. Meirelles, André Luiz. Nome. II. Colégio Canadá: memória dos professores
na voz dos alunos (1934-1962).

CDU 37(043.3)

Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

COMISSÃO JULGADORA

*À minha mãe,
que me deu a vida e me ensinou a vivê-la .*

*A Cida Franco,
que me ensinou o verdadeiro significado de ensinar.*

*À memória daqueles que fizeram do Colégio do Canadá,
uma história a ser respeitada!*

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força e vitalidade.

A Madalena, Cláudio, Marco e Cristiane, minha família, pelo esforço, dedicação e compreensão, em todos os momentos desta e de outras caminhadas.

À professora Cida Franco e aos amigos do LIAME, em especial a Djanira, pelo companheirismo nas duras e gratificantes jornadas da pesquisa.

Aos alunos, professores e seus familiares do Colégio Canadá que gentilmente ofereceram suas contribuições para a concretização deste trabalho.

Às professoras Maria Amélia e Maria Angélica pelos valiosos conselhos.

A Ana Lúcia, Irismar e a todas as professoras do Programa de Mestrado da Unisantos pela atenção e por tudo que ensinaram em tão pouco tempo.

À diretora Analdina e a equipe da secretaria, principalmente do sr. Neviton, da Escola Estadual Canadá.

A Ivani, da Livraria Loyola, por todas as contribuições.

A Rita, da Diretoria de Ensino – Região de São Vicente.

À Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

E, finalmente aos sujeitos-narradores de tantas histórias sem os quais não seria possível esta dissertação.

A todos vocês, o meu muito obrigado.

MEIRELLES, André Luiz. *Colégio Canadá: memória dos professores na voz dos alunos (1934-1962)*. Santos. Universidade Católica de Santos, 2009 (Dissertação de mestrado).

RESUMO

A proposta de reconstituir a história de uma instituição escolar por meio de testemunhos de seus alunos se apresenta como uma abordagem diferenciada, porque, ao resgatar a memória dos mestres que se destacaram em uma determinada escola, os caminhos percorridos e a construção de suas carreiras e as suas práticas pedagógicas, pode-se conhecer e entender a história dessa escola e identificar como suas vivências influenciaram na construção da imagem de prestígio da instituição. A dissertação estuda o “Canadá”, uma das mais tradicionais escolas públicas da cidade de Santos. O objeto privilegiado da pesquisa são os professores que trabalharam nessa instituição no período de sua criação, em 1934, até a grande ampliação do seu prédio, em 1962, quando ocorre o aumento do atendimento da clientela escolar. A análise terá presente a cultura e as práticas escolares.

Palavras-chave: Colégio Canadá; educação em Santos; vida de professores.

MEIRELLES, André Luiz. *Colégio Canadá: memória dos professores na voz dos alunos (1934-1962)*. Santos. Universidade Católica de Santos, 2009 (Dissertação de mestrado).

ABSTRACT

The purpose of reconstitute an educational institute history, through their student's statements, presents a differentiated approach since at the time we recover the memory of its masters which had an outstanding performance, the path they have walked, their career and pedagogic practices, it is able to understand and have a deeper knowledge of the history of a school and identify how their experiences affected the reputation of the institution. The dissertation regards one of the most traditional public school in the city of Santos: "Canada". The objective of this research is to study the teachers who worked in the institution since its creation in 1934 until the construction of the building amendment in 1962, when occurred the increase of the school attendance. The analysis treats the culture and the educational practices.

Key words: Colégio Canadá; education in Santos; teacher's life.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES / QUADROS

1. Anúncio de aulas preparatórias para o Exame de Admissão do Ginásio do Estado. Jornal A Tribuna (24/12/1935)	38
2. Projeto de construção do Ginásio do Estado, publicado no jornal A Tribuna de 17/11/1935	40
3. Mesa que presidiu a cerimônia inaugural do Ginásio do Estado. A Tribuna 29/8/1937..	44
4. Cia. do Batalhão de Guardas, formada em frente ao Ginásio, momentos antes da chegada do dr. Cardoso de Mello Neto e sua comitiva. A Tribuna 29/8/1937.....	45
5. Fachada do Ginásio vista do lado esquerdo, em 1939.....	47
6. Fachada do Ginásio vista do lado direito, em 1941.....	47
7. Festividade da inauguração do prédio: jantar. A Tribuna, 29/8/1937	48
8. Publicada no jornal A Gazeta, de São Paulo, em 30/9/1944, nota-se a sala construída ao lado esquerdo do edifício.....	50
9. Convite realizado à sociedade em geral para discutir a criação do Colégio do Estado. O Diário 29/9/1944.....	52
10. Os membros da comissão em visita no dia 25/9/1944 ao O Diário. O Diário de 26/9/1944.....	53
11. Alcides Costa Guimarães ao agradecer sua escolha para presidente da assembléia e a numerosa assistência que compareceu ao Ginásio do Estado. A Tribuna 30/9/1944.....	55
12. Planta desenhada por Amílcar Gaspar, aluno do Ginásio do Estado. O Diário de 28/9/1944.....	57
13. Alunos do Ginásio em visita ao O Diário, em Santos. O Diário de 6/10/1944.....	58
14. Francisco Paino, diretor administrativo de Prefeitura, falando ao redator de A Tribuna. Publicado a 6/10/1944.....	59
15. Construção do muro na rua Mato Grosso. O Diário 31/10/1944.....	60
16. Foto do início da década de 1930, tirada da Praia do Gonzaga, Avenida Ana Costa. Terras que pertenciam à Cia. City.....	61
17. Cerimônia de inauguração do novo prédio do Instituto de Educação Canadá, em 24/11/1962. A Tribuna 25/11/1962.....	62
18. Dr. Luiz dos Santos, em 1939.....	69
19. Antônio Júlio Guimarães Sampaio, professor e depois diretor, em 1941.....	69
20. Pe. Geraldo Miranda.....	73
21. Marie Antoinette Passos, em 1941.....	76
22. Sólon Pereira de Lucena, em 1941.....	76
23. Professor Sólon e Professor Frenor em sala de aula com alunos do Clássico (s/d).....	79
24. José Carlos de Azevedo Júnior, em 1941.....	81
25. Mário de Almeida Alcântara, em 1941	83
26. Professor Udmyr em cerimônia de formatura do Colégio Canadá. Ao fundo, professor Luis Pinho.....	86
27. Professor Udmyr, recém-formado.....	86
28. Professor Udmyr, em sala do Colégio Canadá.....	86
29. Sylvio Andraus homenageado como paraninfo de turma, em 1959.....	88
30. Dr. Avelino da Paz Vieira, em 1941.....	90
31. Orlando de Sousa Magalhães, em 1941.....	92
32. José de Almeida, em 1941	94

33. Professor Itagyba entre os alunos em sala de aula.....	100
34. Professor Itagyba com sua inseparável máquina fotográfica.....	101
35. Walkyria Siqueira Mori. Formatura da Escola Normal em 1955.....	102
36. 1ª Turma do Curso de Aperfeiçoamento. Pe. Waldemar, professor Gama e professora Enedina Fraga. 1959.....	104
37. Adelina Mazagão Alcover, 1941.....	105
38. Obras da professora Yolanda Quadros Arruda	108
39. Aula de canto no auditório da escola com a Profa. Yolanda Quadros Arruda.....	108
40. Coral do Canadá no Concurso de Corais Santos, 15/11/1958. Clube Internacional de Regatas. Regente Yolanda de Quadros Arruda	110
41. Cadernos de onde eram tirados os modelos para Trabalhos Manuais na Escola Normal	112
42. Paulo Alves de Siqueira, em 1941.....	115
43. Aula de Desenho com o Prof. Paulo Alves de Siqueira.....	118
44. Sala de Desenho: aula do Prof. Paulo. Observa-se os materiais e as pranchetas. Ao lado do professor, o objeto que deveria ser copiado.....	119
45. Francisco Galvanese Natale, 1941.....	121
46. Angélica Villas Boas, em 1941.....	121
47. Aula de Educação Física na quadra da escola com a Prof. Yolanda Baldia.....	123
48. Alunas esportistas nas arquibancadas do Pacaembu, com as blusas vermelhas, em 1953.....	124
49. Alunos esportistas nas arquibancadas do Pacaembu com agasalhos brancos, em 1953.....	124
50. Equipe de Voleibol em jogo no Clube Internacional de Regatas, em Santos.....	125
51. Equipe de Bola ao Cesto em jogo na quadra do Escolástica Rosa. Prof. Musa e Prof. Yolanda Baldia.....	125
52. Comemoração 25 anos de Formatura da turma do Magistério (1958-1983) com presença de professores.....	126
53. Docentes do Colégio Canadá na sala dos professores.....	127
54. Flâmula da turma de formandos do 3º Científico de 1959.....	133
55. Teatro, os alunos satirizam os professores, na década de 1960.....	133
56. Sala dos professores.....	135
57. Comemoração de 25 anos de Formatura da turma do Magistério (1958-1983) com presença de professores e alunos.....	135
Quadro 1: Média de idade dos professores ao ingressar no Colégio Canadá entre 1934 e 1962.....	64
Quadro 2: Dados sobre nascimento e idade do professor ao ingressar no Colégio Canadá entre 1934 e 1962.....	65
Quadro 3: Professores formados pelas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras ou por Escolas Normais, e docentes aprovados em Concurso Público entre 1934 e 1962.....	130
Quadro 4: Período que os professores lecionaram na escola e a quantidade de professores aposentados na escola entre 1934 e 1962.....	131
Quadro 5: Média de tempo de permanência do professor no Colégio Canadá entre 1934 e 1962.....	132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	
DO GINÁSIO DO ESTADO AO COLÉGIO CANADÁ: A LUTA DE UMA CIDADE PARA A CONQUISTA DA ESCOLA SECUNDÁRIA.....	30
1. A Escola Secundária na Era Vargas.....	30
2. A criação do Ginásio do Estado de Santos.....	33
3. A construção e a inauguração do edifício.....	39
4. A luta pela Equiparação.....	49
CAPÍTULO II	
OS PROFESSORES NAS LEMBRANÇAS DE SEUS ALUNOS.....	63
1. Línguas	66
2. Matemática	82
3. História e Geografia	89
4. Ciências	94
5. Filosofia e Sociologia	98
6. Ensino Religioso	103
7. Música	105
8. Trabalhos Manuais	111
9. Desenho	113
10. Educação Física.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	140
ANEXOS.....	147

INTRODUÇÃO

A dissertação estuda o Colégio Estadual “Canadá”, uma das mais tradicionais escolas públicas da cidade de Santos.

Como professor que sou da rede pública estadual e sentindo os problemas atuais da educação e desse tipo de escola, busquei, no passado, conhecer o trabalho realizado por uma instituição escolar que tinha prestígio. E o Colégio “Canadá” se apresentou como um material importante de análise.

O Colégio “Canadá” tornou-se um marco e um símbolo na História da Educação na cidade de Santos e Região. Por ele, passaram gerações que se destacaram na sociedade nas mais variadas áreas do conhecimento, sendo seu nome uma referência de instituição educacional de excelência, que cumpria uma de suas missões de preparar os alunos para o Ensino Superior.

Parte-se da premissa de que a atuação de seus mestres foi importante na construção do prestígio dessa escola. Tem-se presente que o trabalho realizado por esses professores contribuiu para a construção de uma escola de elite intelectual e que o declínio do seu prestígio se iniciou, quando, como todas as outras escolas públicas, passou a atender à grande demanda escolar ao final da década de 1950 ou início dos anos de 1960.

A finalidade desta pesquisa é, pelo depoimento de alunos, resgatar a história de uma instituição escolar, através da memória dos mestres que nela se destacaram e identificar como

pela sua formação, vivências e práticas escolares influenciaram na construção da imagem de prestígio da instituição.

Os relatos da vida e da atuação dos professores são uma abordagem diferenciada, porque ao resgatar a memória dos mestres, os caminhos percorridos e a construção de suas carreiras, pode-se entender um pouco mais a história da instituição onde trabalharam e identificar como suas práticas influenciaram na formação da imagem social da escola.

A figura do professor tem se tornado o centro de muitos debates: passa a ser visto de maneiras múltiplas, como homem, como cidadão e como profissional. Assim é importante entender a pessoa que é o professor e a relação que mantém com as dificuldades na prática educativa.

O objeto privilegiado da pesquisa é, então, identificar os professores dessa instituição no período de sua criação, em 1934, até 1962, época da grande ampliação do seu prédio para o aumento do atendimento da clientela escolar.

Busca-se resgatar, então, também a história de sua instalação, desde a origem, no contexto de uma cidade que reclamava a existência desse tipo de escola, uma vez que era o grande porto do país e destacado empório comercial que, durante o grande desenvolvimento da economia agro-exportadora do café, se urbanizara e multiplicara a sua população com a vinda de imigrantes, principalmente, portugueses e espanhóis. (PEREIRA, 1996). Quais as lutas e as dificuldades para a sua implantação?

Por outro lado, no âmbito dos professores, qual era a formação e que condições materiais tinham para exercer o magistério?

Na historiografia da educação vão surgindo estudos parciais sobre essa escola. Ao iniciar a pesquisa, foram encontrados, em relação ao Colégio “Canadá” quatro contribuições: uma monografia de Conclusão do Curso de História da Universidade Católica de Santos (Unisantos) de autoria de Angélica Arcanja Vieira, intitulada “Memórias dos 66 anos da

Escola Estadual Canadá” (2000) que trata, de maneira ampla, de aspectos históricos da escola. Duas dissertações do Programa de Mestrado em Educação, da mesma Universidade, abordam o tema. Uma, elaborada por Evani Magalhães Barros Arantes Correa, com o título “Memórias da Escola Canadá: participação estudantil nas décadas de 1950 e 1960” (2007), partindo principalmente do testemunho de alunos da época que militavam no Grêmio Estudantil “Vicente de Carvalho”, estudo que já delinea o contorno da dinâmica da escola. A outra, “O perfil de uma cidade: o esporte feminino escolar na década de 1950” (2008) de Eliane Guimarães de Campos Prates, mostra como a atividade física era importante, principalmente pela liderança de competentes professores de Educação Física, quando as escolas estaduais (e o “Canadá”) cumpriam orientações da Delegacia de Educação Física do Estado. Um quarto estudo, “Memória do Ensino em Santos: o Colégio Canadá” (1961-1967), diz respeito a um trabalho executado na disciplina de História da Educação Brasileira, do Programa de Mestrado em Educação da Unisantos (2000) de autoria das alunas Ligia Bacelo Gonçalves e Vailde Bragança Silveira Almeida, com aspectos da vida cotidiana de alunos do Curso Clássico.

Para a abordagem da vida dos professores, teve-se presente de início os estudos de António Nóvoa (2007), da Universidade de Lisboa, principalmente com o livro organizado por ele, “Profissão Professor”, onde se encontra também o texto de Maria Helena Cavaco “Ofício do professor: o tempo e as mudanças” (as fases da vida do professor). Pretende-se apreender, nos depoimentos dos alunos a cultura e as práticas de seus professores através de categorias de análise como: formação profissional, relações com alunos, desempenho em outros momentos, didática e ética, e com documentos da vida dos professores, observando-se a sua formação e o seu itinerário profissional.

Para o conhecimento da estrutura da escola secundária foi fundamental a obra de Rosa Fátima de Souza (2008), professora do Departamento de Ciências da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara, principalmente através de sua obra “História da organização do trabalho escolar do currículo no século XX (ensino primário e secundário no Brasil)”, onde desenvolve um estudo a partir da estrutura dos currículos que foram sendo moldados nas diversas reformas do ensino ocorridas no país. Nesse debate a autora enfoca a origem e as disputas em torno da seleção cultural para as escolas na definição dos conhecimentos considerados válidos a serem ensinados.

Para o embasamento histórico do período abordado (1934-1962), foram utilizados os estudos de Romanelli (2007), Schwartzman, Bomeny e Costa (2000), Gomes (2000) e Grande (1941).

A dissertação, tendo por roteiro a metodologia científica da história, partiu inicialmente do levantamento do acervo localizado na secretaria da Escola.

É ponto central, na elaboração dessa dissertação, a documentação do arquivo do Colégio “Canadá”, que se encontra em certa ordem (o que não é tão comum nas nossas escolas da esfera pública na cidade), mas com as lacunas decorrentes desse tipo de arquivo administrativo. Os arquivos escolares, entretanto, revelam aspectos ligados a dados gerais e oficiais, relativos à administração escolar, sobre a caracterização do corpo docente e discente.

O chamado arquivo “morto”, ou melhor, arquivo permanente está disposto no mesmo ambiente do arquivo corrente, instalados em ampla sala no pavimento térreo do edifício, guardados em arquivos de aço, armários e caixas de plástico tipo Box. Os arquivos de aço com pastas suspensas abrigam todas as fichas dos alunos que estudaram na escola; nas caixas de plástico estão os diários de classe e os livros das atas de reuniões da escola. Ao todo são

aproximadamente 55 arquivos de quatro gavetas cada e perto de 370 caixas além de outros livros de registros. De uma maneira geral podem ser assim distribuídos:

- Prontuário de alunos e de professores de aproximadamente 1937 a 2008;
- Livros de matrícula de alunos de 1937 a 2008;
- Diários de Classe e Livros de Ponto dos professores;
- Mapas de Movimentação de Professores e Funcionários;
- Ofícios, relatórios, plantas de construção e reforma, iconografia e diversos outros documentos¹.

O arquivo dos professores está organizado em 21 gavetas com 1510 nomes distribuídos alfabeticamente. Apresenta uma lista catálogo, não diferenciando períodos, apenas nomes em ordem alfabética e localização no arquivo.

Para iniciar a identificação dos professores, os Livros Pontos, nesse momento inicial da pesquisa, não foram aconselháveis, pelo fato dos das décadas de 1930, 1940 e 1950 apresentarem apenas as assinaturas dos docentes, com nomes irreconhecíveis.

Um comunicado de aviso de Reunião Pedagógica, assinado pelo Pe. Geraldo Miranda, em 11/05/1959, com o nome de 52 professores organizados alfabeticamente, acabou se tornando um guia para a pesquisa. Em alguns prontuários, foram encontrados outros documentos que auxiliaram na busca e organização dos dados coletados, como por exemplo, o “quadro distributivo das aulas” onde aparecem os nomes dos professores de uma determinada disciplina, organizados por categoria que podem variar entre titulares de cargo ou efetivos, estáveis e contratados. Desse acervo o material mais importante foram os prontuários dos

¹ Os documentos necessitam apenas de higienização e uma melhor organização referente ao tipo, em alguns casos, com a aquisição de pastas. A preservação deste acervo se torna essencial para o resgate da memória escolar da cidade de Santos.

professores, sendo que alguns estavam mais completos que outros. Em alguns casos, os documentos dos prontuários foram retirados do arquivo pelo próprio professor, quando este se aposentava.

Esta pesquisa também utilizou artigos do jornal “O Diário” (fundado em 1936 pelo Centro dos Comissários de Café de Santos, encerrando suas atividades em 1967) e “A Tribuna” (fundado em 1894, considerado hoje, o jornal de maior circulação e o mais importante na Baixada Santista).

A Hemeroteca Municipal, com o jornal “A Tribuna” de Santos, foi local de grande contribuição nesta pesquisa. Inúmeras reportagens, principalmente da década de 1930, deram pistas e subsídios sobre a luta para a implantação e reconhecimento da escola e sobre o projeto de construção do sóbrio mas majestoso edifício.

Sabendo-se do grande poder de alcance dos jornais, principalmente em determinadas épocas do passado, na qual representavam um dos poucos meios de comunicação na sociedade brasileira, a análise dessa fonte deve ser realizada com atenção redobrada, observando-se a diferença entre um noticiário informativo ou interpretativo, as distorções ou omissões.

A história oral é mais uma fonte documental utilizada nessa pesquisa. Paul Thompson nos lembra de que as fontes orais estão na base da mais antiga e da mais recente forma de fazer história.

A história oral é construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. E oferece meios para uma transformação radical do sentido social da história. (1992, p. 44).

A memória constitui-se individualmente ou no coletivo, na relação com a família, amigos, profissões, instituições etc. Essas relações poderão ser determinantes no que será lembrado ou esquecido pelo indivíduo.

Ampliando estas idéias básicas, é importante precisar que o uso das fontes orais permite não apenas incorporar indivíduos ou coletividades até agora marginalizados ou pouco representados nos documentos arquivísticos mas também facilita o estudo de atos e situações que a racionalidade de um momento histórico concreto impede que apareçam nos documentos escritos. Assim, portanto, as fontes orais possibilitam incorporar não apenas indivíduos à construção do discurso do historiador mas nos permite conhecer e compreender situações insuficientemente estudadas até agora. (GARRIDO, 1993, p. 36).

Para tal empreendimento foram utilizados os procedimentos de História Oral. A maior parte das entrevistas foram gravadas e filmadas, dentro da perspectiva da construção de um arquivo da palavra ou da memória. Foi muito importante para todo o trabalho o aparato operacional eficiente indicado no “Manual de História Oral” de José Carlos Sebe Bom Meihy. São procedimentos que solicitam muito tempo e organização do pesquisador.

As entrevistas obedeceram às diretrizes indicadas no projeto de dissertação. Os depoentes são sujeitos da história da escola e permitem a reconstituição da identidade do “Canadá”.

Com uma vocação para tudo e para todos, a história oral respeita as diferenças e facilita a compreensão das identidades e dos processos de suas construções narrativas. Todos são personagens históricos, e o cotidiano e os grandes fatos ganham equiparação na medida em que se trançam para garantir a lógica da vida coletiva. (MEIHY, 2005, p. 25).

O trabalho com entrevistas teve o objetivo não só de levantar dados para esta pesquisa mas também de contribuir em fonte para futuros pesquisadores, organizando acervo de história oral, o arquivo da palavra. Isso levou à obediência a determinados critérios e à observação de padrões técnicos de registro.

A história oral é utilizada nesta dissertação como “um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto do estudo” (ALBERTI, 1989, p. 52).

A memória situa-se na subjetividade, da emoção, da paixão, das idiossincrasias, das visões de mundo do sujeito.

Memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos a serem desvelados ou colocados à luz. Procurando-se a verdade da informação, dos perfis biográficos, entretanto, tem-se dos depoentes a impressão dos acontecimentos. “É sempre preciso ter clareza se o que se busca nas entrevistas é informação ou impressão das pessoas sobre eventos do passado.” (MEIHY, 2005, p. 54).

O homem percebe o mundo e o apreende intelectualmente através da sua atividade social e de sua educação.

A história oral utilizada nesta dissertação é entendida no sentido de fontes orais:

A pesquisa com fontes orais apóia-se em ponto de vista individuais, expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico), incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas – porque tradicionalmente relacionadas apenas a indivíduos –, como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano. (FERREIRA, 2006, p. XIV/XV).

A memória foi rastreada nos sujeitos alunos, individualmente, mas em sua relação e inserção no conjunto social, o Colégio “Canadá”. Portanto, tem-se a memória coletiva. Colheram-se semelhanças mas também diversidade de opiniões e de valores. Algumas variações nas falas são decorrentes do capital cultural de cada um, da sua educação, da sua atividade social, da empatia ou de um acontecimento “funesto” que marcou a relação professor e aluno. Envolvem também silêncios.

Contudo percebe-se, nos depoimentos, avaliações concordantes sobre o bom ou sobre o mal desempenho que permitem contribuir para a construção de uma identidade da escola nos períodos de 1935 a 1962. “Mais do que a soma de memórias individuais, a memória coletiva é um fenômeno construído pela força de fatores externos que circunstanciam um determinado grupo, marcando a sua identidade” (p.63). “[...] o relato pessoal pode assegurar a transmissão de uma experiência coletiva e constituir-se numa representação que espelha uma visão de mundo”. (FERREIRA, 2006, p. 63 e p. 23).

Foram privilegiadas as vozes dos alunos no conhecimento da história dos mestres, também porque a maioria dos professores do período estudado não está mais entre nós. Localizados cerca de oito docentes (Célia de Paula Martins Zaragoza, Yolanda Elias Baldia, Marilza Pereira, Maria de Lourdes Soletto Costa Rodrigues, Terezinha Aulicino, Edésio Del Santoro , Maria Aparecida Forti e Guaraná da Costa Rodrigues) estes dois últimos partiram do mundo dos vivos, durante a nossa pesquisa. Tentamos por diversas vezes contato com o professor Guaraná, mas estava muito doente. A professora Célia Zaragoza não se mostrou muito aberta por problemas momentâneos de saúde. A professora Marilza Pereira não chegou a ser contatada pois reside em Curitiba. Aproveitou-se a entrevista dada por d. Yolanda Elias Baldia à mestranda Eliane Prates.

Foram ouvidas a professora Maria de Lourdes Soletto, o professor Edésio Del Santoro e a professora Terezinha Aulicino, estes dois últimos com dados já fora do período em estudo. Muitos depoimentos de alunos e material sobre os professores saíram das pesquisas dos quatro trabalhos indicados anteriormente ou de entrevistas com familiares de alguns professores, como de Udmyr Pires dos Santos, Sylvio Andraus², Antônio Demóstenes de Sousa Brito e João José Itagyba Mariuzzo.

² A família de Sylvio Andraus cedeu material filmado e gravado por Gilda Lúcia Delgado de Souza.

Para a localização de alunos e possíveis depoentes, foi desenvolvido um questionário prévio com perguntas referentes ao curso freqüentado, período, professores mais lembrados, outros possíveis contatos e a disponibilidade de documentos como fotos, convites de formatura, recortes de jornal e materiais escolares em geral.

Outra possibilidade encontrada para a divulgação das questões foi por meio do *Orkut*, *site* de relacionamento da *internet*. No *Orkut* foram localizados doze comunidades relacionadas ao tema “Colégio Canadá”³:

- “Colégio Canadá” (1399 membros): dono Erik Borgersen;
- “Colégio Canadá – Ex- Alunos” (574 membros): dono Olavo Thadeu Fermoseli Câmara;
- “Colégio Canadá Santos” (337 membros): dono Danilo Alves;
- “Colégio Canadá de Santos” (154 membros): dona Lucimara Saiani;
- “Eu estudei no Colégio Canadá” (134 membros): dona Ivonete Edington Santos Corrales;
- “Colégio Canadá” (105 membros): dono Luiz Thomaz Amarante;
- “Ex alunas do Colégio Canadá” (33 membros): dona Paula Sá;
- “Colégio Canadá – Santos 1957” (27 membros): dono Dr. Gory;
- “Colégio Canadá Santos – 1980” (18 membros): dona Cláudia Teixeira;
- “Colégio Canadá em Santos” (6 membros): dona Neuza Fernandes;
- “Eu estudei no Colégio Canadá” (3 membros): dona Yvonne Pasta;
- “Colégio Canadá – 1961” (1 membro): dona Mariza Garcia.

³ Na tentativa de encontrar novos depoentes, criamos uma comunidade intitulada “Colégio Canadá”, com tópicos sobre alguns professores. Até o presente momento não obtivemos resultados significativos. Por ser um meio de comunicação virtual, relativamente novo, muitas pessoas que realizam contato estudaram em períodos recentes da escola.

Do total dos questionários entregues pessoalmente ou por correio eletrônico (*e-mail*), vinte foram respondidos⁴, dos quais nove acabaram sendo selecionados para pré-entrevistas.

Entre eles:

- Giselda Coelho Cruz, diretora aposentada. Coursou o primário, ginásio e clássico de 1948 a 1959;
- Paulo Roberto de Arruda Magalhães. Coursou o ginásio e o científico de 1953 a 1958;
- Dr. Edmar Gomes, médico pediatra. Coursou o ginásio e científico de 1953 a 1959;
- Iracema Reis Sarmiento Martinez, supervisora da Diretoria de Ensino Região São Vicente. Coursou o ginásio, o normal e aperfeiçoamento de 1956 a 1963. E Administração Escolar em 1969;
- Gisele Cruz Uzum. Coursou o primário, ginásio e científico de 1956 a 1968;
- Maria Aparecida Martins Rollo Monteiro Del Rei, professora universitária. Coursou o científico de 1957 a 1959;
- Antonio Ney Latorraca. Coursou o ginásio e científico de 1958 a 1965;
- Maria Isabel Martin Iglesias. Coursou o ginásio e o normal de 1960 a 1966;
- Olímpio Rudinin Vissoto Leite. Coursou o colegial de 1961 a 1962.

A escolha dos depoimentos priorizou os alunos que chegaram à escola superior.

Algumas das entrevistas realizadas foram descartadas, porque estavam fora do balizamento temporal (que ficou mais reduzido no decorrer da pesquisa). A exiguidade do tempo do mestrado oficial não permitiu que nesse momento tivessem continuidade algumas

⁴ Os demais questionários foram descartados por ser tratar de alunos que freqüentaram a escola fora do período abordado.

pré-entrevistas, mas que deverão ser retomadas mais adiante pela sua importância para a memória escolar.

Houve material mais farto de alguns professores por causa de biografias já elaboradas: Mário de Almeida Alcântara, do acervo de familiares; Paulo Alves de Siqueira, localizada na Academia Santista de Letras e de Waldemar Valle Martins, em livro publicado, a partir do TCC de História da Unisantos de Paulo Fernando Campbell Franco.

Pelos questionários respondidos e por indicações posteriores dos entrevistados, selecionaram-se doze pessoas: Maria Aparecida Muller Araújo, professora normalista, que estudou no Ginásio do Estado de 1935 a 1939, primeira turma. Norma Moreira Dardaqui, professora normalista, estudou de 1943 a 1947, no ginásio, e de 1948 a 1950 na Escola Normal (2ª turma do Normal). Yvonne Leoni Baptista Pasta, advogada aposentada da Caixa Econômica Federal, cursou as 3ª e 4ª séries do Ginásio e Clássico de 1946 a 1948. Decio Teixeira Noronha, médico, cursou o Científico de 1946 a 1948. Lucio de Oliveira Noronha, dentista, cursou o científico de 1948 a 1949. Naylor Dias Tavares, dentista, aluno de 1948 a 1953 do Ginásio, e de 1954 a 1956 no Científico. Ernesto Tilly Junior, militar e professor universitário, que cursou o Ginásio de 1950 a 1953 e o curso Científico de 1954 a 1956. Jayme Diamant, médico, estudou no Ginásio de 1950 a 1953. Sérgio Sérvulo da Cunha, advogado, realizou o Clássico de 1951 a 1953. Sonia Elizabeth de Faccio Paolozzi, professora normalista e universitária, estudou de 1951 a 1955 no ginásio, e 1956 a 1958 na Escola Normal (professora, a partir de 1963 no Colégio Canadá, formada em Pedagogia). René Franco Arias, engenheiro aposentado da Cosipa, cursou o Científico de 1954 a 1956. Gilda dos Reis Pimentel Dias Tavares estudou de 1956 a 1958 no curso Clássico, em 1963 lecionou no curso de admissão, professora de Francês. Cd., professora universitária que estudou no Ginásio de 1948 a 1953 e na Escola Normal e Aperfeiçoamento (1954 a 1957).

Nas pré-entrevistas e entrevistas algumas pessoas eram mais comunicativas, tinham a memória mais viva e lembravam de mais detalhes. As fotos foram muito utilizadas para ajudar na lembrança dos depoentes, a maioria delas de sua propriedade. Algumas são fotos publicadas em jornais, ou do acervo da Fundação Arquivo e Memória de Santos e poucas da própria Escola.

Há um grupo de fotos estereotipadas: dos alunos em classe, da arquitetura, de eventos significativos e de formatura. “A homogeneidade e a uniformização são características dos retratos escolares, cujo enquadramento, disposição formal, ângulos, focalização e planos, são semelhantes em diferentes épocas e em diferentes instituições educativas.” (SOUZA, R. F., 2001, p. 79).

Os acervos iconográficos pessoais ou familiares já contêm fotos dos sujeitos históricos, mais ligados às relações dos alunos entre si ou eventos extra-curriculares da escola, momentos da vida escolar, onde raramente aparecem os professores em suas práticas; testemunham momentos considerados importantes para serem lembrados: apresentação de desfiles cívicos, encontros festivos, aniversários, cenas de aulas, classes de alunos, encontro de professores e colegas, passeios, atividades esportivas ou cívicas, formatura. As datas das fotos aparecem em pequenos álbuns de lembranças (mais comerciais), mas a identificação dos nomes das pessoas depende da oralidade dos depoentes nas entrevistas. É outro filão a ser desenvolvido na recuperação da história da Escola.

Das fotos coletadas, escolhemos, principalmente, as que tornavam mais visíveis os nossos atores, os professores.

A opção em filmar os depoimentos partiu da idéia de registrar não só a fala, mas também as emoções, fisionomias e reações dos entrevistados, trazendo maior riqueza aos dados coletados.

O tempo das entrevistas variou de 30 a 120 minutos, sem contar a pré-entrevista, a apresentação dos objetivos do trabalho. Em alguns casos o retorno em dias diferentes foi necessário para dar continuidade à pesquisa.

As entrevistas semi-abertas foram estruturadas sobre alguns temas referentes à indicação de professores marcantes, sua didática, as relações entre professores e alunos, a ligação dos alunos com a escola, a utilização dos espaços escolares e suas atividades.

Os depoimentos revelam aspectos que a documentação escrita, a historiografia oficial não relatou ou relatou secundariamente, as práticas educativas, a voz das suas vidas.

Trazendo à atualidade a lembrança de tantos professores queridos ou relegados o que se quer ao voltar ao passado não é o reviver; não se trata de reeditá-lo tal qual, não é a comemoração festiva; é um observar o que esses narradores de suas experiências valorizaram, no dizer de Ecléa Bosi: “aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustenta uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor” (BOSI, 1994, p. 481).

É como relata o aluno Braz: “Gostaria de que o nosso colégio [Canadá] fosse levantado fisicamente e moralmente, para que, quando nós passássemos perto dele, possamos ter boas lembranças e nos apropriarmos de emoção” (Depoimento de Braz Antunes Mattos Neto apud VIEIRA, 2000, p. 92). O que se observa é que uma atmosfera sagrada circunda o narrador (cf. BOSI, 1994, p. 91).

Todos os entrevistados foram muito solícitos em narrar a sua passagem pela escola, mesmo quando nem sempre ela foi de êxitos, como reprovações ou dificuldades.

A divergência na avaliação do desempenho dos professores aparece, como é normal de se esperar. Uns falam da rigidez no tratamento, outros até na falta de didática. Mas a avaliação do Engenheiro Walter Hori é interessante, evidenciando que também a postura do aluno na aprendizagem pode ser diferente: “Os nossos únicos tropeços foram os exames de segunda

época em Inglês e Português. Por que deixar de admirar os Professores Azevedo e o Padre Geraldo, se naquele gesto nos deram a oportunidade de aprender melhor estas duas línguas?” (Depoimento de Walter Hori apud VIEIRA, 2000, p.90).

A referência à questão da rígida disciplina está nos relatos de quase todos os entrevistados, mas sem a repulsa ou a revolta que se poderia imaginar. Maria Cecília Cortez Christiano de Souza chama a atenção para a questão: “O emprego de qualificativo como ‘autoritário’ ou repressivo, usado a partir de então, é anacrônico, no sentido que apenas por referência às pedagogias permissivas posteriores é que foi possível perceber a prática anterior como tal” (2001, p. 76).

Em outro trecho o mesmo entrevistado diz do seu orgulho:

É claro que somos testemunhos de uma Escola Pública eficiente. Grande parte dos estudantes, na maioria pobres, conseguiu seu espaço, justamente porque eram oriundos de escolas estaduais. Na época [início da década de 1950] ser estudante do Colégio Estadual “Canadá” era uma confissão de orgulho. (Depoimento de Walter Hori apud VIEIRA, 2000, p.90).

No decorrer das entrevistas, muitos se emocionaram ao lembrar dos professores e como estes foram importantes em suas vidas. Recordaram determinados ensinamentos que mais tarde foram importantes em suas vidas.

O reconhecimento da legitimidade do outro como capaz de refletir sobre sua prática que se desenvolve no cotidiano compartilhado e capaz de re-inventar, transformar o real (conhecimento-emancipação de Boaventura Santos) retoma a oralidade como uma tradição epistemológica importante (cf. SANTOS, 2000). “Nesse ouvir os alunos, nos seus tempos de escola, [...] o cotidiano passa a ser percebido como o espaço significativo, cultural, em que os seres humanos constroem a sua existência e se fazem transformadores das circunstâncias” (GHEDIN e FRANCO, 2008, p.62).

Ao se buscar a identidade do Colégio “Canadá”, o que marcou os alunos daquela geração, é necessário ter presente as observações de Evandro Ghedin e Maria Amélia Santoro Franco:

À medida que as personagens falam, se expressam, exprimem sentimentos, olham para si e querem perceber-se, vão surgindo ao pesquisador as questões dos papéis sociais, de identidade, da busca do espaço existencial, bem como as do querer ser, da emancipação, da autonomia. A problemática dos estudos identitários só pode emergir como objeto de pesquisa, quando se reconhece no sujeito, construtor de sua existência, alguém determinado, mas não condicionado [...] fragmentado pelos papéis sociais [...] (2008, p.64).

A análise da atuação dos professores e da escola pelos seus ex-alunos tem presente que o que cada narrador atribui às pessoas e aos acontecimentos vivenciados.

Os narradores são ex-alunos que tiveram êxito na sua trajetória de vida e que a partir de suas experiências emitem a sua visão sobre os mestres e sobre os acontecimentos.

Sabe-se dos limites da história oral (como o de todas as outras fontes). A memória é seletiva, “a-temporal”, não é cronológica, tem falhas, porém seleciona os elementos significativos para nossas vidas.

Muitos aspectos da cultura escolar puderam ser observados: professor, práticas pedagógicas desenvolvidas, clima da disciplina e como eram assimilados os conhecimentos curriculares no cotidiano escolar.

Tendo presente todas essas colocações, a dissertação está dividida em dois capítulos:

No capítulo primeiro apresenta-se a luta que a sociedade santista empreendeu para a criação do ginásio estadual e também para a sua equiparação no Ministério da Educação. Destaca-se a construção do edifício em *art-deco* e a sua inauguração.

No segundo capítulo cruzaram-se as informações obtidas na documentação da Escola, com os depoimentos e memórias de alunos, desenhando-se o perfil dos professores que

labutaram no “Canadá”, sua trajetória profissional, suas vivências, seu trabalho, na construção de uma escola eficiente.

Capítulo I

Do Ginásio do Estado ao Colégio Canadá: a luta de uma cidade para a conquista da escola secundária.

1. A Escola Secundária na Era Vargas.

A verdadeira organização da escola secundária brasileira dá-se no século XX, a partir dos ministérios de Francisco Campos (1931-1934) e de Gustavo Capanema (1934-1942), no governo de Getúlio Vargas, quando se dão a redefinição e a consolidação desse nível de ensino estendidas até a década de 1960.

A escola secundária até então vinha de encontro à mentalidade bacharelesca brasileira, marcada por uma tradição humanista, uma cultura letrada com o privilegiamento do ensino da língua e literatura clássicas e o coroamento do título de bacharel em ciências e letras. Até 1931 o ensino secundário era regido pelo modelo do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, escola oficial (que deveria ser seguido pelas instituições congêneres particulares). A frequência ao ensino secundário não era obrigatória, tendo contudo de passar pelos exames parcelados. A meta era chegar ao ensino superior.

A formação humanista, alheia a qualquer tipo de formação técnica voltada para o mercado de trabalho e para as ocupações comerciais, industriais e agrícolas, era o primeiro estágio, a conformação inicial de uma educação de classe direcionada para a formação das elites intelectuais do país que seria aperfeiçoada nas faculdades de ensino superior. (SOUZA, 1998, p.147-148).

Durante a Primeira República, várias reformas foram atingindo pontualmente o ensino secundário, entre elas a de Carlos Maximiliano, de 1915, que reduzia o curso integral de sete para cinco anos; e a de Rocha Vaz (1925) que dividia o ensino regular seriado em dois tipos com durações diferentes: para o grau de bacharel (6 anos) para os candidatos ao exame vestibular das faculdades (5 anos). (VEIGA, 2007, p. 250).

Francisco Campos em 1931 implanta modificações radicais: frequência obrigatória, currículo seriado e duas modalidades de ensino: o fundamental (cinco anos) e o complementar (2 anos), necessário para o exame vestibular das faculdades divididos em três áreas: de direito; de odontologia, medicina e farmácia; de engenharia e arquitetura, e oferecidos em anexo ao curso superior. (VEIGA,2007, p.291).

A Reforma de Francisco Campos mantinha ainda o currículo enciclopedista e humanista-literário, mas já se nota o empenho maior nas disciplinas científicas, principalmente no complementar ou propedêutico.

Gustavo Capanema mantém a estrutura anterior com pequenas modificações: 1º ciclo: Ginásio (antigo fundamental, com 4 anos); e o 2º ciclo (dividido em Curso Clássico e curso Científico, com 3 anos cada um).

A manutenção do acentuado conteúdo humanista-literário nas duas reformas revela ainda um curso direcionado para a formação das elites, “para a preparação das individualidades condutoras do povo e da nação” (VEIGA, 2008, p.292). Porém o projeto de Vargas previa a necessidade da educação da juventude e a educação como instrumento fundamental para a melhoria das condições de vida da população brasileira (além de instrumento de nacionalização).

Diz Humberto Grande, em “A Pedagogia no Estado Novo”:

A educação no Brasil, atendendo os seus princípios intrínsecos, deve considerar as elites e a maioria do nosso povo, para satisfazer o trabalho de direção e o trabalho de execução da nossa sociedade, a qual implica educação popular e educação universitária. [...] Cumpre-nos, entretanto, organizar o nosso sistema de educação dentro de uma doutrina orgânica e sistemática, consultando as tendências e diretrizes da cultura nacional. (GRANDE, 1941, p.78-79).

A educação deve olhar as necessidades do país que aposta agora na direção do seu desenvolvimento industrial (Getúlio Vargas inaugura a Cia. Siderúrgica Nacional). E ser regida “por princípios objetivos e realísticos”, aspirar “formar uma mentalidade construtiva no espírito juvenil, de acordo com os interesses nacionais”. (GRANDE, 1941, p.9).

Os debates sobre essa escola secundária e até polêmicos vão se dando no seio da elite educacional, ou seja, na ABE, nos Congressos de Educação, nos grupos que participam do INEP, na sua Revista de Estudos Pedagógicos. Na década de 1950, os debates envolvem a discussão da validade da educação humanística, os ataques ao ensino acadêmico e seu currículo literário; a dualidade do sistema; as questões da finalidade da educação secundária.

No início dos anos de 1960 já se esboça um currículo inspirado valores mais utilitários, quer dizer mais de cultura científica e técnica que será validado pela LDB de 1961.

2. A criação do Ginásio do Estado de Santos.

Até 1930, existiam apenas três ginásios públicos localizados no Estado de São Paulo: o Ginásio da Capital instalado em 1894, o de Campinas, criado em 1896 e o de Ribeirão Preto, em 1906. As vagas oferecidas por essas escolas não ultrapassavam o número de 1450 matrículas anuais para uma população de aproximadamente 7 milhões de habitantes.

O curso ginásial estava, assim, reservado a uma minoria. Para os santistas e moradores das cidades vizinhas, apenas aqueles que dispusessem de recursos para se manter em outra cidade ou estudar em escolas particulares poderiam frequentar o curso ginásial e, assim, ter acesso às escolas superiores.

A Santos, não poderá o governo do Estado com justiça recusar a criação de um gymnasio official. Sua população de cerca de 150.000 habitantes, sua importância commercial, sua tendencia progressista estão a patentear essa necessidade. O que ha a estranhar e lamentar é que a segunda cidade de São Paulo ainda não tenha sido dotada de um instituto de instrução secundaria official, quando tantas outras cidades de somenos já contam esse melhoramento. [...]

Não. Não se pode prescindir actualmente de maior amplitude de conhecimentos que os obtidos nos grupos escolares. Para justificar a ausencia de gymnasio official também se allega a proximidade da Capital. Mas... então os paes pobres ou de poucos recursos e familia numerosa devem como acrescimo a essa pena ficar inibidos de dar aos filhos educação mais completa, visto não os poder manter na capital? [...]

Ha na verdade varios estabelecimentos de instrução secundaria em Santos. Mas actualmente é muito caro frequenta-los e o próprio governo para isto tem contribuido, de maneira que os paes pobres sentem-se collocados num horrível dilema – ou desistir de completar a educação dos filhos ou andar mendigando a sua admissão gratuita nesses gymnasios naturalmente pouco dispostos ao favor, pois que tambem não é lisonjeira a sua situação economica... (Trechos de uma carta enviada ao jornal *A Tribuna*, publicada na edição de 25/03/34, p. 3)

O plano educacional do governo de Armando de Salles Oliveira⁵, preocupado com a falta de escolas para atender a demanda populacional, priorizou a instalação de escolas profissionais nas zonas agrícolas e industriais e de ginásios na grandes cidades paulistas.

Em decretos subseqüentes, Armando de Salles Oliveira criou mil escolas: “O actual interventor, na execução de seu governo marcadamente constructor, toma em primeira linha de suas realizações incrementar ainda mais, levando ao máximo desenvolvimento, qualitativo como quantitativo, a educação paulista”. (trecho do artigo intitulado “Exemplo Paulista” publicado pelo “Diário de Notícias” do Rio Grande do Sul em 3 de março de 1935. Anuário de Ensino do Estado de São Paulo: 1935-1936, p. 366).

Ao priorizar a difusão do ensino primário na zona rural, não estava o orçamento do Estado preparado para arcar com as despesas de construção de prédios próprios para a instalação dos cursos ginasiais.

Para tentar solucionar o problema, foi firmado um convênio com as cidades, para a construção dos edifícios escolares destinados aos cursos secundários. Com essa medida, o governo de Armando de Salles Oliveira criou 19 ginásios, totalizando 31 estabelecimentos de educação secundária até 1937, com quase 9.400 alunos.

Atendendo aos apelos da população santista, foi na gestão de Aristides Bastos Machado⁶, que partiu a iniciativa de propor ao Estado a instalação de um ginásio oficial na cidade. “Em sua gestão no governo do município foi promulgado o ato que instituía a verba de 760:000\$000 para a construção do edifício e de 200:000\$000 para o material didático”. (A Tribuna, 28/08/1937 p.5).

Esse estabelecimento, visando às necessidades educativas regionais, foi instalado em Santos com a finalidade de servir toda a região litorânea paulista. Foi criado em 11 de agosto

⁵ Armando de Salles Oliveira foi interventor federal no estado de São Paulo entre 21/08/1933 a 11/04/1935 e governador eleito pela Assembléia Constituinte de 11/04/1935 a 29/12/1936.

⁶ Aristides Bastos Machado, nomeado prefeito na cidade de Santos no período de 02/04/1932 a 02/04/1935. Eleito em 13/08/1936, permanece no cargo até 15/10/1936, quando renuncia.

de 1934, junto com ginásios oficiais Franca, Jaboticabal, Tietê e Bauru. De acordo com o decreto a Prefeitura da cidade faria ao governo do Estado doação do prédio, das instalações e do material didático, bem como as despesas do estabelecimento, inclusive o vencimento do pessoal do ano de 1935. A nomeação de diretores e funcionários do Ginásio seguia, sem muitas alterações, do mesmo modo como ocorria na Primeira República:

Os diretores dos ginásios eram nomeados livremente pelo governo, podendo ser escolhidos entre os lentes catedráticos desses estabelecimentos. Além de presidir as sessões das congregações, convocando-as quando julgassem conveniente, aos diretores competia observar e fazer cumprir o regulamento, exercer a inspeção geral do estabelecimento escolar, determinar substituição de funcionários e do corpo docente, assinar folhas de pagamento, impor penas disciplinares, elaborar relatórios circunstanciados sobre o andamento dos trabalhos na escola, informar dados à Diretoria Geral da Instrução Pública e propor nomeações do pessoal administrativo.

Para auxiliar nas atividades administrativas, o quadro de pessoal dos ginásios era constituído por um secretário, um bibliotecário, um amanuense, um porteiro, dois contínuos e um servente. Pela sua estrutura e organização, os ginásios configuravam-se como instituições educacionais de maior complexidade e de grande prestígio social. (SOUZA, 2008, p. 121).

No dia 23 de fevereiro de 1935 foi designado o professor Malachias de Oliveira Freitas, inspetor da Delegacia de Ensino de Santos, para exercer, em comissão, o cargo de diretor do Ginásio do Estado de Santos. Foram nomeados também os funcionários Ligia de Sá Goulart Filgueiras, para o cargo de secretária; Hermínio de Azambuja Cidade, para o cargo de 4º escriturário; Sylvio da Rocha Leite, para inspetor de alunos; Alberto Nostre, servente do Grupo Escolar Barnabé, para exercer em comissão o cargo de porteiro, e Antonio Martinez e Anna Veloso, para serventes.

Um ano depois, até a construção do edifício próprio, o ginásio funcionou em um prédio da Avenida Anna Costa, número 357, onde foi instalada a secretaria do estabelecimento para atender aos interessados nas inscrições para os exames de admissão à primeira série do curso.

Para realizar o Exame de Admissão os candidatos deveriam ter idade mínima de 11 anos e máxima de 17. Além de cumprir algumas exigências como pagamentos de taxas e comprovar, por meio de atestado médico, não ter problemas de saúde e estar em dia com as vacinas, o candidato passaria por um rígido exame escrito e oral. A parte escrita avaliava conhecimentos da disciplina de Português e Aritmética. Redação, ditados, cálculos e a avaliação da caligrafia eram analisadas nesse primeiro momento. Em um segundo momento, os candidatos eram avaliados oralmente com questionamento relacionados às disciplinas de Geografia, História do Brasil, Ciências Físicas e Naturais.

Inicialmente foram criadas duas salas de 1ª série do curso ginásial. As aulas estavam previstas para ter início no dia 15 de março de 1935, mas a data teve que ser alterada para atender a grande demanda de inscrições. No dia 10 de março foi publicado o seguinte comunicado no jornal A Tribuna:

Afim de atender a numerosos pedidos telegraphicos que têm vindo de várias cidades do litoral, e considerando as dificuldades de transportes nessa zona, foi prorrogado o prazo das inscrições para exames de admissão ao Gymnasio do Estado local.

Ha mister ponderar, outrosim, que, quando o governo criou esse estabelecimento, visou as necessidades educativas regionaes, ou seja, esse gymnasio, installado em Santos, tem por finalidade servir toda a região litorânea paulista. [...] (*A Tribuna*, 10/03/1935, p.7)

No mesmo comunicado, os candidatos eram advertidos sobre o teor do artigo 24, do Decreto Federal n.º 21.241, de 4 de abril de 1932, que consolidou as disposições sobre a organização do ensino secundário no Brasil, no qual a banca examinadora, nos institutos sob regime de inspeção, só poderia ser formada por três professores do próprio estabelecimento.

Dess'arte, aguardar-se-ão as nomeações dos lentes do gymnasio official de Santos, para a determinação dos dias de exames de admissão á primeira série, única que funcionará nesse instituto de ensino.

Essas nomeações devem ser feitas o mais breve possível, e serão em caracter interino, até provimento por concurso, conforme reza o decreto estadual que instituiu o Gymnasio do Estado desta cidade, aliás de acordo com os artigos 158 e 170 da Constituição Brasileira. (*A Tribuna*, 10/03/1935, p.7)

A nomeação dos primeiros professores do Ginásio do Estado de Santos ocorreu, por ato do Secretario de Educação, entre os dias 18 e 19 de março de 1935. Como já estava previsto no decreto nº 6.601 de 11 de agosto de 1934⁷.

Foram nomeados interinamente, Luis dos Santos, para professor de Português; Mario de Almeida Alcântara, para professor de Matemática; José de Almeida para professor de Ciências Físicas e Naturais; José Dantas para professor de História da Civilização e Adelina Mazagão Alcover para professora de música. Foi designado Orlando Sousa Magalhães, adjunto do Grupo Escolar de São Vicente, para exercer, “com prejuízo dos vencimentos respectivos”, o cargo de professor de Geografia.

A partir da década de 1940, a nomeação dos professores passou a ocorrer por meio de concursos públicos e priorizou os docentes formados nas Faculdades de Filosofia.

A regulamentação do trabalho docente foi instituída pelo Registro de professores junto ao Departamento Nacional do Ensino e destinava-se à inscrição dos candidatos ao exercício do magistério em estabelecimentos de ensino secundário públicos e privados. A reforma⁸ introduzia ainda, como critério de recrutamento do corpo docente do Colégio Pedro II, o concurso para professores catedráticos escolhidos entre diplomados pela recém-criada Faculdade de Filosofia, Educação, Ciências e Letras, remetendo à formação específica do professor secundarista que haveria de se desenvolver no país no anos seguintes. (As Faculdades de Filosofia (ou Educação), Ciências e Letras – FFCL, foram criadas no Brasil pelo Estatuto das Universidades Brasileiras instituído pelo ministro Francisco Campos (Decreto n. 19.854, de 11/04/1931) como núcleo integrador e realizador do ideal universitário. A primeira dessas faculdades surgiu com a fundação da Universidade de São Paulo, em 1934. desde o início, as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras tiveram como finalidades desenvolver a pesquisa científica pura, preparar uma elite intelectual por meio da cultura geral e desinteressada e formar professores para o ensino médio. Sobre a história das FFCL, cf., entre outros, Abreu 1966; Cunha, 1986; Castro, 1974; Vaidergorn, 2003). (SOUZA, 2008, p. 150)

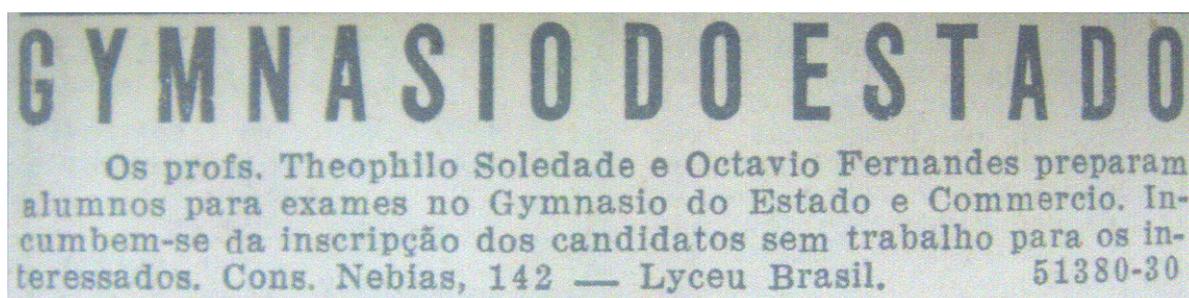
⁷ Artigo 2º - O governo nomeará o pessoal docente e administrativo dos gymnasios ora criados.

Paragrapho 1º - as nomeações do pessoal docente serão em caracter interino, até provimento por concurso, que se realizará, progressivamente, nesta Capital, na forma do que for estabelecido por acto do Secretário da Educação e da Saúde Publica.

Paragrapho 2º - as nomeações do pessoal administrativo serão feitas em caracter interino, ou em comissão, até que o provimento definitivo dos cargos respectivos seja regulado na forma da Constituição Federal.

⁸ Decreto n. 19.850, de 14/04/1931.

A grande procura por vagas no Ginásio do Estado, estimula a criação de cursos para “Admissão ao Gymnasio do Estado”, pelos professores Theophilo Soledade e Octavio Fernandes, de acordo com o programa oficial. Funcionava em anexo ao “Lyceu Brasil”, na rua Conselheiro Nébias, n. 142.



1. Anúncio de aulas preparatórias para o Exame de Admissão do Ginásio do Estado. Jornal A Tribuna (24/12/1935).

Em 1936, inscreveram-se para o Exame de Admissão, que ocorreu entre os dias 18, 19, 20 e 21 de fevereiro, 241 candidatos. Um número alto se comparado ao Ginásio Oficial da Capital onde houve no mesmo ano 302 inscrições, sendo que em São Paulo a população era de aproximadamente 1.060.450 habitantes e Santos apenas 142.050, segundo o recenseamento do período. (*A Tribuna*, 25/02/1936, p.5).

O grande numero de candidatos ao ingresso no curso secundario, facto observado nesta cidade tanto no Gymnasio do Estado como nos estabelecimentos congeneres locaes, é um seguro índice de civilização, reflexo da cultura santense. Quanto mais culto é um povo, tanto maior o seu interesse pela educação de seus filhos.

A criação do gymnasio official desta cidade veiu estimular esse interesse. Essas iniciativa é uma consequencia da política adoptada pelo actual governo de São Paulo, que vae desenvolvendo, com muito carinho, o plano educacional de sua administração. Esse plano já se concretiza em realizações fecundas como a Universidade, a installação de numerosos gymnasios e escolas profissionaes nas grandes cidades paulistas, e no provimento de varias centenas de escolas primarias e todo o Estado.

Collaborando com o governo nessa campanha, a Prefeitura local, além de dispender vultosa verba com a manutenção de muitas escolas primarias no municipio, concorreu com todo o material do gymnasio official, installação que custou cerca de cem contos, e reservou setecentos contos do seu

orçamento deste anno para a construção, já iniciada, de um edifício proprio para esse educandario. (*A Tribuna*, 25/02/1936, p.5).

3. A construção e a inauguração do edifício.

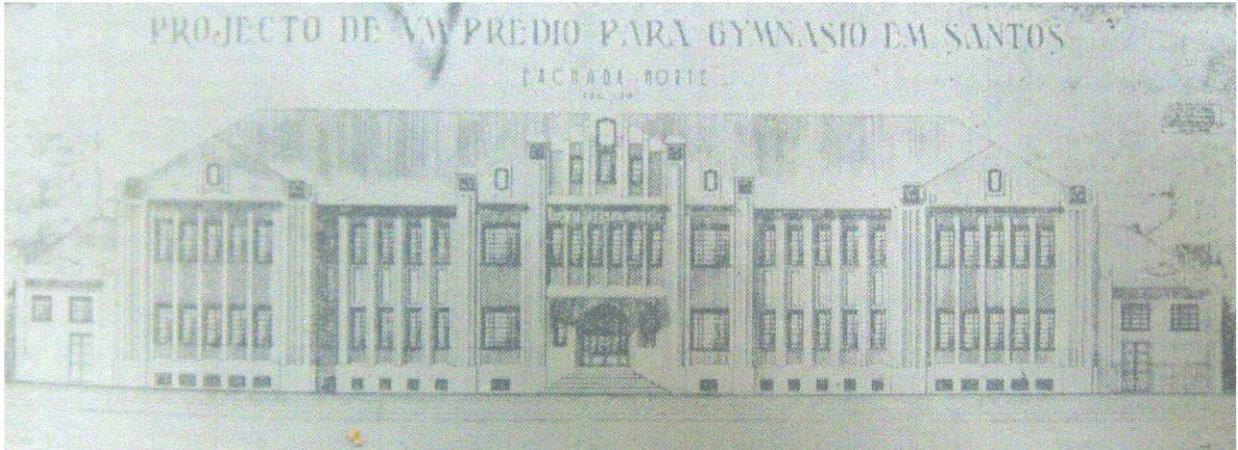
Ficariam as municipalidades responsáveis pela doação ao governo, dos prédios, das instalações e do material didático necessário para o funcionamento desses estabelecimentos e que a partir de 1936 ficariam sob a responsabilidade do Estado.

Dessa forma, a prefeitura de Santos, sob a gestão de Aristides Bastos Machado, deu inicio a construção do edifício, no final de 1935. Desde fevereiro de 1935 funcionou em casa adaptada na Avenida Ana Costa, nº. 357.

Para isso, foi aberto um edital para concorrência para a construção do edifício. O projeto é de autoria de João Bernils, da “Secção de Obras da Prefeitura de Santos” que o desenvolveu nas indicações sugeridas em memorial, pelo diretor do ginásio, procurando obedecer às “mais modernas exigencias hygieno-pedagogicas”. No projeto original, a sua lotação era para 500 alunos em um só período ou de 1000 em dois períodos.

Previu-se, tambem, a criação do curso complementar do gymnasio, o qual é feito hoje no Collegio Universitario, em São Paulo, cuja existência a lei federal do ensino permite nos estabelecimentos que attendam a determinadas exigencias materiaes e pedagogicas. Outrosim, as dimensões do edifício possibilitam a installação, futuramente, de um curso de formação de professores (Escola Normal) ou de uma escola de commercio a actividade predominante em nosso meio. (*A Tribuna*, 17/11/1935, p. 3).

O edifício foi construído no centro de uma quadra, limitado pelas ruas Mato Grosso, Voluntários Santistas, João Pinho e Dr. Itapura Miranda. A quadra tinha 3.268 metros quadrados, dos quais 1.365 foram ocupados pela construção, e 1.903 metros destinados a jardins e praças de esportes.



2. Projeto de construção do Ginásio do Estado, publicado no jornal A Tribuna de 17/11/1935.

Essa área é próxima à Avenida Conselheiro Nébias, onde trafegavam à época várias linhas de bonde, e ao canal três (Avenida Washington Luís), suficientemente distante dos barulhos de ruas movimentadas. Por ser uma área estreita, o projeto foi desenvolvido para ocupar um espaço com pouca profundidade sendo assim justificado:

Dispondo o lote de muita frente e pouco fundo, a parte anterior do prédio teve, no projecto, de desenvolver-se em uma fachada de 50 metros e 40, em desproporção notável com a altura limitada a dois pavimentos de 4 metros de pé direito. Para corrigir esse inconveniente, com vistas a estética, foi mister movimentar a fachada principal, dividindo-a em cinco corpos: dois intermediários, um central com saliência de 0,45 sobre aqueles, e dois lateraes extremos com um avanço de 1m, 10. Ainda assim, a monotonia da fachada principal seria flagrante se não fora a idéia de interromper o coroamento do edifício, supprimindo a platibanda dos corpos intermediários, que terminam em beiral de 0,45 de balanço. Apesar disso, impôs-se a elevação do corpo central a, pelo menos, $\frac{3}{4}$ da altura do segundo pavimento, o que foi conseguido com a formação de um attico, que será aproveitado para alojamento do zelador.

O predomínio das linhas verticaes tambem concorreu para corrigir a desproporção entre as duas dimensões da fachada. (*A Tribuna*, 17/11/1935, p.3).

O jornal A Tribuna (17/11/1935, p. 3) apresenta uma grande matéria sobre o edifício. Segundo o projeto inicial, no primeiro pavimento ficariam o saguão de entrada principal, secretaria, diretoria, sala do inspetor federal, arquivo, biblioteca, uma sala para professores e outra para professoras, “duas seções de instalações sanitárias e quatro salas ambiente –

Physica e Chimica, Historia Natural, Geographia e Desenho, que serão dotadas do mais moderno material didactico”. E também a escola teria um projetor cinematográfico.

A distribuição geral do edifício, tanto interna como externa, é perfeitamente symetrica, e a localização do salão para conferencia e cinema no eixo do prédio augmenta a harmonia do conjunto. Esse salão, de oito metros de altura, incluindo as galerias, terá o piso em dois planos inclinados, e disporá de um palco com camarins. (*A Tribuna*, 17/11/1935, p. 3).

Observe-se que a discussão da estrutura do prédio ainda sinaliza a divisão por sexo.

Se bem que a coeducação seja preconizada por muitos pedagogistas e praticada nalguns paises, a nossa evolução social, reaccionariamente, ainda não a admite. Por isso, o projecto da construcção do edifício é em duas secções perfeitamente symetricas, com entradas, escadas, installações sanitárias e recreios para a secção masculina de um lado e para a feminina de outro, inteiramente separados. (*A Tribuna*, 17/11/1935, p. 3).

O acesso a essas salas seria feito por um corredor central de 2,5 metros amplamente iluminado, tendo duas escadas de 1,5 para chegar-se ao pavimento superior. No segundo pavimento foram projetadas sete salas de aula, duas saletas para professores e mais duas secções de installações sanitárias.

João Bernils, engenheiro da Prefeitura local, executou o projeto. Venceu a concorrência, para a construção do prédio, Polydoro Bittencourt. As obras tiveram inicio na administração de Aristides Bastos Machado (1932 – 1935), desenvolveram-se na gestão de Antonio Gomide Ribeiro dos Santos⁹ (1935 – 1936), porém, coube a Antonio Iguatemy Martins¹⁰ (1936 – 1938), terminar as obras e inaugurar o edificio.

Previa-se também as dependências para a educação física, que foram só muitos anos depois construídas:

⁹ Antonio Gomide Ribeiro dos Santos, prefeito nomeado em 02/04/1935 a 13/08/1936; 17/01/1938 a 14/07/1938; 01/07/1941 a 31/08/1945.

¹⁰ Antônio Iguatemy Martins Júnior, prefeito eleito de 15/10/1936 a 10/11/1937 e nomeado de 10/11/1937 a 17/1/1938.

Considerando a importância que se deve dar á educação physica dos adolescentes, de vez que a gymnastica e o esporte, racionalmente praticados, equilibram o desenvolvimento bio-psychico do educando, servindo de derivativo a determinadas precocidades sensuaes, contribuindo para tornar o ambiente escolar alegre e estimulando o espirito de sociabilidade, o projecto comprehende dois gymnasios de 126 metros quadrados cada um, dotados de aparelhamento apropriado, além de reservar as duas amplas áreas lateraes do prédio para campos de esportes. (*A Tribuna*, 17/11/1935, p. 3).

Durante a sua trajetória o Ginásio do Estado da rua Mato Grosso foi adaptando as suas dependências conforme a necessidade do movimento.

O dia 28 de agosto de 1937 foi marcado pelo acontecimento de dois grandes eventos na cidade de Santos. A inauguração do novo edifício da Repartição de Saneamento¹¹ e do edifício do Ginásio do Estado de Santos.

O ato inaugural e toda a solenidade teve a presença do governador do Estado José Joaquim Cardoso de Mello Neto¹². O governador foi recebido pelo prefeito da cidade Antonio Iguatemy Martins Junior. Estiveram presentes secretários de Estado, membros do Poder Legislativo autoridade civis e militares, engenheiros da secretaria da Viação, altas autoridades administrativas, convidados e representantes da imprensa. Tais presenças demonstram a importância da escola secundária para a cidade, também como evento político¹³.

¹¹ Funcionava antigamente em imóvel já reformado por diversas vezes. Este está localizado na Avenida São Francisco, n. 128, local que anteriormente funcionava o departamento da Secretaria da Viação.

¹² José Joaquim Cardoso de Mello Neto foi governador do Estado de São Paulo eleito pela Assembléia Legislativa de 05/01/1937 a 10/11/1937 e interventor federal no Estado de 11/11/1937 a 26/04/1938.

¹³ A comitiva do governador estava assim representada: Ranulpho Pinheiro Lima, secretario da Viação; Sylvio Portugal, secretario da Justiça; Eduardo Munhoz, representante do Secretario de Segurança; Thomás Corbett, representante do Secretario da Fazenda; Valentim Gentil, secretario da Agricultura; Cantidio de Mora Campos, secretario da Educação e Saúde Publica; Aritides Bastos Machado, secretário do governo; Henrique Bayma, presidente da Assembléia Legislativa; José Amadei; Antonio Prudente de Moraes; Sebastião de Camargo Calazans, diretor do Serviço Sanitário; Domicio Pacheco e Silva, diretor do Departamento Municipal; representante do comando da Região Militar (General Pargas Rodrigues, comandante da 2ª Região Militar); deputado Henrique Lefevre; deputado Elias Machado; deputado Edgard França; Plínio de Queiroz; Mario Salles Souto, diretor da Sorocabana; Azevedo Marques; Oscar Machado, diretor de Obras Publicas do Estado; Sousa Lima; Rodolpho Valadão; Ary Sylvio de Toledo; Luciano Nogueira Filho; Marcio Munhoz, desembargador; Aloysio de Oliveira; Professor Almeida Junior, diretor de ensino; Professor Euzébio Marcondes; Major Othello Franco, chefe da Casa Militar do governador; Maercio Munhos, secretario particular do governador; José de Queiroz Mattoso, oficial de gabinete; Henrique Aragão; Carlos Teixeira, diretor do Banco do Estado; deputado Amaral Mello; Fabio da Silva Prado, prefeito da Capital; Humberto Pascale, inspetor geral do Interior; Comandante geral da Força Publica.

Às 9 horas, o governador e sua comitiva, deixaram a capital do estado em automóvel do palácio, sendo escoltado até Santos por um pelotão de motociclistas da Polícia Especial. Vieram um destacamento de guardas-civis, em uniforme de grande gala, incumbido do serviço de policiamento. O prefeito decidiu considerar facultativo o dia em todas as repartições da prefeitura. João Carlos de Azevedo, chefe do legislativo também fez o mesmo com relação a Secretaria da Câmara.

Ao chegar em Cubatão foram recebidos pelo prefeito da cidade de Santos e assistiram a inauguração do Posto do Serviço Especial de Defesa Contra a Febre Amarela, do Serviço Sanitário (cuja a sede estava instalada na Conselheiro Nebias, n. 187), e uma demonstração das atividades realizada na zona rural. Turmas de “matamosquitos” dirigidas pelos médicos do serviço, todos sob a direção do professor Henrique Aragão (diretor) realizaram uma demonstração de seus serviços.

Ao chegar em Santos foram, se dirigiram para o novo edifício da Repartição de Saneamento e lá foram recebidos pelos funcionário e o diretor da repartição Egydio José Ferreira Martins, ao som do Hino Nacional.

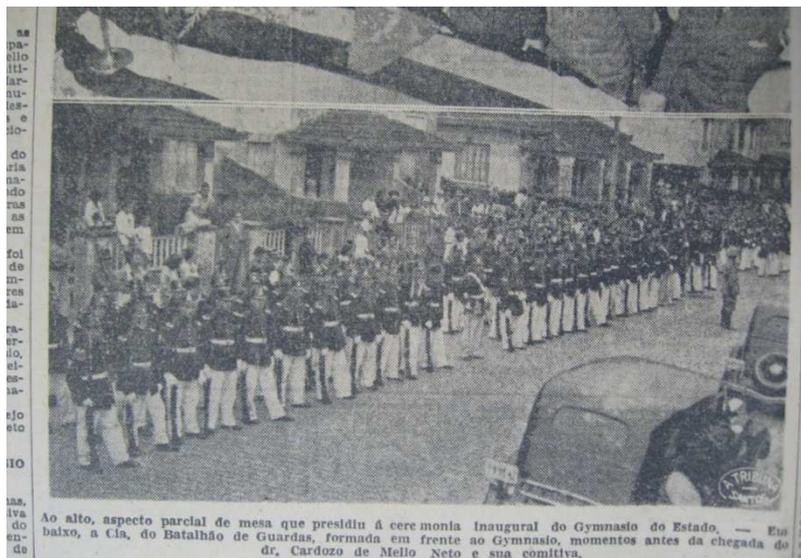
Assim surgiu do lado da Praça José Bonifácio a banda musical do Corpo Municipal de Bombeiros, que em uniforme de gala e exibindo instrumental novo marchava tocando um dobrado indo postar-se em frente o prédio a ser inaugurado, e procedendo da praça dos Andradas surgiu uma Companhia do Batalhão de Guardas, que veio especialmente de São Paulo, afim de prestar as continências de estilo ao governador do Estado, tomando posição ao longo do edifício. (*A Tribuna*, 29/08/1937, p. 28).

A inauguração do edifício do Ginásio do Estado realizou-se após a cerimônia de abertura do edifício de Repartição de Saneamento e depois de um almoço para 120 convidados, no Parque Balneário Hotel.



3. Mesa que presidiu a cerimônia inaugural do Ginásio do Estado. A Tribuna 29/8/1937.

Por volta das 16 horas deu-se a cerimônia de inauguração do prédio do Ginásio do Estado, abrilhantada pela “Corporação dos Bandeirantes Technicos”, do Instituto “D. Escholastica Rosa” formada em frente ao Ginásio, em continência ao governador do Estado.



4. Cia. do Batalhão de Guardas, formada em frente ao Ginásio, momentos antes da chegada do dr. Cardoso de Mello Neto e sua comitiva. A Tribuna 29/8/1937.

A frente do bello edificio do Gymnasio estava alinhada a fanfarra do Instituto “Dna. Escholastica Rosa” bem como o batalhão de guardas da Força Publica, em uniforme de gala e com a respectiva banda de musica.

A banda do Corpo de Bombeiros, sob a regência do maestro Garofalo, tambem ali estava, tendo essa corporação municipal inaugurado hontem seu vistoso uniforme e instrumental novo, em metal branco. [...]

Á sua entrada, as alumnas do Gymnasio, formadas na escadaria que dá acesso ao edificio, acclamaram o nome de s. exa., agitando bandeirolas com as cores brasileiras e paulistas, o mesmo tempo que as bandas de musica executavam, em conjunto, o Hymno Nacional. (*A Tribuna*, 29/08/1937, p. 7).

Recebido pelo diretor Malachias de Oliveira Freitas e demais professores do estabelecimento e também pelas famílias dos alunos, o governador, ficou bem impressionado após ter conhecido todas as dependências do ginásio com as explicações do diretor sobre a aparelhagem técnica. No Auditório, sentando em lugar especial ladeado pelo seu secretário e o prefeito municipal.

A cerimônia inaugural do bello edificio decorreu com intenso brilhantismo, iniciando-a a orchestra da Radio Atlântica, sob a direção do sr. Zico Mazagão, a qual executou a marcha Anathalia, seguida do Hymno Nacional, cantado por todos os alumnos. (*A Tribuna*, 29/08/1937, p. 7).

Iniciou-se a sessão solene de inauguração, discursou Waldemar Leão, líder da maioria da Câmara municipal.

A seguir, a orchestra da Radio Atlântica executou o “Hymno do Gymnasio”, musica de Zico Mazagão e letra do Dr. Luis dos Santos, professor da casa.

Prosseguindo na cerimônia, a menina Paula Beiguelman (futuramente catedrática da USP e autora de livros), aluna do ginásio, declamou o seguinte soneto de saudação ao governador Cardoso de Mello Neto, também de autoria do dr. Luis dos Santos. No final do qual entregou vistosa corbelha de flores naturais sob prolongada salva de palmas:

Se a Pátria, muito bem, representaes, á porta
do Gymnasio que abris, em luminosa entrada,
senhor Governador, em vós seja saudada
a Pátria, que ao dever, constante, nos exhorta.

Se esta cada nos daes – e a dadiva é sagrada! –
desta augusta officina, a mágica retorta,
as almas juvenis refaz e as reconforta,
ao toque de clarim, que é a luz desta alvorada!

A nossa gratidão, queremos que se meça
de fórmula original, essencialmente expressa
em frases de crystal – finíssimos labores!

Muito melhor, porém, que me frases, aos punhados,
vão nossos corações, aqui representados,
no conjunto aromal de todas estas flores.

(*A Tribuna*, 29/08/1937, p. 7)

O “orpeon do Gymnasio”, logo após, cantou a modinha brasileira “Quem sabe?” com acompanhamento da orquestra.

Em seguida, discursaram o diretor Malachias de Oliveira Freitas, o jovem Olavo de Oliveira Bittencourt, do Centro dos Estudantes de Santos e Cantidio de Moura Campos, secretario da Educação. Este focalizou o problema do ensino, realçando as realizações da inteligência no campo da educação e terminou a sua fala dizendo que o ginásio de Santos era um dos mais importantes do Estado.

A cerimônia da inauguração do “Gymnasio do Estado” foi irradiada pela Radio Atlântica e a escola ficou aberta até as 9:30 horas para a visitação das famílias.



5. Visão da fachada do Ginásio vista do lado esquerdo, em 1939.



6. Visão da fachada do Ginásio vista do lado direito, em 1941.

No período da noite o edifício ficou aberto a visita dos pais dos alunos, num dos pátios do ginásio a banda de música do Corpo de Bombeiros executava uma retreta.

Terminada a visita das famílias ao estabelecimento, os alunos e alunas seguiram para o Hotel Parque Balneário, acompanhados pelo diretor e demais professores.

No Hotel da Avenida Ana Costa foi homenageado pelos “gymnasianos” o secretário do governo Aristides Bastos Machado, pela voz de Nelson Bernardes em nome dos colegas de ginásio. Aristides Bastos Machado sempre teve muita simpatia pela classe estudantil e foi sob sua gestão e força política que foi criado em Santos o Ginásio do Estado.



7. Da direita para a esquerda, a segunda pessoa que aparece na foto é o diretor Malachias de Oliveira Freitas. A Tribuna, 29/8/1937.

Estavam presentes Antonio Iguatemy Martins Junior, prefeito municipal; o diretor Malachias de Oliveira Freitas, Haroldo Levy, Oswaldo Silveira (membro do diretório do PC), Jayro Franco e Dirceu Santos. A presença da Banda de Música do Corpo de Bombeiros deu mais solenidade ao evento.

4. A luta pela Equiparação.

O governo federal procurava manter a padronização e a inspeção das escolas mediante o processo de equiparação do Ministério da Educação e Saúde Pública:

Segundo o decreto n. 19.850, de 14/4/1931, para efeito de expedir certificados de habilitação válidos e legais, os estabelecimentos de ensino secundário deveriam requerer a equiparação ao Ministério da Educação e Saúde Pública, devendo apresentar instalações, edifícios e material didático apropriados, corpo docente inscrito no Registro de Professores, regulamento aprovado previamente pelo Departamento Nacional de Ensino e pagamento de cota anual de inspeção no valor de 12:000\$000 para os estabelecimentos com menos de 200 alunos. A equiparação seria feita por decreto do governo federal mediante proposta do Conselho Nacional de Educação. (SOUZA, 2008, p.150).

O Ginásio do Estado, em Santos, criado por decreto de 1934, iniciou o funcionamento no dia 27 de fevereiro de 1935, em uma casa alugada e adaptada na Avenida Ana Costa. Submetido à inspeção prévia para se conseguir a inspeção preliminar, foi-lhe negado o pedido por não ter estrutura suficiente para abrigar um ginásio.

Por esse motivo, a escola foi transferida para o 3º andar do majestoso edifício do Grupo Escolar “Cesário Bastos”, na Vila Matias, e assim conseguiu a inspeção preliminar em novembro de 1936.

A Prefeitura Municipal de Santos, responsável de acordo com o Decreto n. 6.601, de 11 de agosto de 1934, deveria proceder a doação do edifício, instalações e material didático. Como foi visto, construiu um belo prédio para abrigar o Ginásio do Estado, na rua Mato Grosso, num lugar mais nobre, porém a obra foi concluída somente em fevereiro de 1937, funcionando a partir de março deste mesmo ano.

O Ginásio do Estado assim deveria estar em regime de inspeção preliminar até o final de 1938, quando seria equiparado. Entretanto permaneceu nessa situação até a administração do Ginásio por Mário Marques de Oliveira iniciada em fevereiro de 1940.

Com a autorização do prefeito Cyro de Athayde Carneiro¹⁴ deu-se início ao processo de equiparação, entregue em 8 de fevereiro de 1943 à Divisão do Ensino Secundário, no Rio de Janeiro.

Uma das exigências da Divisão de Educação Física se referia à ampliação do prédio e esta foi realizada pela administração de Antonio Gomide Ribeiro dos Santos, que determinou, em 1942, a execução de pequenos reparos, a construção de duas salas de aula e a instalação de chuveiros e aparelhagem de Educação Física. Estas obras só foram terminadas em julho de 1944, fora do prazo determinado.



8. Publicada no jornal A Gazeta, de São Paulo, em 30/9/1944, nota-se a sala construída ao lado esquerdo do edifício.

Mesmo com o apoio do Diretor geral do Departamento de Educação, o prof. Sud Mennucci, o funcionário responsável por apreciar a situação do Ginásio, não deu

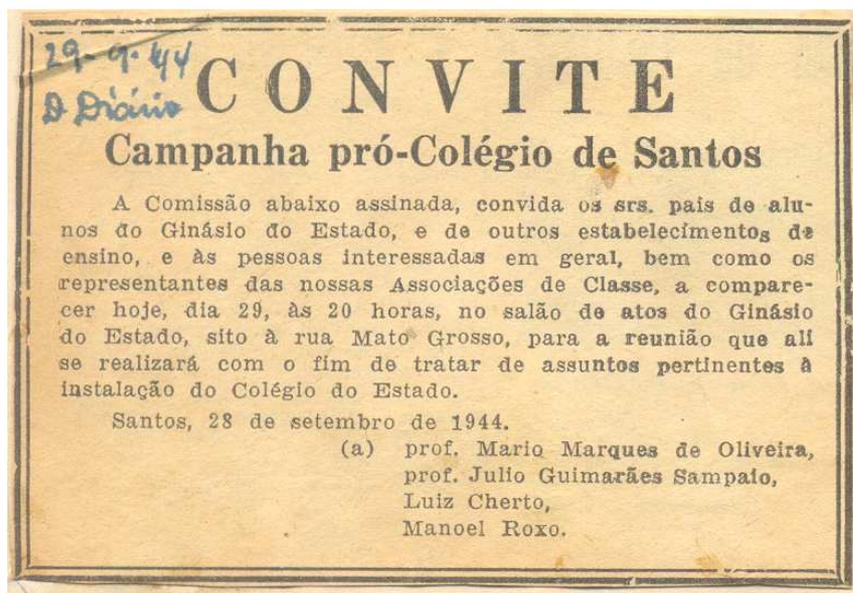
¹⁴ Prefeito municipal, nomeado, administrou a cidade de 14/07/1938 a 01/07/1941

conhecimento da necessidade de uma área livre de 800 metros quadrados para as práticas esportivas, no ofício de deficiências notadas, em julho de 1943.

Ora, a área livre que possui o prédio anda, mais ou menos, por 900 metros quadrados que sem computar o jardim, constituída, no entanto, de dois blocos de pequenas sobras de terreno, quando as instruções do Rio de Janeiro, esclarecendo o assunto, corroboradas pelos termos do telegrama de agosto p. passado, do diretor do Departamento Nacional de Educação ao Prof. Sud Mennucci, do qual pedimos cópia com urgência, dizem que “a área deve ser livre de qualquer obstáculo, plana, continua, regular e, si possível, revestida de grama e circundada de farta arborização. O revestimento de grama é indicado para a prática dos exercícios físicos, pois evita o inconveniente da poeira e apresenta vantagem de amortecer as quedas em casos de acidentes; cumpre ainda acrescentar que a drenagem é processo mais indicado para o escoamento das águas. Para a classificação da área, deve-se procurar inscrever nela o melhor retângulo possível, retângulo esse cujas dimensões mínimas são de 800 metros quadrados para os externatos mixtos”. (Entrevista de Mário Marques de Oliveira, publicada no jornal *A Tribuna* em 29/09/1944).

Com a intenção de buscar apoio na sociedade, em 23 de setembro de 1944 (sábado) foi realizada uma reunião no Ginásio para esclarecer sobre os esforços realizados pela direção em se conseguir a equiparação do Ginásio de Santos. Presidindo a mesa, Ramiro Guimarães Leite, e demais participantes sugeriram a criação de uma comissão com plenos poderes para organizar novas reuniões com a presença de pais de alunos e interessados na criação do Colégio de Santos. A comissão ficou composta pelo professor Antônio Júlio Guimarães Sampaio, Luiz Cherto, professor Mário Marques e Manoel Roxo.

Uma intensa campanha foi deflagrada a partir desta reunião com apoio de diversas entidades e associações, ganhando espaço em todos os jornais da região.



9. Convite realizado à sociedade em geral para discutir a criação do Colégio do Estado. *O Diário* 29/9/1944.

Sobre essa campanha, o professor Antonio Júlio Guimarães Sampaio, publicou no jornal A Tribuna, artigo no dia 27/09/1944:

Já agora o movimento que se forma na cidade de Santos em prol da equiparação do seu ginásio oficial é um movimento consciente e nobre de pais de alunos e de cidadãos beneméritos que emprestam à campanha o concurso de suas inteligências e de suas atividades. Mais do que uma fundação monumental, mais do que um belíssimo monumento, a cidade precisa ter ainda este ano o seu ginásio equiparado.

É verdade que os jardins da praia enfeitam a cidade aos olhos de preocupados dos turistas, é verdade que o pomposo edifício da Prefeitura é patrimônio do povo; não é menos verdade, porém, que o Ginásio do Estado, onde se formam centenas de jovens santistas, mais do que um aquário, mais do que um orquidário merece o desvelo das autoridades que zelam pelo bem estar da formosa e opulenta Santos.

Os comentários começam a aparecer mais intensamente nos jornais:

É do interesse geral que Santos possua o seu colégio oficial. Na situação em que ora se encontra nossa cidade, sem uma escola padrão, com todas as instituições de ensino secundário ou superior nascidas e mantidas pela iniciativa particular, é enorme o prejuízo que sofre a nossa mocidade, impossibilitada que se encontra de receber aqui mesmo educação integral. é uma situação incomoda e inexplicável e de fácil solução. Depende apenas de boa vontade, boa vontade que, tendo faltado até hoje, não poderá faltar agora, para benefício dos jovens que aqui vivem e para engrandecimento da

cidade. Santos é a mais importante cidade do Estado, depois da Capital, e no entanto vive à margem do progresso, no que se refere a institutos de educação. Prevenção ou pouco caso dos que devem se interessar pela cidade? (O Diário de Santos, 29/09/44).



10. Os membros da comissão em visita no dia 25/9/1944 ao O Diário. Da esquerda para a direita, a 3ª pessoa é o diretor Mário Marques de Oliveira e a 6ª pessoa é o prof. Antônio Júlio Guimarães Sampaio. *O Diário* de 26/9/1944.

Em nota oficial, publicada no jornal A Tribuna, publicado a 29/09/1944, a Prefeitura assim se defende das acusações de omissão, veiculadas pela imprensa:

Desde 1942 que esta prefeitura, consciente de suas responsabilidades administrativas e dedicando sempre a melhor atenção a tudo que diz respeito á instrução pública local, vem atendendo aos reiterados pedidos do sr. diretor do Ginásio do Estado, procurando adaptar convenientemente aquele estabelecimento estadual de ensino e satisfazer as exigências legais, para que possa desempenhar a sua importante função educacional.

Além das obras de ampliação e adaptação feitas, o governo municipal tem cuidado da sua adequada instalação e da compra do aparelhamento de educação física, dependendo com esses serviços a quantia de cerca de duzentos mil cruzeiros.

Ao ser esta Prefeitura informada, pelo dr. Avelino Vieira, dos requisitos exigidos pela Divisão de Educação Física para o efeito de equiparação do Ginásio, figurava entre os respectivos itens a construção de uma pista de área livre de 800 metros quadrados. Ora, esta Prefeitura entendeu sempre que área livre, em linguagem técnica, é um espaço isento de construção. E o espaço interno das duas áreas laterais, livre de edificação, no Ginásio do

Estado, mede 1.040 metros quadrados, área, conseguintemente, maior do que a exigida.

Certa de haver atendido a todos os requisitos e nenhuma outra informação, pedido ou aditamento tendo sido apresentado aquela exigência, aguardava esta Prefeitura, como aguarda, que o poder competente solucionasse o pedido de equiparação.

Entretanto, surge agora com uma campanha pela imprensa local em que se procura atribuir ao poder público municipal uma atitude passiva, incompatível com a linha de conduta que vem, imperturbavelmente e sem alarde, mas com ânimo firme de patriótico, desenvolvendo há meses no sentido de dotar a cidade de Santos de um estabelecimento de ensino reclamado pela sua cultura e condizente com o seu grau de progresso.

A dúvida, pelo que se depreende, gira em torno da área livre, que pretende a Divisão de Educação Física seja uma, integral, coberta, se possível, de abundante arborização e gramada. É necessário, porém esclarecer que esta Prefeitura não recebeu, posteriormente à construção das pistas, nenhuma informação positiva sobre essa particularidade, certa como estava de que as áreas laterais isentas de construção, somando 1.040 metros quadrados, gramadas, se enquadrassem dentro dos requisitos legais. (*A Tribuna*, 29/09/1944).

Com o crescente apoio da sociedade para a criação do Colégio, as reuniões realizadas no auditório da escola eram sempre lotadas.

No dia 29 de setembro de 1944, aconteceu uma grande reunião no auditório do ginásio, com a presença de professores e pais de alunos. Na reunião todos assinaram um livro de adesão, que depois foi colocado no “Ao Preço Fixo”, importante loja comercial no centro da cidade, para ser assinado por todos aqueles que simpatizassem em dar apoio à criação do Colégio.

A Prefeitura preocupada em resolver o problema rapidamente anunciou também no mesmo comunicado o envio de Francisco Paino, diretor administrativo da Prefeitura, ao Rio de Janeiro, capital da República, para que, junto ao Ministério da Educação, solucionasse o impasse.



11. Na reunião do dia 29/09/1944, o sr. Alcides Costa Guimarães agradece a sua escolha para presidente da assembléia. A Tribuna 30/9/1944.

Com o auditório lotado, o prof e diretor Mario Marques de Oliveira lembrou da importância daquele momento. Em seguida, o prof. Julio Guimarães expôs detalhadamente o desenrolar dos trabalhos e os sucesso ate o momento.

Foram lidos por Mario Marques e Manoel Roxo os officios de solidariedade recebidos pela Comissão da Ordem dos Advogados, do Instituto Histórico e Geográfico e demais associações. A Assembléia foi dirigida por Alcides Costa Guimarães. Várias vezes foram ouvidos o professor Rosa Ferreira, “que fez um caloroso apelo aos santistas para que não deixem de oferecer seu valioso apoio a causa, continuando a contribuir com todo apoio moral em benefício de um movimento que interessa não somente aos estudantes, mas indistintamente a todos quantos visam o progresso de nossa terra”. (*A Tribuna*, 30/9/1944).

Falaram os pais de alunos Benedito Ferreira Alves e Manoel Marques Bastos. O professor João Taibo Cadorniga, militante das causas da instrução e em longa caminhada no

magistério, fez-se ouvir. Formou-se na ocasião o fundo de contribuições para fazer frente a despesas de propaganda, instalações e outros eventuais compromissos. “Corridos dois chapéus pelo auditório, verificou-se ter a coleta rendido a apreciável soma de Cr\$ 577,40, que foi entregue imediatamente ao tesoureiro da Comissão, sr. Luiz Cherto”. (*A Tribuna*, 30/9/1944).

Essa espera demorada incomodou e foi anunciada à imprensa:

Causou pasmo à cidade o ficar sabendo o que se passa com o Ginásio do Estado que, além do mais, ainda está em regime de fiscalização preliminar, sem ter obtido a equiparação, era situação de inferioridade, por conseguinte, relativamente a quase todos os estabelecimentos particulares, cujos proprietários se avantajaram ao estabelecimento oficial, conseguindo para seus colégios a equiparação definitiva, com as garantias oferecidas por lei. [...] não existe nenhum mistério no caso Ginásio do Estado. Falta-lhe apenas um pouco de área para os exercícios físicos dos alunos e alunas, exigência indispensável hoje, com o desenvolvimento que, em boa hora, começou a ter o nosso país. Não fosse o treinamento físico, a cultura dos músculos e dos nervos, desenvolvida conscientemente, os nossos homens não estariam na Itália recebendo os elogios que lhes dispensam os chefes dos mais aguerridos exércitos do mundo. (*O Diário* de Santos, 30/09/44, artigo assinado por R. Lossio)

A criação do Colégio passou a ser defendida por diversos setores da sociedade.

Algumas medidas tomadas na reforma Capanema visavam a padronização das escolas secundárias. Elas ficaram divididas em dois ciclos: um com duração de quatro anos, o primeiro ciclo; e o segundo ciclo, com três anos. Dessa maneira, os termos ginásial e colegial passaram a ser utilizados com freqüência, sendo incorporados pela sociedade até os dias atuais (SOUZA, 2008, p.172-173).

A mesma reforma de Capanema criou dois tipos de exames, os de suficiência e o de licença.

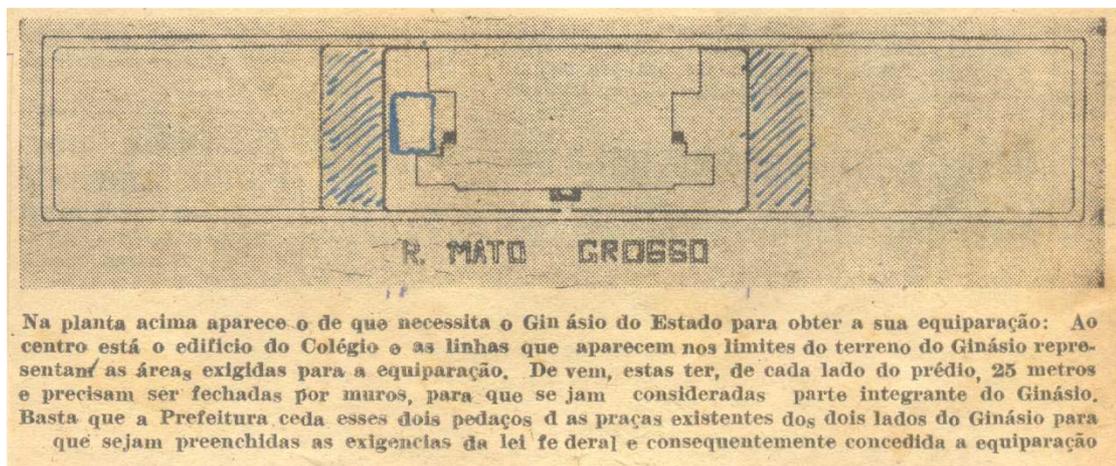
Os exames de licença seriam prestados na conclusão dos estudos de primeiro e segundo ciclo versando sobre todas as matérias estudadas em cada ciclo e a nota geral corresponderia à média aritmética das notas de todas as disciplinas. Os exames de licença, além da justificativa de garantia de melhoria da qualidade de ensino, constituíam-se em mais uma estratégia de manutenção do caráter seletivo e diferencial do ensino secundário. Esses

exames de Estado, por diversas vezes introduzidos na legislação do secundário e suprimidos logo em seguida, atesta as pressões sociais contra dispositivos draconianos de seletividade. (SOUZA, 2008, p. 175 - 174)

A dificuldade da realização dos exames em determinados locais foi argumento para a oficialização do Ginásio:

Ai estava um problema para os estudantes matriculados no ginásio oficial. Não só para estes, como para todos os outros do curso secundário sujeitos ao regime do exame de licença. É sabido que este exame, pela lei federal, só pode ser feito em colégio oficial. Deste modo, todos os estudantes santistas, na dependência do exame de licença, teriam que recorrer a colégios da Capital ou de outras cidades do Estado que os possuam regularmente oficializados. (**O Diário** de 01/10/44, artigo de Lima Sant'Anna.)

Os alunos do Ginásio, freqüentemente, visitavam as redações dos jornais locais em busca de apoio para a equiparação da escola. Amílcar Gaspar, aluno do Ginásio, preocupado em esclarecer o público em geral, fez um pequeno esboço do que era preciso ser realizado para a criação do Colégio, sendo publicada no jornal **O Diário**.



12. Planta desenhada por Amílcar Gaspar, aluno do Ginásio do Estado. **O Diário** de 28/9/1944.



Grupo formado na redação de O DIÁRIO, quando da visita dos alunos do Ginásio do Estado

13. Alunos do Ginásio em visita ao O Diário, em Santos. *O Diário* de 6/10/1944.

No dia 5 de outubro de 1944, Francisco Paino, diretor administrativo da Prefeitura, que se reuniu com as autoridades do Ministério da Educação, a fim de solucionar os problemas de equiparação, trouxe a notícia do que deveria ser cumprido:

O poder municipal já despendeu cerca de duzentos mil cruzeiros com a construção de salas de aulas, chuveiros isolados, caixa de saltos, aparelhos ginásticos, áreas livres, etc. Tem tido todos os ônus com aquele estabelecimento estadual de ensino, desde a sua construção.

Quando chegou ao seu conhecimento que era necessária área livre de 800 metros quadrados, o sr. Prefeito municipal mandou construir nas partes laterais do edifício áreas livres, de 520 metros cada uma, perfazendo um total de 1.040 metros. E se assim procedeu, teve s. excia. Em vista, além da satisfação daquela exigência, a estética do local, pois, estando o Ginásio construído no centro de uma praça pública, julgou s. excia. que as duas áreas se enquadravam dentro dos requisitos, não havendo, pois, necessidade de quebrar-se a harmonia de conjunto, si se prolongasse a área apenas para um dos lados do edifício.

Verifica-se, entretanto, pelo que me foi declarado naquele Ministério que a área não deve ser de 800 metros quadrados, mas de 1.500 metros quadrados, integral, livre de qualquer obstáculo, maior, por conseguinte, de tudo quanto se tem dito até aqui.

Nesse sentido, fui portador de um ofício do sr. diretor da Divisão de Educação Física, major João Barbosa Leite, ao sr. Prefeito Municipal, ofício que acabo de entregar a s. excia. juntamente com o meu relatório e no qual o caso está perfeitamente elucidado. (*A Tribuna*, 06/10/1944)

O prefeito, ao saber das notícias determinou a Diretoria de Obras que construísse imediatamente, na praça Voluntários Santistas, ao lado do Ginásio, uma área livre de qualquer obstáculo, de 1.500 metros quadrados, devidamente gramada.



O sr. Francisco Paino, diretor administrativo da Prefeitura, falando ao redator da "A TRIBUNA"

14. Francisco Paino, diretor administrativo de Prefeitura, falando ao redator de A Tribuna. **A Tribuna**, 6/10/1944.

A construção do muro autorizada pela Prefeitura de Santos, realizada em novembro e dezembro de 1944 pela firma O. Ribeiro e Cia Ltda, foi a ultima exigência cumprida para a equiparação. O muro foi construído ao redor de uma área livre de 30x50 metros, na praça Voluntários Santistas (lado direito) que foi anexada ao Ginásio do Estado.



15. Construção do muro na rua Mato Grosso. O Diário 31/10/1944.

Enfim, a batalha chega ao fim. Graças também à intervenção do professor Sud Mennucci, então chefe do Departamento de Educação do Estado, obteve-se a almejada criação do Segundo Ciclo: o interventor Fernando Costa criou no dia 9 de abril de 1945, pelo Decreto nº 18.320, o curso Colegial na escola.

Em homenagem à Cia. City¹⁵ (cujo capital era canadense), doadora das terras que mais tarde se transformariam em praça e, que posteriormente cedidas pela Prefeitura Municipal de Santos para a construção do Ginásio e logo para ampliação e equiparação, serviu de inspiração para nomear a escola, que assim passou a denominar-se Colégio Canadá.

¹⁵ Fundada em Londres em 1880, a The City of Santos Improvements & Company Ltd. era destinada à exploração de serviços públicos em Santos. A administração da empresa era canadense



16. Foto do início da década de 1930, tirada da Praia do Gonzaga, Avenida Ana Costa. No canto superior à direita, as terras que pertenciam à Cia. City.

No ano de 1947 era criado o Curso de Formação de professores Primários¹⁶ (o Normal) e o curso primário anexo. Pretendendo-se a transformação da Escola Normal Canadá em Instituto de Educação, foi entregue então ao Senhor Governador do estado de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez, um memorial solicitando a construção do novo prédio da Escola Normal Canadá e a sua transformação em Instituto de Educação¹⁷, assinado por inúmeros professores e normalistas.

E em 26 de agosto de 1953, foi doado ao Estado, pela lei 2.273, um terreno ao lado esquerdo do estabelecimento (que fazia parte da Praça Voluntários Santistas) onde foi inaugurado, em 1962, o prédio novo com capacidade para 560 alunos em cada período. O

¹⁶ Decreto nº 17084, de 08 de março de 1947.

¹⁷ Pela Lei 3.730, de 15 de janeiro de 1957, o colégio passou a Instituto de Educação “Canadá”.

novo prédio destoava da arquitetura do primeiro edifício. Anos depois este edifício foi desmembrado para abrigar mais duas escolas.



O anexo do Colégio Canadá (alto) tem capacidade para 560 alunos em cada período. Nas fotos inferiores, flagrantes da solenidade, vendo-se o prof. Ewaldo de Oliveira Melo quando desatava a fita simbólica e quando discursava

Em cerimônia realizada ontem, sob auspícios do atual reitor, após desatava a fita simbólica, capacidade para 560 alunos em

17. Cerimônia de inauguração do novo prédio do Instituto de Educação Canadá, em 24/11/1962. A Tribuna 25/11/1962.

Capítulo II

Os Professores nas lembranças de seus alunos

A partir da referência das disciplinas do currículo da escola secundária, agrupadas de acordo com suas áreas de conhecimento, faz-se a análise dos professores que se destacaram no seu desenvolvimento. A reflexão sobre a atuação dos docentes baseia-se nos depoimentos dos alunos, que vivenciaram esses momentos. Os professores lembrados estão agrupados de acordo com as disciplinas do currículo. Não constam todos os professores da escola no período de 1935 a 1962, apenas aqueles que foram referidos e localizados documentos suficientes.

Na década de 1930 e início dos anos de 1940, era comum a contratação de médicos, advogados, engenheiros, farmacêuticos, ex-seminaristas, professores primários etc., por terem um conhecimento maior de uma determinada área. Pessoas habilitadas, segundo os critérios da legislação vigente no período, a lecionar nas escolas. Esses professores não tinham, regra geral, uma formação didática passavam pela prova do concurso que era rigorosa. Isso fica mais claro no confronto dos licenciados formados pela Faculdade de Filosofia.

Na medida em que são criadas as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e outros cursos destinados à formação de professores secundaristas, o Estado de São Paulo promove os concursos, destinados a preencher as vagas, muitas ocupadas inicialmente por professores contratados interinamente que deviam também participar.

O corpo docente do Colégio “Canadá”, a partir da segunda metade das décadas de 1940 e 1950, abrigou professores efetivos, que na maioria das vezes, vinham de outras cidades, removidos para a Escola, já com experiência, o que de uma certa maneira poderia revelar o prestígio do Colégio “Canadá”, no bairro de Vila Rica, local da elite econômica santista. Eram professores que passavam por uma difícil avaliação e que acabavam por servir de modelo até mesmo para as escolas particulares. Dentro do campo profissional, alguns participaram de Bancas Examinadoras de Concursos de Ingresso.

De um total de 44 professores analisados, foram obtidas informações de 29 docentes. Deste grupo, nota-se que 15 são de origem do interior paulista, apenas 6 de Santos, 5 da capital São Paulo e 3 de outros estados.

Quanto à idade de ingresso na Escola, ficaram assim distribuídos os 32 professores identificados:

Quadro1: Média de idade dos professores ao ingressar no Colégio Canadá entre 1934 e 1962.

Idade	Quantidade de professores
Entre 21 e 25 anos	6
Entre 26 e 30 anos	9
Entre 31 e 35 anos	6
Entre 36 e 40 anos	4
Entre 41 e 45 anos	4
Entre 46 e 50 anos	2
Entre 51 e 55 anos	1

Autor: André Luiz Meirelles

Quadro 2: Dados sobre nascimento e idade do professor ao ingressar no Colégio Canadá entre 1934 e 1962.

Professor	Local de Nascimento	Ano do nascimento	Idade com que chegou ao Colégio Canadá
Dr. Luiz dos Santos	Sem informação	Sem informação	Sem informação
Antônio Júlio Guimarães Sampaio	Sem informação	1909	29 anos
Pe. Geraldo Miranda	Paraibuna/SP	1905	45 anos
Célia de Paula Martins Zaragoza	Ribeirão Preto/SP	1925	26 anos
Marilza Pereira	Santos/SP	1923	25 anos
Marie Antoinette Passos	Sem informação	Sem informação	Sem informação
Sólon Pereira de Lucena	Sem informação	1912	28 anos
Frenor Pereira	Itajaí/SC	1920	25 anos
Eliana Rosso	São Paulo/SP	1928	28 anos
José Carlos de Azevedo Júnior	São Simão/SP	1896	40 anos
Mário de Almeida Alcântara	Caravelas/BA	1899	36 anos
Zulmira Lambert	São Paulo/SP	1899	45 anos
Celina Augusto	Bauru/SP	1913	32 anos
Luiz Fernandes Carranca	Santos/SP	1910	37 anos
Vera Breves	Sem informação	Sem informação	Sem informação
Udmyr Pires dos Santos	Tapiratiba/SP	1927	24 anos
Sylvio Andraus	Santos/SP	1927	31 anos
Ana M. de Andrade Moreira Gomes	Santos/SP	1934	24 anos
Adauto Soares Monteiro	Carangola/MG	1911	45 anos
Dr. José Dantas	Sem informação	Sem informação	Sem informação
Dr. Avelino da Paz Vieira	Sem informação	1902	35 anos
Maria dos Santos Fonseca	São Paulo/SP	1904	44 anos
Orlando de Sousa Magalhães	Sem informação	Sem informação	Sem informação
Ruth Novaes La Scala	São Paulo/SP	1920	28 anos
Dr. José de Almeida	Sem informação	Sem informação	Sem informação
Luiz Pinho de Carvalho Filho	Botucatu/SP	1902	47 anos
Manoel Machado Maia	Lençóis Paulista/SP	1913	32 anos
Antônio Demóstenes de Souza Brito	Olímpia/SP	1916	37 anos
João José Itagyba Mariuzzo	Avaré/SP	1921	35 anos
Walkyria Siqueira Mori	Olímpia/SP	1921	29 anos
Adelina Mazagão Alcover	Sem informação	Sem informação	Sem informação
Yolanda de Quadros Arruda	Sem informação	Sem informação	Sem informação
Maria Celeste Pereira Leite	Santos/SP	1921	21 anos
Maria Antonieta Marigny	São Paulo/SP	1915	34 anos
Francisco Leopoldo e Silva	Taubaté/SP	1879	55 anos
Paulo Alves de Siqueira	Cajuru/SP	1909	29 anos
Paulo Filgueiras Júnior	Santos/SP	1906	49 anos
Aida Leda Falcão Bauer Davies	Rio Claro/SP	1926	23 anos
Francisco Galvanese Natale	Sem informação	Sem informação	Sem informação
Maria de Lourdes Moraes Camargo	Sem informação	Sem informação	Sem informação
Angélica Vilas Boas	Sem informação	Sem informação	Sem informação
Adélia Franco	Sem informação	Sem informação	Sem informação
Guaraná da Costa Rodrigues	Novo Horizonte/SP	1920	26 anos
Yolanda Elias Baldia	Cajuru/SP	1922	29 anos

Autor: André Luiz Meirelles.

Podemos notar que existia um grande interesse por parte dos docentes em residir em Santos já que a cidade apresentava vários atrativos, como um grande centro comercial e também turístico. A maioria destes professores, com idade entre 21 e 35 anos, representava uma juventude com muitos ideais e vontade de lutar por inovações.

1. Línguas.

A disciplina de Português, após a Reforma Francisco Campos, tinha por objetivo fazer com que o aluno aprendesse a falar bem, demonstrando o gosto pela leitura e deixando claro a sua bagagem cultural adquirida com acesso a grandes clássicos. Para isso, os professores realizariam trabalhos de correção minuciosa dos erros de ortografia, pontuação, concordância, regência etc.

O ensino das línguas vivas estrangeiras como o francês, inglês e espanhol estimulava os alunos a exporem os fatos mais importantes destas civilizações na própria língua, oralmente e por escrito. O ensino do Latim e do Grego (este principalmente no Colegial Clássico) procurava entender a língua em toda a sua amplitude, principalmente como origem e influências em outras línguas.

Com a implantação da Lei Orgânica do Ensino Secundário, promovida pelo ministro Gustavo Capanema, em 1942, continuavam destacadas a formação humanista e a concepção do secundário como educação das elites. Era o curso procurado por todos, inclusive da classe média, principalmente no aspecto de ascensão social. Dava acesso ao ensino superior, ou seja, sua finalidade era propedêutica, mas desenvolvia nos alunos uma sólida base cultural.

O caso da Língua Portuguesa é particularmente interessante pela proeminência adquirida pela disciplina no ensino secundário e os valores reforçados em torno do escrever e falar corretamente. Estudada em todas as séries do curso, nos dois ciclos, o domínio da língua portuguesa converter-

se-ia, ainda mais, num símbolo de posse de um capital cultural. (SOUZA, 2008, p. 177).

Com a criação do Ginásio do Estado de Santos, o primeiro professor nomeado para a disciplina de Português em 1935 foi dr. Luis dos Santos. Desde 1932, estava habilitado a lecionar Português, Francês, Latim, Geografia e História da Civilização.

Autor da letra do “Hymno do Gymnasio” (música de Zico Mazagão), destacou-se o professor por sua aptidão poética, como pode ser notado no poema escrito para a inauguração do edifício do Ginásio do Estado, em 1937, e que foi declamado pela aluna Paula Beiguelman¹⁸, ao governador Cardoso de Mello Neto:

Se a Pátria, muito bem, representaes, á porta
do Gymnasio que abris, em luminosa entrada,
senhor Governador, em vós seja saudada
a Pátria, que ao dever, constante, nos exhorta.

Se esta cada nos daes – e a dadiva é sagrada! –
desta augusta officina, a mágica retorta,
as almas juvenis refaz e as reconforta,
ao toque de clarim, que é a luz desta alvorada!

A nossa gratidão, queremos que se meça
de fôrma original, essencialmente expressa
em phrases de crystal – finíssmos labores!

Muito melhor, porém, que em phrases, aos punhados,
vão nossos corações, aqui representados,
no conjunto aromal de todas estas flores.

(A Tribuna, 29/8/1937, p.7)

O dr. Luis Santos tinha o tipo de cultura exigido pelo currículo humanista. Era um poeta e seus versos foram divulgados pela imprensa local (o jornal A Tribuna, a revista Flamma). Homem de grande cultura erudita, mas não tinha a didática moderna.

¹⁸ Santista, atualmente Professora da USP, autora de livros entre eles “A formação do povo no complexo cafeeiro”, “O pingo de azeite: a instauração da ditadura”, entre outros.

Nós tivemos um professor de Latim que era poeta, era de Belém, mas ele não conseguia dar aula, ele era assim pequenininho, falava meio fanhoso [...]. Esse era o professor Luis dos Santos de Latim, que já estava muito velhinho, já devia ter uns 70 anos. Fazia versos para as alunas. (Entrevista – Norma)

Compôs para uma aluna no dia do seu casamento o seguinte poema:

A Grinalda

(Dedicado á minha distincta ex-alumna Inah Gay, no dia do seu casamento).

De toda a parte, sulcam o azul do espaço
mensageiras lindíssimas de Vênus,
que lhe obedecem aos mágicos accenos,
na trajectoria a guial-as, passo a passo.

Buscando vão, nos campos mais amenos,
de Flóra, os reinos, onde nada é escasso...
De tal conjuncto a descripção nem faço,
que se approxime da verdade ao menos.

Flores se tecem – fina tecitura
em que o bom gosto se revela e apura,
que outro difficilmente vencerá.

Já se executa o seu trabalho e, em breve,
trazem todas, com as suas mãos de neve,
a grinalda de noiva para a Inah.

(Revista Flamma – janeiro de 1939)



18. Dr. Luis dos Santos, em 1939.



19. Antônio Júlio Guimarães Sampaio, professor e depois diretor, em 1941.

Outro professor de grande destaque foi Antonio Julio Guimarães Sampaio (1909-?), ex-seminarista, nomeado em 1938 para lecionar Português no Ginásio do Estado. Em 1944, aprovado em concurso, se torna professor titular na mesma escola. Demonstrava em suas aulas grande apreço aos modernistas, com a organização de teatros e eventos, conhecidos como “academias”.

O professor de Português era Júlio Guimarães Sampaio ele era ótimo, o apelido dele era “Peru Louco”, porque ele rodava muito, ele ia para a lousa e rodava, rodava na classe. Mas foi a primeira pessoa, ele era apaixonado pelos modernistas, fui aluna dele em 1946, e então estava assim a efervescência, se falava muito na Semana de 22, dos modernistas, era uma coisa inédita, depois os modernistas caíram de moda, e depois veio a Tropicália, começaram a falar dos modernistas outra vez e o modernismo foi reabilitado e me lembro dele, porque ele fazia uma coisa super interessante, fazia academia, a gente fazia assim uma apresentação teatral, lá no palco do colégio e eu lembro que ele fez uma apresentação onde a gente cantava uma música como a sonata de Schumann, que se não me engano eram músicas que falavam sobre o país, sobre história [Canção do Exílio de Gonçalves Dias], mas foram apenas duas academias, depois acabou, não prestigiaram. Era uma delícia, porque a gente ensaiava [...]. (Entrevista – Yvonne).

O Modernismo era um movimento cultural que tinha como objetivo buscar as raízes da nacionalidade brasileira e ultrapassar o artificialismo da cultura erudita, desligada da vida do país. Desejava-se desenvolver isso através da arte, da literatura e da música. Ação cultural nacionalista unida a forte propaganda política getulista. Faziam parte do ministério de Capanema modernistas como Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. (SCHWARTZMAN, BOMENY, COSTA, 2000, p. 99-122).

O professor Júlio escrevia muito bem. O “Diário” de Santos, na grande edição comemorativa do Centenário de Elevação de Santos à Cidade (26/1/1939), publica um artigo “Santos de ontem, de hoje e amanhã” do qual foram extraídos alguns trechos:

A cidade de Santos, vibra de emoção e vive as horas do mais intenso gáudio de sua vida histórica, no coração da pátria.
[...]

Precisamos pensar sempre mais na nossa terra, cultivar o centros educativos, as grandes bibliotecas. Que com os presentes do governo do Estado nos venha uma escola Normal, mas uma escola modelo como a similar de Campinas. Necessitamos de um grande Teatro Municipal, e de uma parque de diversões para a nossa mocidade. Santos precisa cultivar a arte, precisa viver mais da inteligência.

[...]

Santos prosseguirá em sua marcha de conquista, orgulham-se dela os santistas, orgulham-se os brasileiros, porque antes de tudo Deus o quis e nó o ratificamos de coração, ela é toda do Brasil.

Em 1948 designado para a direção do Colégio Estadual e Escola Normal “Canadá”, cargo em que permanece até 1959, quando continua a sua carreira em São Paulo. Ficou conhecido por sua rigidez e pela imposição da disciplina na escola.

O ambiente da escola era ordenado e disciplinado e se fazia uso das penalidades. O diretor era o principal responsável por tal clima, mas o professor era o guardião na sala de aula. Mas a organização e a ordem davam um clima salutar à Escola.

Não se preocupavam os alunos, e de modo geral, os professores com uma relação mais amigável. Como diz a historiadora da Educação Maria Cecília Souza, “na escola não entravam crianças e adolescentes, entravam alunos” (SOUZA, M. C. C. C., 2001, p. 85). Devia-se estudar; quem não estudasse reprovado estava. Há entretanto, alguns professores que se preocupavam, manifestadamente, com o progresso individual dos alunos (por exemplo Aida Leda Bauer).

Naylor Dias Tavares, aluno de 1948 a 1956, lembra que na administração de Antonio Júlio Guimarães Sampaio, existia uma rigidez muito grande em relação ao uniforme. Inicialmente os meninos usavam camisas de manga comprida, sempre abotoadas, gravatas e calça cáqui de algodão grosso, somente alguns anos depois as camisas de manga curta passaram a ser aceitas. Algo semelhante era visto apenas no Colégio Marista de Santos.

Em outra entrevista, René Franco Árias, que fez o curso ginasial no mesmo Colégio Santista dos Maristas e ingressou no Curso Científico do Colégio Canadá de 1954 a 1956,

relata-nos um pouco de sua angústia com o novo tipo de disciplina, convivendo rigidez com liberdade:

Levou tempo para nos adaptarmos. Todos nós. Eu sentia dificuldades de adaptação. Por quê? Porque o Colégio Canadá nos dava assim uma liberdade maior. Você era responsável pela sua evolução. No Colégio Santista quem apertava você eram os padres, através de notas, e toda hora ia a cadernetinha para a sua mãe e o seu pai que iam lá olhar as anotações “fulano não está indo bem”. O colégio Canadá não fazia isso. No fim do ano é que nós íamos ver se tínhamos passado ou não, e se tínhamos aprendido alguma coisa. Nos deu mais responsabilidade e menos raiva de estar sendo toda hora apertados. Isso foi uma verdade. Não tem dúvida nenhuma. Só depois no 2º semestre do 1º científico é que nós sentimos. Eu até conversava com os meus amigos, estava me sentindo estranho nesse semestre, não estou desenvolvendo o que desenvolvia. (Entrevista – René).

Em outro depoimento, uma aluna do mesmo período (que vinha de educação familiar tradicional e em época do clima do governo autoritário) relata que a escola era o local de liberdade, onde o elemento feminino podia se manifestar sadiamente:

O Canadá para mim significava o território onde o controle da família e da sociedade era menor, apesar dos ritos disciplinares. A minha juventude foi muito dentro de casa. Não havia televisão. Na rua você só podia sair acompanhada de um dos seus irmãos. Na hora que eu punha os pés na escola, ficava feliz (o turno era feminino), podia jogar barrabol, queimada, nos recreios; voleibol, nos campeonatos; conversar com mais gente. Lembrome que as colegas de bairro muitas vezes tinham que me puxar para ir embora. E fico pensando que o prédio em si não tinha atrativos, florzinhas, quadros de pinturas e fotos ou, de modo geral, professores aconchegantes! (Entrevista – Cd.).

Em relação a administração de Antonio Júlio Guimarães, René nos relata um episódio ocorrido no mesmo dia do suicídio do presidente Getúlio Vargas:

O expoente máximo era o diretor Julio Guimarães Sampaio, sempre muito preocupado com os alunos, procurando impor disciplina, ordem, interesse em evitar que se envolvessem em brincadeiras que pudessem derivar para outros problemas, sempre preocupado com isso. Até contei um fato que ele foi tentar nos buscar na praia no dia que nós resolvemos faltar, 24 de agosto de 1954, quando Getulio se suicidou. Nós resolvemos fazer, em homenagem ao Getulio, uma falta geral, fomos para praia, não fomos pra brincar, fomos lá pra ficar quietos, porque o país estava sofrendo com aquilo; também nós tínhamos consciência de que era uma das fases do país e que ia nos afetar

posteriormente. Nós tínhamos essa consciência, não que a política estivesse no sangue, nas veias, mas sabíamos que podia nos reservar de mal ou de bom, tínhamos uma noção. E ele saiu feito um louco para tentar nos cercar ali no canal 3, já na praia, para nós voltarmos para a escola. Fugimos, nos espalhamos e tivemos uma advertência nas cadernetas. Ele tinha essa preocupação [...]; na escola ele era o diretor. (Entrevista – René).

Outra aluna também relata a atitude semelhante do diretor, correndo nas ruas das imediações do colégio, quando sua classe de normalistas, depois do recreio num sábado à tarde, fugia para ir ao cinema assistir ao filme “As chaves do reino”, no Cine Caiçara, a poucos quarteirões dali. (Entrevista – Cd).

Outro depoimento também mostra como o diretor, nessa época aparece como uma figura austera: “E para botar ordem nas coisas, quase sempre aparece de supetão, o professor Nicolino [Ferrari, vice-diretor], sempre de terno. (depoimento Walter Hori, VIEIRA, 2000, p. 90).

Em 1950 e 1951 a escola recebe dois novos professores efetivos de Português, removidos por concurso: Pe. Geraldo Miranda (*1905 /+1983) e Célia de Paula Martins Zaragoza (*1925). Professores, muito atuantes na escola por quase duas décadas: Pe. Geraldo (1950 – 1966) e Professora Célia (1951 – 1970).



20. Pe. Geraldo Miranda.

Pe. Geraldo lecionou Português e marcou a vida escolar de muitos alunos. Nascido em Paraíbuna, Estado de São Paulo. Ordenado Sacerdote em 1928, fez seus estudos eclesiásticos (Filosofia e Teologia), no Seminário Diocesano de Taubaté.

No início da década de 1940 a cátedra de professor de Língua Portuguesa em Escola Estadual em São José dos Campos. Aprovado em Concurso de Ingresso ao Magistério Público de São Paulo em 1947, lecionou até 1949 no C. E. e E. Normal “Nelson Fernandes”, de Santa Rita do Passa Quatro, quando é removido para o Colégio Estadual e Escola Normal “Canadá”. Lecionou Língua Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos a partir de 1956 até aposentar-se em 1973. Sua atuação na Igreja como sacerdote foi intensa, destacando-se como grande orador sacro.

Em 1958 foi designado, para substituir Eunice de Oliveira Lima, Vice-diretora. Em 1959 ficou responsável pela Direção da escola, reassumindo ainda no mesmo ano as funções de professor. Aposentou-se do Instituto de Educação Estadual Canadá em 1966.

A professora Célia de Paula Martins Zaragoza, natural de Ribeirão Preto, SP, era licenciada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo (USP), Curso de Letras Clássicas, habilitada a lecionar, além de Português, as disciplinas de Grego e Latim.

Em 1948 era professora secundária no I. E. E. “Dr. Álvaro Guião”, de São Carlos. Ainda nesse mesmo ano até 1949 trabalhou no Instituto de Educação Anhanguera, de São Paulo.

Aprovada em concurso público de ingresso ao magistério secundário do Estado de São Paulo, para a disciplina de Português, lotada de 1949 a 1950 em Sorocaba, no I. E. E. “Dr. Júlio Prestes de Albuquerque”, foi removida em 1951, para o “Canadá”, de Santos, permanecendo na escola até 1970, quando se transfere para o “Caetano de Campos”, em São Paulo.

Célia Zaragoza chegou a escrever dois pequenos livros de gramática (Acentuação; Crase), que na realidade eram frutos de sua atividade didática na escola, considerada excelente por todos os seus alunos entrevistados.

Pe. Geraldo e professora Célia são muito considerados, embora com modos de dar aula completamente diferentes, os dois se destacavam pela seriedade do estudo e pela avaliação rigorosa do que era ensinado.

O que mais marcou a minha passagem no Colégio “Canadá” foi o professor de Português, o famoso Pe. Miranda, que acabou sendo diretor do colégio depois. Por que que ele marcou? Porque ele foi o mais rigoroso de todos os professores. Ele usava batina e era chamado por todos de o terror negro pelos meninos. Por quê? Porque ele reprovava muita gente. Reprovava justamente, porque ele dava redação em dia que a gente não sabia, as redações eram uma por semana. Ao primeiro erro de concordância ele anulava a prova, era zero. De modo que nós tínhamos quatro ou cinco chances num mês de conservar a média. Para você ter uma idéia, ele era tão rigoroso e a gente tinha tanto medo dele que eu acabei sendo um bom aluno de Português. E se você olhar a minha média de Português, é muito engraçado, no 1º Colegial, eu tive talvez uma das maiores médias 7,6. Mas se você comparar com as outras médias ela é muito menor do que todas as outras matérias [...]. Isso me marcou tanto que na época havia a prova de Português no vestibular, da Faculdade de Medicina da USP aqui em São Paulo, e eu fui aprovado em primeiro lugar no vestibular e o que me alavancou a média foi a média de Português [...] graças a isso alcancei a primeira colocação. (Entrevista – Jayme).

Em entrevista com Sonia Paulozzi, ela nos lembra que tanto com Pe. Geraldo como com d. Célia, ninguém tirava nota 10; descontava-se nota em erros de concordâncias, até na acentuação. “Pe. Geraldo constantemente dava pequenas redações. O primeiro erro de concordância que aparecia determinava zero de avaliação. Então tomávamos ‘mil cuidados’ ao entregar o texto.” (Entrevista – Cd.). Ao referir-se à professora Célia, diz:

Para mim foi a maior professora de Português. Era organizada (tinha o seu fichário com as datas e o assunto das aulas, a relação dos exercícios que ia dar). As regras gramaticais eram concluídas após apresentação de vários exemplos. Antes de passar para o assunto seguinte fazíamos muitos exercícios, repisando o que ensinara. Colocava no quadro redação de uma aluna para a correção conjunta da classe, com giz colorido. Esquecia um

pouco a parte da literatura, no ginásio, para ensinar a escrever e redigir corretamente. Eu fazia religiosamente todos os exercícios e cheguei a tirar 10 em uma prova. (Entrevista – Cd.).

Ligia Bacelo Gonçalves e Vailde Bragança Silveira Almeida alunas do Canadá em “*História da Escola em Santos: O Colégio Canadá (1961–1967)*”, colocam:

Professora Célia Zaragoza que apesar de manter uma distancia formal de todos os alunos [...] demonstrava tal paixão, competência, e crença em sua tarefa educativa, que tornava seus alunos efetivamente capazes de ler e escrever corretamente em sua língua natal. Tarefa das mais árduas, atualmente, dentre todas do universo pedagógico. Sua técnica de ensino baseava-se principalmente na repetição, fazendo com que seus alunos escrevessem alguns verbos – modelo em suas terminações em todos os tempos, com a terminação de cada pessoa destacada em cor diversa daquela usada para escrever a raiz [...]. A mesma técnica era utilizada para as regras de acentuação, a análise sintática, que decorávamos e usávamos como a tabuada. (2000, p.11)

Outra professora, muito lembrada pelos alunos, foi Marilza Pereira (*1923, Santos). Além de Português, lecionou Francês, Latim e Espanhol. Trabalhou trinta anos na escola, também como professora “Estável” alternando períodos como professora admitida e professora substituta.

Formada em Letras Neo-Latinas (1942 a 1946) pela Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientiae” em São Paulo. Bacharel em Direito pela Faculdade Católica de Direito Santos (1953 a 1957).

Alunos relatam que ela era extremamente informal, sorridente, amiga; muito ativa era atuante em questões reivindicatórias na vida profissional dos professores.

Na disciplina de **Francês** destacou-se o professor Sólon Pereira de Lucena, que substituiu Marie Antoinette Passos, primeira professora de Francês do Ginásio do Estado, formada pela Ecole secondaire et supérieure de Juines Filles, de Genebra, Suíça.



21. Marie Antoinette Passos, em 1941.



22. Sólton Pereira de Lucena, em 1941.

Sólton Pereira de Lucena (*1912 /+2000): formado inicialmente em Seminário, foi nomeado em 1940 para substituir a Professora de Francês Marie Antoinette, e, no ano seguinte, passa a reger interinamente a mesma cadeira. Aprovado em concurso público em 1944. Em 1967, aposentou-se com pouco mais de 27 anos dedicados ao exercício do magistério público, numa mesma escola.

Utilizava em suas aulas a “Gramática de Claude Augé”. Além de provas escritas, os exames também eram orais. Leituras das Fábulas de La Fontaine, Charles Baudelaire, Émile Zola e outras faziam parte do programa do professor, que costumava utilizar com certa frequência a Biblioteca da escola para esses estudos, principalmente a turma do colegial. Alunos dizem que tinha o hábito de doar livros para o enriquecimento da Biblioteca.

[Ele] deu um curso de Frances capaz de assegurar um domínio bastante razoável de seus alunos nessa língua. O livro didático que adotava era composto por excertos de textos dos clássicos franceses como Racine, Flaubert, Baudelaire etc. durante três anos nossa tarefa era ler com pronuncia e entonação corretas e traduzir as páginas do livro, numa tarefa oral e individual. Para os que tinham maior dificuldade, havia sempre um colega na carteira de trás soprando o que provocava, as vezes, cenas hilariantes as quais o mestre não se rendia deixando parecer que se divertia. (Ligia Bacelo Gonçalves e Vailde Bragança Silveira Almeida alunas do Canadá (1961–1967) em Memórias sobre a História da escola. p.15/16)

No Ginásio dava semanalmente textos de tradução para os alunos fazerem em casa e corrigia os na sala de aula, ouvindo o que eles liam em seus cadernos de exercícios.

Quando fiz o curso de Pedagogia na Faculdade, com o professor Geraldo Pinheiro Machado, tínhamos que entregar quinzenalmente capítulos do Marrou (História da Educação na Antiguidade), que era um grosso livro em Francês. Muitos anos mais tarde só entrei na Aliança Francesa para tentar conversação. O que aprendi com o professor Sólon só nas aulas do Ginásio foram suficientes para o vestibular e para a minha vida universitária (pronúncia, gramática e tradução). Meu caderno com as traduções circulava por algumas colegas, antes de começarem as aulas. (Entrevista – Cd.).

Era um dos professores que levava a sua profissão como missão. Em entrevista realizada em 1997, por Gilda Lúcia Delgado de Souza¹⁹, Sylvio Andraus, aluno do Colégio “Canadá” de 1940 a 1947, e depois professor de Matemática da mesma escola disse que ao retornar a escola, agora como professor efetivo, agradeceu ao professor Sólon, porque foi graças ao francês (existia também exame oral) pois elevou a sua média para que conseguisse passar no vestibular da USP.

Professor Sólon, muito exigente em suas avaliações, costumava, nas provas, pedir vinte tempos de verbo para serem conjugados em 50 minutos de aula. Se aluno acertasse apenas dez, a nota seria zero. Só iniciava a pontuação a partir do 11º verbo conjugado corretamente. Por exemplo, se acertasse catorze tempos, tirava nota quatro. Não podia haver erro de espécie alguma.

Por reprovar muitos alunos no exame de Admissão, o professor Sólon, que tinha um carro pequeno, Renault 4cv Decouvrable 1952 (Rabo Quente), os alunos decidiram levantar o carro na mão, e colocá-lo entre o poste e o muro da escola, impossibilitando a entrada do professor no veículo. (Entrevista – Naylor).

¹⁹ Gilda Lucia Delgado de Souza, entrevistou o professor Sylvio Andraus em 6/4/1997.

Outros professores também gozavam de grande prestígio entre os alunos, como o professor Frenor, ex-seminarista. Sempre disposto a ajudar os alunos, dentro e fora da sala de aula, auxiliava nas dúvidas de Português, Latim, Francês, História e Filosofia.

Frenor Pereira (*1920 /+?) nascido em Itajaí, Estado de Santa Catarina. Habilitado em Latim, História Geral e História do Brasil, no primeiro ciclo, foi contratado para lecionar Latim em outubro de 1945, no Colégio “Canadá”. A partir de 1946 lecionou também História, Português e Grego. Ministrou esta disciplina até 1963.



23. Professor Sólón e Professor Frenor (os dois primeiros em pé à esquerda) em sala de aula com alunos do Clássico (s/d).

Cursou Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “São Bento” (PUC/SP) recebendo o título de licenciatura em 10/5/1960. Quando se aposentou na década de 1980 também exercera, durante muitos anos, aulas de Português.

O curso de Língua portuguesa do professor Frenor mereceria um capítulo a parte. Ele fazia com que seus alunos escrevessem uma redação por semana.

A primeira redação que ele entregou corrigida, após a primeira semana de aula do Curso Clássico, provocou um choque generalizado entre os alunos. Até aqueles que eram considerados, no ginásio, excelentes alunos, não tinham obtido bons resultados nessa avaliação. A grande maioria teve notas baixíssimas e até notas abaixo de zero! Mestre Frenor explicou, então calmamente como era seu estilo, que não se assustassem, ele apenas queria indicar aos alunos o quanto eles precisavam melhorar a sua escrita; agora as exigências seriam maiores. Dessa forma, sem preocupações com uma possível reprovação, seus alunos foram apreendendo a escrever cada vez melhor e seus resultados, se fossem colocados numa curva estatística, mostrariam o progresso de quem saiu do limite inferior a um e chegou ao limite superior de suas possibilidades, depois de três anos de exercícios e orientação segura. Uma das redações de uma aluna do 1º Clássico tinha, entre outros um erro de ortografia: ela escrevera Ginásio com “z”. Ao invés da pincelada com vermelho, tão cara a alguns professores, havia uma mensagem do mestre: “Cuidado com este ‘s’.”

(Ligia Bacelo Gonçalves e Vailde Bragança Silveira Almeida alunas do Canadá (1961 – 1967) em Memórias sobre a História da escola. p.14).

Os estudos relacionados as línguas eram muito importante para aqueles que seguiam no Ensino Superior. A maioria das leituras exigidas eram quase sempre em francês, inglês ou espanhol.

Outra professora da nova geração licenciada pela Faculdade de Filosofia foi Eliana Rosso (*1928) que lecionou Latim de 1956 a 1960, quando se transfere para o Ginásio Estadual “José Lins do Rêgo”, de São Paulo.

Por ser muito rigorosa, embora competente, causou muita polêmica na escola e não tendo resultados visíveis como sua contemporânea Célia Zaragoza. O Colégio “Canadá” deve ter sido sua primeira experiência de magistério.

O mais conhecido professor de **Inglês** do Ginásio do Estado e depois Colégio Canadá foi o dr. José Carlos de Azevedo Júnior (*1896-+?) que foi o titular de Inglês durante trinta anos (1936 a 1966).

Sua bagagem cultural é extensa: frequentou o Propedêutico pelo Ginásio Macedo Soares, onde se diplomou em 1914. Formado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo (1915-1919). Esteve por duas vezes na Europa, em viagens de

estudos, principalmente de línguas. Em 1930 visitou a Alemanha, França, Inglaterra, Bélgica, Áustria e Hungria, tendo voltado a Alemanha em 1933, onde permaneceu por quase um ano.

Tradutor público juramentado, em francês, inglês e alemão. Lecionou alemão em escolas particulares como o Liceu Franco Brasileiro, em São Paulo. E, ainda, na Escola Normal José Bonifácio, de Santos. Suplente de Delegado de Polícia, durante vários anos, em São Paulo.

Dedicando-se ao magistério desde 1923, lecionou no Liceu Franco-Brasileiro, História da Civilização, Geografia e Italiano, e mais tarde Inglês. Lecionou História da Civilização no Liceu Nacional Rio Branco, em São Paulo.



24. José Carlos de Azevedo Júnior, em 1941.

Em 1929 deixou o Liceu Franco-Brasileiro, e juntamente com o professor J. A. Azevedo Antunes e outros companheiros fundou o Ginásio XI de Agosto, em São Paulo, no qual lecionou por oito anos, tendo sido também um dos diretores.

Registrado no Departamento de Ensino, estava habilitado a lecionar História da Civilização, Geografia, Alemão e Inglês.

O dr. Azevedo, segundo vários depoimentos era pessoa afável de grande conhecimento da língua mas sua didática não motivava nem ensinava os alunos que não freqüentavam as escolas de línguas da cidade.

2. Matemática.

Na Matemática priorizava-se o “rigor no raciocínio, a capacidade de se resolver e agir, com presteza e atenção, a faculdade de compreensão e de análise das relações quantitativas e espaciais”, habituando o aluno a pratica de cálculos mentais, sem realizar a pratica de memorização sem raciocínio. (SOUZA, 2008, p.158).

O primeiro nome a se destacar na história do Colégio “Canadá”, na disciplina de Matemática, foi Mario de Almeida Alcântara (*1899 /+1958), engenheiro formado pelo Mackenzie em 1922, nomeado em 1935 para lecionar no Ginásio do Estado de Santos, onde permanece até 1944. Foi surpreendido quando teve que ceder lugar aos aprovados em concursos e que tinham a preferência na escolha das aulas. Ao ser chamado novamente até que fosse realizado um novo concurso, optou em sair da escola definitivamente. (Perfil escrito por seu neto, professor Flávio Mário de Alcântara Calazans em 9/10/2007 a pedido da estudante Janete Bassalobre, mestre em Educação pela Unisantos). Essa atitude exemplifica conflitos que devem ter surgidos com relação a professores competentes que se sentiram preteridos com as novas orientações.

Maria Aparecida Muller Araújo foi aluna de Mario de Almeida Alcântara, no curso ginásial, de 1935 a 1939. Lembra de sua exigência e rigor e que muitas vezes chamava-a à

frente para responder os cálculos na lousa, e assim explicar aos demais colegas a solução dos exercícios.

Esse expediente foi usado outras vezes por alguns professores, pois achavam que o aluno ensinante, que sabia a matéria estava no mesmo nível de linguagem e de compreensão.



25. Mário de Almeida Alcântara, em 1941.

Mário Alcântara ensinou em outros lugares principalmente na escola da Associação Instrutiva José Bonifácio desde 1923, onde foi professor por cerca de trinta anos e muitas vezes diretor presidente dessa Associação.

Professor conhecido pela perseverança, desde muito jovem sempre acostumado a trabalhar para custear seus estudos, foi marcante a sua influencia em muito alunos das escolas por onde passou.

Escreveu um livro de matemática que não chegou a ser publicado pois na ocasião não encontrou um desenhista para executar os gráficos propostos e demonstrados, sendo o projeto destruído por cupins na perda da sua biblioteca.

Fora da escola²⁰, militou na área sindical, sendo um dos fundadores do Sindicato do Ensino Primário e Secundário de Santos. Foi atuante na vida da cidade em entidades esportivas e participando do Legislativo. Athiê Jorge Coury, da Câmara dos Vereadores, registra em documento a sua homenagem:

O Professor Mario de Almeida Alcântara, figura de relevo na sociedade santista, exerce o magistério desde sua mocidade, foi vereador tendo exercido a Presidência da Câmara Municipal, destacou-se pela retidão de seu caráter fazendo-se admirar pelos trabalhos executados naquele legislativo.

Era homem dado a vida intelectual: “Foi amigo do filósofo italiano Pietro Ubaldi, com quem reunia-se para debates que adentravam a madrugada após o jantar, questões que transpassavam o infinito matemático e a filosofia ética espiral de Ubaldi.”

Possuía uma grande biblioteca (cerca de cinco mil volumes) e uma coleção de selos, *hobbie* de filatelia praticado desde a infância, considerada pelos filatelistas como a mais completa de Santos.

Outros professores de Matemática também fizeram a história do Colégio “Canadá” a partir da década de 1940: Zulmira Lambert, que lecionou na escola de 1944 a 1969; Celina Augusto (*1913 /+?), de 1945 a 1970; Luiz Fernandes Carranca, de 1947 a 1968. As duas primeiras professoras eram diplomadas pela escola normal. Esses três professores formaram várias gerações de alunos, sendo reconhecidos pelo seu rigor.

Zulmira Lambert (*1899 /+?) formada no Curso de Normalista pela Escola Normal Secundária de São Paulo, em 1918, inicia sua carreira no magistério como professora primária, do Grupo Escolar da Consolação, em São Paulo (1919 – 1922).

²⁰ Em 1953 o governo da Itália diplomou Mário Alcântara com a Comenda de Cavaleiro da Ordem da Cruzada de Cristo. Recebeu do Conselho Federal dos Economistas Profissionais do Brasil o Diploma de Economista. Foi Vice-presidente da Associação Santista de Esportes Atlético e por três anos consecutivos presidente da Associação Atlética Americana. Autor do projeto de lei que isentou de impostos os imóveis de Associações esportivas em Santos.

Em Santos, lecionou, desde 1937 nos Colégios São José e no Liceu Feminino Santista e desde 1945, no Colégio Stella Maris e no Instituto Educacional. Entrou em exercício no Ginásio do Estado local em 1944, permanecendo até 1969, quando aposenta.

Professor Luiz Fernandes Carranca (*1910, Santos /+?) era engenheiro pela Politécnica da USP em 1934, mas habilitado a lecionar Matemática e Física. Também exercia a função pública de Inspetor Federal do Ensino Secundário, em Santos. Escrevia frequentemente sobre educação no jornal A Tribuna, defendendo a Escola Pública.

Na década de 1950 dá-se a chegada de professores formados já pela Faculdade de Filosofia, com nova mentalidade, eram concursados e mais próximos dos alunos: Vera Breves, Udmyr Pires dos Santos e Sylvio Andraus.

Em concurso publico realizado em 1949, para professor de Matemática, dos 72 participantes, apenas 46 foram aprovados. Dentre eles, dois nomes que se destacaram no Colégio “Canadá”: Udmyr Pires dos Santos (9º lugar) e Vera Breves (23º). Nesse concurso, Oswaldo Sangiorgi aparece em segundo lugar.

Em 1951 temos a chegada do prof. Udmyr Pires dos Santos, licenciado, em 1945, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas. Começou sua carreira na Escola Normal e Ginásio Estadual de Taquaritinga, interior do Estado de São Paulo. Nessa cidade, juntamente com seu irmão adquiriu um jornal local, “Cidade de Taquaritinga”, no qual escrevia regularmente. Professor conhecido pelo seu talento com as palavras, ainda muito jovem, fez parte da Academia de Letras Humberto de Campos, em Mococa, interior de São Paulo. Além da Matemática tem a Licenciatura em Orientação Educacional. Participou de muitos cursos, principalmente, de Matemática Moderna.

Autor do Curso de Física, em dois volumes para o 2º Grau, a primeira edição foi publicada em 1957, pela Cia. Ed. Nacional, e a ultima edição em 1977, pela Atual Editora. Em 1970 publicou outra obra, Curso de Matemática, em sete volumes para 1º e 2º Graus.



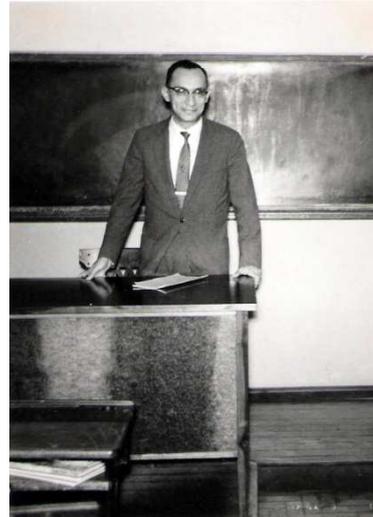
26. Professor Udmyr em cerimônia de formatura do Colégio Canadá. Ao fundo, professor Luis Pinho.

Foi Coordenador Regional das duas Olimpíadas de Matemática patrocinadas pelo GEEM e da Olimpíada de Matemática de 1977 e 1978, patrocinada pelo ACIESP/SEC. da Educação.

Teve muitas atividades fora do Colégio “Canadá”: trabalhou, em 1963 na Faculdade de Ciências Econômicas e Comerciais de Santos, na disciplina de Análise Matemática; em 1968 e 1969, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Santos (Sociedade Visconde de São Leopoldo), lecionando, respectivamente Análise Matemática e Física Geral e Experimental. Ministrou cursos e palestras em alguns lugares do país como Arapongas, Maceió e Osasco.



27. Professor Udmyr, recém-formado.



28. Professor Udmyr, em sala do Colégio Canadá.

Além de professor, durante alguns anos, trabalhou na Anderson Clayton S. A. Indústria e Comércio, na Cargil e Batistella, sempre ligado à exportação do café.

Um aluno, que se formou engenheiro mais tarde, comenta:

Matemática, professor Udmyr Pires dos Santos, facilidade de ensinar, metódico e sempre claro, ótimo, bastante jovem, ensinava muito bem. Já se faziam as derivadas, os princípios das integrais que se vê também no curso superior. Ele mostrava tudo, números complexos, ele abrangia um universo muito bom, ele nos expôs tudo aquilo que havia, como aquilo seria útil na vida futura e advertia isso: “Vocês vão ter que aprender numa parte mais evolutiva na faculdade que forem cursar. Aqueles que vão pegar ciências exatas vão ter que evoluir.” Foi o primeiro cara que nos falou em cálculo vetorial. (Entrevista – René).

Permaneceu na escola até início da década de 80, muito respeitado pelos alunos pela sua paciência e aplicação. Em diversos depoimentos, foram registrados momentos em que o professor, notando o cansaço dos alunos, procurava animá-los, com músicas ou frases poéticas escritas na lousa.

Outro nome bastante lembrado por muitos entrevistados foi Sylvio Andraus (*1927 /+2003) que chega ao “Canadá” removido para a vaga de Vera Breves, lecionando de 1958 a 1986.

Grande conhecedor da Matemática, preocupa-se com as provas vestibulares, e a todo momento se colocava a disposição dos alunos para auxiliá-los nessa preparação.

Foi aluno no Ginásio do Estado de Santos, formando-se em 1944. Em Matemática obteve Licenciatura Plena, no ano de 1953, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Paulo (USP). Em 1971 realizou Curso de Pós-Graduação em Teoria dos Grupos no Instituto de Matemática e Estatística da USP.

Iniciou sua carreira na rede pública estadual como professor em 1953 no Instituto de Educação Estadual “Domingos Faustino Sarmiento”, em São Paulo.

É aprovado no Concurso de Ingresso no Magistério Secundário e Normal, de Matemática, em 3º lugar, com nota de aprovação de 9,3.

Como professor efetivo, inicia seu exercício em 1954, no Colégio Estadual “Monsenhor Nora”, de Mogi Mirim. Nessa escola permanece até 1958, quando é removido, por meio de concurso, para Instituto de Educação Estadual “Canadá”. Em 1959, ingressa também na rede pública municipal de Santos, como professor do Instituto Municipal de Comércio.

Aposentou-se em 1986, com mais 32 anos de exercício a rede pública estadual. Muito contribuiu para o aperfeiçoamento de professores de Matemática²¹ (rede pública estadual).

²¹ Em várias regiões do país, ministrou diversos cursos: Osasco, Arapongas e Maceió (com o professor Udmyr). Em 1955, realizou o curso de Aperfeiçoamento de Professores de Matemática, na Fundação Getúlio Vargas. Teve participação na Comissão de estudos do Encontro de Mestres, promovido pela CADES (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário), na Inspeção Seccional de São Paulo, realizou curso de aperfeiçoamento no GEEM (Grupo de Estudos do Ensino da Matemática) na cidade de São Paulo, 1964. Participou do Curso Treinamento de Pessoal Docente, sobre a Estrutura Curricular da Escola de 1º Grau, realizado na II Divisão Regional de Educação do Litoral, no ano de 1976.



29. Sylvio Andraus (ao centro) homenageado como paraninfo de turma, em 1959.

Na década de 1950, o “Canadá” também teve a professora Ana Maria de Andrade Moreira Gomes (*1934, Santos) que lecionou de 1958 até o final da década de 1970; e Aduato Soares Monteiro (*1911 / +?) que lecionou principalmente nos cursos noturnos de 1956 até início da década de 1980. É um dos professores que mais títulos superiores tem²². Professor Estável em 1971.

3. História e Geografia.

O programa de História nessas duas décadas, no Colégio Canadá, seguia as orientações do currículo. História Geral ou da Civilização, História do Brasil e História da

²² Foi formado geógrafo (1934) e engenheiro civil (1935). Foi premiado com uma viagem às indústrias do Japão, em 1936. Ao entrar para o sacerdócio realiza curso de Formação Literária das línguas latina e grega e Magistério de Física e Matemática no Colégio dos Jesuítas, de 1937 a 1940. Em seguida estuda no Curso de Filosofia Escolástica, apresentando trabalho sobre “teoria dos números e o contínuo de Aristóteles”. Licenciado pela Faculdade Pontifícia, de Nova Friburgo, curso realizado de 1940 a 1943. Foi co-fundador da Faculdade de Engenharia Industrial e professor catedrático de Físico-Química. Entre 1944 e 1948, cursou Teologia e Direito Canônico no Colégio Máximo San Miguel, de Buenos Ayres, na Argentina. Ordenado Sacerdote no dia 20 de dezembro de 1947. Em 1969 e 1970 concluiu na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mogi das Cruzes o curso de Licenciatura em Filosofia.

América. Geralmente partindo do estudo de História universal dava-se História do Brasil e História da América. “Estudei no Ginásio na nos anos de 1950 e nunca tive aula de história da América, porque essa disciplina mudava de série quando eu avançava no curso”. (Entrevista – Cd.).

No Ginásio do Estado, o primeiro professor de História da Civilização nomeado foi dr. José Dantas. Anos depois, em 1937, chegou à escola o médico dr. Avelino da Paz Vieira (*1902 /+?) para substituir o professor anterior de História. Lecionou na escola de 1937 a 1967. Além de professor, foi médico clínico geral, de nome conceituado na cidade²³.



30. Avelino da Paz Vieira, em 1941.

Vários alunos comentaram, que, embora o professor Avelino tivesse uma grande cultura histórica, a metodologia não agradava, os alunos liam o livro do Joaquim Silva e o professor ia comentando os trechos.

O método do professor Avelino consistia em mandar um aluno a frente da classe ler o ponto ao tempo em que exigia um silêncio completo da sala. Na hora da avaliação apesar de estudarmos os pontos, as poucas perguntas da prova frequentemente enfocavam as notas de rodapé. A consequência era

²³ Em 14 de outubro de 1970, o estabelecimento localizado na Rua Sete de Setembro, n. 22, no bairro Vila Nova, em Santos, passou a denominar-se Colégio Estadual Professor “Avelino da Paz Vieira”.

previsível, pouco se aprendia e as notas eram baixas. O professor Avelino orgulhava-se de nunca atribuir nota zero a um aluno. Quando nada podia ser aproveitado de sua prova era-lhe concedida a nota um e o título de sócio do Clube do Sapo, inventado pelo professor para ridicularizar os alunos. (GONÇALVES e ALMEIDA, 2000, p.14)

Ou seria um subterfúgio para obrigar o aluno a estudar?

Outra professora muito lembrada nas entrevistas foi Maria dos Santos Fonseca (*1904 /+1971), professora primária e habilitada em Geografia Geral e do Brasil, História Geral e do Brasil. Exerceu o magistério primário durante vários anos em escolas do interior do Estado de São Paulo. Contratada em 1948, lecionou no Colégio Canadá História até 1967.

Em suas aulas, os alunos utilizavam grandes cadernos nos quais, após leituras dos textos de História, criavam suas próprias narrativas. Alguns depoentes falam que isso ajudava na memorização dos conteúdos.

Falando de ginásio estou lembrando de d. Maria Fonseca. Gordinha, baixinha de luvas brancas e bolsinha a tira colo. Dava o sinal dos professores, ela entrava. Quando ela pisava na porta todo mundo de pé, em 1951. A gente nem via professora Maria Fonseca, ela entrava, tinha o tablado com a mesa em cima, ela sentava, “boa tarde, sentem-se”, tirava a luvinha dela, fazia a chamada e começava a aula de História. [...] ela olhava a classe inteira, “fulano olha esse papelzinho ai no chão”, o aluno tinha que pegar o papelzinho, levantar e jogar no cesto. Era professora de História. História, ela não ensinou muito, porque era só um livro, mas ensinou etiqueta, ensinou a cumprimentar, ela ensinou a manter a limpeza, ela ensinou cortesia. Muito elegante, ela velhinha, bem velhinha, mas muito “delicadinha” no modo de falar, a entonação. Ela estava ensinando a gente, era modelo. Embora a História utilizasse Joaquim Silva, porque era tudo decorado mesmo. (Entrevista – Sonia).

“Fui aluna da professora Maria Fonseca, conhecida por ‘Reizinho’. Os cadernos com os mapas, coloridos por nós, mostravam já uma didática mais moderna.” (Entrevista – Cd.).

Outros professores lecionaram nesse período: Esperança Galvão (licenciada em História e Geografia, tinha didática semelhante à de d. Maria Fonseca) e Monsenhor Benedito

Vicente dos Santos Junior com vasta cultura adquirida por sua formação de seminário, mas começou a sua atividade do Colégio Canadá bem no fim da década de 1950²⁴.

O ensino de Geografia era destaque entre os alunos do Colégio “Canadá”. O programa envolvia o estudo da estrutura física da terra, o relevo do solo, o litoral, o clima e os recursos naturais, envolvia aspectos da geografia política. “A essas finalidades agregava-se a educação política voltada para o reconhecimento da formação do Estado brasileiro, das necessidades de segurança coletiva e da soberania territorial.” (SOUZA, 2008, p. 157).

As indicações didáticas para o ensino dessa disciplina estavam em conformidade com a renovação em voga: iniciar nas primeiras séries pelo método intuitivo, por meio de demonstrações e experiências; empregar trabalhos orais e escritos tendo como preocupação o estímulo à atividade pessoal e o senso crítico do aluno; valer-se do desenho como recurso valioso no registro de mapas e na reprodução de aspectos naturais após as excursões realizadas em estabelecimentos industriais, portos, estradas, alfândegas, observatórios astronômicos, museus, centros agrícolas e pecuários etc. (SOUZA, 2008, p. 157).

Orlando Sousa Magalhães, normalista, nomeado em 1935, foi o primeiro professor de Geografia do Ginásio Estado após exercer o magistério público primário desde 1916.



31. Orlando de Sousa Magalhães, em 1941.

²⁴ Os testemunhos sobre esse professor vão aparecer em alunos da década de 1970.

O ensino da Geografia era destaque na escola, por causa da atuação de seus profissionais: Ruth Novaes La Scala e Maria de Lourdes Soletto Costa Rodrigues, professoras durante muitos anos na instituição.

Ruth Novaes La Scala (*1920 /+?) era formada em História e Geografia pela USP (1939-1941). Aprovada em concurso em 1943 inicia sua carreira em Amparo. É removida para o Colégio Canadá em 1948, ano do seu casamento com o engenheiro Luis La Scala Junior²⁵, eleito prefeito da cidade de Santos em 1961. Fez vários cursos de atualização até aposentar-se em 1975.

Nas aulas de Geografia, destacaram-se Ruth La Scala e Elóguia Nascimento Oliveira, a primeira trabalhava mais com a geografia física e a segunda com astronomia.

Apreciávamos os mestres que tínhamos. Alguns eram mais exigentes havia a parte de Geografia, por exemplo, tínhamos que decorar Aroldo de Azevedo até nas vírgulas e eu não gostava de decoração, não gosto ate hoje. Gosto de criatividade mas não decorar, gosto de me expressar por outras palavras, jamais por aquilo que já vinha escrito, isso é uma coisa que eu sentia em todos nós. A maior parte não gostava de decorar e as nossa notas de Geografia não iam bem porque essa professora nos acompanhava o tempo todo no Científico. [...] Geografia, professora Ruth La Scala, rígida e cobradora de seus métodos. Eficiente, a gente conhecia a Geografia. Acompanhava nos mapas, fazíamos mapas. A cartografia era muito exigida, era a maneira que você aprendia Geografia. Desenhávamos rios, as estradas, os acidentes geográficos de cada região que você aprende. Você aprende a Geografia, não se faz mais isso. André, duvido que aconteça isso ainda [...] até numa ocasião, eu era bom de cartografia, então tinha uma mapa do Brasil para desenhar com todos os seus estados, os formatos, os acidentes, então o que eu fazia? Como gostava de Matemática e sabia, pegava o mapa do Brasil e colocava dentro do sistema xy de cartesiana e marcava as coordenadas de cada ponto importante para se fazer o traçado do mapa do Brasil e saia perfeito. Era fácil, as coordenadas estavam sempre na cabeça e ela cismou que eu tinha colado o mapa na prova, não quis me dar nota, todo mundo ganhou nota menos eu. Me chamou lá e achou que tivesse colocado uma cola por baixo da prova. Fiz o mapa certinho a perfeição do mapa com coordenadas cartesianas não tem o que falar. Eu tive que sentar e fazer outra vez o mapa. Quando ela viu, falou: “o senhor falou a verdade, meus parabéns, dez”. (Entrevista – René).

²⁵ Não chegou a assumir o cargo devido ao falecimento provocado por um lamentável acidente de automóvel.

No caso de Geografia, observa-se que embora se utilizassem alguns recursos de mapas e de cadernos de matéria e exercício, o ponto alto da professora Ruth La Scala era o conhecimento do conteúdo e a empolgação em mostrar uma realidade de modo mais vivo, pela fala, já que na época, não havia por exemplo, recursos áudio visuais. Entretanto, era exigida a memorização e as aulas davam-se somente dentro do espaço escolar.

Aprendi mais geografia do que história, embora tivéssemos que saber a matéria de cor. Minha mãe tomava em casa os pontos a meu pedido. D. Ruth La Scala dava aulas com uma animação que contagiava. Ela me fez gostar da disciplina e eu tinha impressão que estava viajando pelos lugares que ela explicava. Andando pela classe, muito bem vestida e arrumada com discrição. Lembro-me que uma vez entrei correndo na classe, meio atrasada afogueada por jogar 'queimada' e ela maternalmente pediu que eu fosse ao toailete lavar o rosto e pentear o cabelo e depois voltasse. Eu era aluna de tirar 10. (Entrevista – Cd.).

4. Ciências.

O currículo de Ciências físicas e naturais procurava dar inicialmente aspectos gerais dos fenômenos da natureza (atmosfera, calor e luz, água; magnetismo, eletricidade, som etc) e de suas aplicações mais necessária à vida cotidiana. Nas séries posteriores (3ª a 5ª séries), o estudo de ciências físicas e naturais se desdobrava em Física, Química e História Natural e priorizava o conhecimento científico, produzido na experimentação e no uso dos laboratórios com a participação dos alunos.

O Colégio "Canadá" segundo depoimentos dos alunos, teve bons professores nessa área do conhecimento:



32. Dr. Fernando José de Almeida, em 1941.

Em 1935, foi nomeado José de Almeida professor de Ciências Físicas e Naturais.

Luiz Pinho de Carvalho Filho (*1902 /+1986) pode ser considerado “aquele professor inesquecível”. Foi um dos professores mais populares. Ingressou no Colégio Canadá em 1949 e nessa escola permaneceu até o final da década de 1960.

Cursou a Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo, de 1920 a 1924 e também a Escola Normal e após concurso, exerceu vários anos o magistério primário em várias localidades de São Paulo entre elas São Manoel, Pirajuí, Caçapava e Botucatu.

Sempre empenhado em ensinar e progredir, prestou novo concurso em São Paulo agora para o magistério secundário, conseguindo a 2ª colocação no Estado. Tendo o primeiro colocado desistido de escolher, coube a ele a cadeira na Escola Normal “Caetano de Campos”. Porém, ele e a esposa decidem morar em Santos.

Removido para o Colégio Estadual e Escola Normal Canadá, em 1949, lecionou Ciências Naturais. Aposentou-se no final da década de 60. Lecionou também no Instituto Municipal do Comércio, Colégio Stella Maris, Colégio do Carmo, Escola Estadual de Educação Infantil e de 1º e 2º graus Independência, onde esteve por quase 27 anos, na qualidade de sócio fundador, tendo sido também presidente da Sociedade, professor, tesoureiro e auxiliar administrativo.

Além do Magistério, dedicou-se a outras atividades das quais gostava como o estudo das línguas francesa, italiana e espanhola. Quando iniciou suas atividades de Magistério Primário adquiriu um pequeno jornal, “O Clarim”, sendo repórter, redator, revisor, tipógrafo e diretor.

Estudou Música, tocava violão e conhecia profundamente a história da música instrumental e sua utilização. Possuía bela voz, apreciava os clássicos da música erudita, bem como canções folclóricas e regionais. Montou um pequeno livro com suas poesias.

Nós tivemos um professor, pra você ter uma idéia, eu acho que ele foi vinte e tantas vezes paraninfo do ginásio. Ele era o professor de Ciências efetivo do “Canadá”, Luis Pinho de Carvalho Filho. Este homem, se existe céu... pela dedicação dele ao ensino, aos alunos, a matéria, ele dava Ciências. Tudo o que eu sei de ciências eu devo ao prof Pinho no ginásio, porque ele não foi meu professor na Escola Normal. Ele dava todo o programa de Ciências e quando se terminava a 4ª série ginasial você já sabia tabela periódica. Ele já dava algumas noções de Física e Química. Criatura extraordinária, levava para o laboratório, dava aula, nunca ninguém precisou falar para ele trabalhar [...] aquele homem que tinha medidas, que via a hora que a gente cansava e brincava um pouquinho, dava uma piadinha. Nasceu para aquilo, era um professor com todas as letras maiúsculas. O pessoal adorava tanto o professor Luis, que no fim ele precisou renunciar de ser paraninfo, porque ele não agüentava mais. (Entrevista – Sonia).

Naylor lembra que em 1950, tinha intenção de fazer Direito, até que na 3ª série do Ginásio, com a disciplina de Ciências Naturais, conheceu o professor Pinho. Cabelos brancos, olhos azuis, foi seu incentivador para a área. Lembra do laboratório que o professor utilizava com frequência. Bem aparelhado, contando com microscópios, realizou diversas experiências, como observação de células, experiência realizada com a cebola, ou as reações produzidas com determinadas substâncias, como a reação do latão em contato com ácido sulfúrico. Foi algo marcante, segundo o depoente. Apaixonado pelas ciências, decidiu fazer odontologia.

Nesse mesmo laboratório, os alunos tinham contato com animais empalhados e fixados no formol para exemplificação. Possuía também um disco de cores diferentes que quando acionado por manivela, ao girar, as cores se transformavam em branco. E o que

chocava mais os alunos era um esqueleto humano, completo e, segundo Naylor, algum estudante assim escreveu na testa, osso frontal do crânio:

Ó mortal tu que me vês,
Olha bem como eu estou
Eu já fui como tu és
E tu serás como eu sou.
(Entrevista – Naylor).

Em 1945, com a criação do Colégio, e conseqüentemente, do segundo ciclo do secundário, a disciplina de Física foi ocupada por Manoel Machado Maia (*1913 /+?), professor efetivo, trabalhou na escola de 1945 a 1965.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, trabalhou como Funcionário Público Federal da Secretaria da Fazenda, de 1928 a 1937, quando foi nomeado professor efetivo, aprovado em Concurso Público de Ingresso ao Magistério de Física, do Estado de São Paulo, com média de 8,25. Ingressou em Sorocaba, removendo-se para o Colégio Estadual e Escola Normal “Canadá” de Santos, em 1945.

Designado para substituir a direção da escola nos anos de 1960 e 1961. Depois de aposentando em 1965, leciona ainda nos anos seguintes algumas aulas excedentes de Física no “Canadá”, dando aulas também nos colégios “Monte Serrat” e “Santa Cecília”, ambos na cidade de Santos.

Física, Manoel Machado Maia, o Machadinho, o MMM. Ensinava bem, aguardava o interesse de cada aluno. Isso ele gostava muito, que perguntassem sobre os fenômenos físicos, ai ele introduzia as leis daquele fenômeno, a lei física com a matemática que acompanha essa lei e depois de observar a coisa e comentar a sua curiosidade em querer saber porque. Estava explicado. Acabou aquilo, nunca mais seria perdido por nós. É uma maneira de ensinar e seguia o programa curricular de cada ano do Científico. Ele procurava dar todo o programa e ele falava: “olha, pode ser que não tenha abrangido tudo aqui, mas se vocês tiverem dúvida me procurem por favor, o tempo esta curto, mas vai dar, não deixem de ver isso aqui, vou dar os princípios, vocês tratem de evoluir.” (Entrevista – René).

Maria Helena de Almeida Lambert também marcou presença na área da Física no final da década de 1950, permanecendo até meados de 1980.

Antônio Demóstenes de Souza Brito (*1916 /+1995), professor de Química, ingressou em 1953 no Colégio Canadá e logo passou a despontar como um dos maiores nomes da disciplina na região. Seus alunos não tinham dificuldades de passar em qualquer vestibular. Preparava os alunos de maneira exemplar.

O professor Brito, filho de médico, não quis seguir a carreira do pai. Apesar de gostar de lidar com o público, preferiu a carreira docente. (Entrevista – Antonio Augusto Brito)

Habilitado a lecionar Química e Ciências, foi nomeado, em 1949, para C. E. e E. N. de Marília. Em 1953, foi removido, de Rio Claro para Colégio do Estado e Escola Normal “Canadá”. Concomitantemente trabalhou no Colégio Rio Branco, em São Paulo. Foi professor efetivo da rede municipal de Santos, lecionando Ciências, no Instituto Municipal de Comércio. Trabalhou em outras escolas estaduais de Santos.

5. Filosofia e Sociologia

Na Filosofia, outro grande nome que não pode ser esquecido foi o do professor Itagyba. Grande humanista, destacou-se não só pelo seu conhecimento, mas também pela sua simpatia e humildade.

João José Itagyba Mariuzzo (*1921 /+2003). Estudou no Ginásio e Clássico. Além do grego, possuía grande conhecimento na língua alemã e francesa. Trabalhando no comércio, estudou de 1947 a 1951, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, obtendo os títulos de Bacharel e Licenciatura em Filosofia (1950) e em 1951, concluiu especialização, nas cadeiras de Epistemologia e Questões de Epistemologia e Metafísica Geral.

Teve duas aprovações em concurso: em 1952, foi aprovado no Concurso de Ingresso no Magistério Secundário e Normal com a média final de 5,5 e classificado em 17ª lugar, para provimento do cargo de professor de Francês. Nomeado professor efetivo do Colégio Estadual e Escola Normal “Horácio Soares”, em Ourinhos, foi colocado à disposição da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Bento (PUCSP), em caráter excepcional, em 1953. Lecionou a disciplina de Estética para os alunos do Curso de Filosofia até 1974. Fez parte do grupo de Filosofia do professor Alexandre Corrêa, ao qual muito admirava. Quando a PUC exigiu dele tempo integral e dedicação exclusiva, escolheu continuar no magistério secundário.

Em 1955 foi aprovado em novo Concurso de Ingresso para Filosofia, com a média final de 8,3, classificado em 8º lugar. Exonerou-se do cargo de professor de Francês, em Ourinhos e ingressou no Colégio Estadual e Escola Normal “Canadá”, em Santos, onde permaneceu até 1982, quando se aposentou da rede pública.

A formação do professor Itagyba era de tradição humanista. Profundo conhecedor da língua grega, traduziu o “Banquete” de Xenofonte, publicado em dois números da Revista Leopoldianum, da Universidade Católica de Santos. Seu interesse principal era Estética. Tocava piano: quando jovem, em sua família tinha o apelido de Paderewisky.

Assim nosso pai e eu o chamávamos, não pelo seu nome de batismo – João José – e nem como seus amigos e colegas o chamavam – Itagyba. Por que Paderewisky? Aprendi desde que me entendi por gente que esse era o nome de uma grande pianista e como meu irmão tocava piano, tendo sido aluno de Guiomar Novaes e de Magdalena Tagliaferro, meu pai começou a chamá-lo assim. (Entrevista – Rachel).

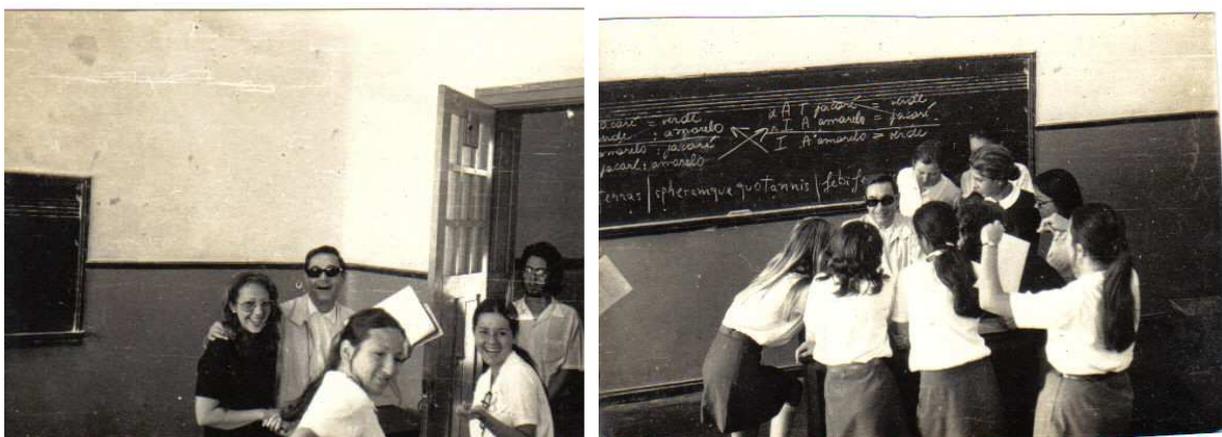
Naylor, aluno do Científico, comenta:

Itagyba, excelente pianista, quando soube que eu era estudante violinista, trouxe uma partitura de violino de um autor moderno, mas extramente difícil de ser tocada. Ele, sempre muito elegante, gravatas de crochê, sentava-se na

ponta da mesa; costumava descer na cantina para tomar coalhada com groselha, sempre muito próximo dos alunos, o que era super diferente para época. Aristóteles, Sócrates, Descartes, primeira premissa, segunda premissa, conclusão e lógica dialética são termos que ainda vêm a minha memória. (Entrevista – Naylor).

No Curso Clássico também era muito querido:

Mestre Itagyba, titular de Filosofia, foi o “guru”, o mentor intelectual de inúmeros jovens que tiveram a sorte de ser seus discípulos. Muito magro, agitado com uma agilidade fruto da incansável prática de yoga e dança, falava rápido, pensava mais rápido ainda e extasiava seus alunos com sua verve e competência, aliadas a uma imensa cultura. Dos 14 aos 17 anos, os anos áureos da adolescência, quando se busca saber o que é o mundo, a vida e a própria identidade, não se poderia ter melhor orientador para essas e outras dúvidas como aquelas que ele próprio colocava: “*O que é o nada absoluto?*” E respondia: “*O nada absoluto é uma faca sem cabo cuja a lâmina nunca existiu*”. Seu relacionamento com os alunos era tão bom, embora fosse um professor exigente quanto à aplicação e à disciplina, que frequentemente eles eram sua companhia para sessões de cinema no Cine Caiçara e para o debate posterior no Bar Presidente, ambos no Boqueirão, onde morava. João, como era chamado pelos alunos mais próximos que se tornaram seus amigos, gostava muito de cinema e referia-se frequentemente a Anita Ekberg, sua musa do cinema, seu ideal feminino. (GONÇALVES e ALMEIDA, 2000, p.14/15).



33. Professor Itagyba entre os alunos em sala de aula.

Gilda reafirma a ligação dos alunos com o professor João Itagyba: “Ele foi, inclusive, paraninfo de nossa turma, em 1958, no Clássico”.

Carlos Alberto Rodrigues, formado em Jornalismo, mas é bancário, fez o Curso Científico (1956-1958) à noite. O professor Itagyba era um dos seus preferidos:

[Filosofia] a matéria me parecia um mistério, tinha a impressão que estava entrando num túnel completamente escuro, mas ele soube, como ninguém, acender chama com clareza suficiente para minha compreensão, demonstrando uma inteligência como poucos. Conseguia agradar a todos. (In: VIEIRA, 2000, p. 97).

Trabalhou também na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos, desde 1973, lecionando aulas de estética, Lógica e Filosofia da Ciência, até um pouco antes de falecer.

Além de sua extrema competência e de sua jovialidade, lembro-me de uma sua confidência, nos últimos anos de seu magistério na faculdade que, ao fazer a barba, ouvia a gravação de sua aula, para ver como estava a dicção! Como as turmas de Filosofia eram relativamente pequenas, distribuía bala ou chocolate para os seus alunos e para os da classe vizinha. Gostava de tirar fotografia dos alunos, colegas e funcionários, porém, dificilmente se deixava fotografar. (Entrevista – Cd.).



34. Professor Itagyba, aposentado, com sua inseparável máquina fotográfica.

Na Escola Normal, uma das professoras que mais causou polêmica foi Walkyria Siqueira Mori (*1921 /+2007?). Muitas alunas achavam que ela dava aula em estilo de faculdade.

Formada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, estava habilitada a lecionar além de Sociologia, Filosofia, História Geral e do Brasil e Matemática. Removida por concurso do Colégio Estadual e Escola Normal “Torquato Caleiro”, de Franca, para o Colégio Estadual e Escola Normal “Canadá”, em 1950.

A sua carreira no “Canadá” teve alguns intervalos: em 1956, foi designada para substituir o professor de Sociologia do C. E. e E. N. “João Ramalho”, em São Bernardo do Campo, retornando ainda nesse mesmo ano. Afastada de suas funções no magistério público em 1962, trabalhou junto á Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, reassumindo suas atividades em Santos em 1964.



35. Walkyria Siqueira Mori. Formatura da Escola Normal em 1955.

Removida, em 1967 para o Colégio Estadual e Escola Normal “Prof. Jácomo Stávale”, de São Paulo, aposenta-se alguns anos mais tarde.

Embora achasse a professora Walkyria um pouco distante, o que na Escola Normal não era comum, foi uma professora competente e nos deu trabalhos diferenciados, de nível superior: eu li “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre. Ela mandou ler “A boa terra”, romance sobre a China, da escritora Pearl S. Buck, e levantar as estruturas econômicas, sociais e culturais.

Tínhamos que estudar muito, mas acabamos aprendendo uma corrente da Sociologia. (Entrevista – Cd.).

6. Ensino Religioso.

O Ensino Religioso nos anos de 1950-1960 era ministrado por uma equipe composta principalmente pelos Mons. Alfredo Pereira Sampaio (ordenado sacerdote em 1937), Pe. Waldemar Valle Martins e Irmã Ruth Montenegro (Missionária de Jesus Crucificado). Mons. Benedito Vicente dos Santos também faz parte da equipe, mas sua atuação se torna mais visível é nas disciplinas principalmente de História. As aulas eram facultadas àqueles que desejassem, com assentimento indicado no ato da matrícula. Não havia notas de avaliação e elas tinham êxito, ou não, baseadas na atividade pessoal dos professores. Os três eram pessoas preparadas para o ensino religioso.

Nos depoimentos dados, aparece com destaque o Pe. Waldemar Valle Martins (*1926, Santos /+ 2004)²⁶. Ex-aluno do Ginásio do Estado (1937-1941) foi para o Seminário em 1942 e ordenou-se sacerdote em 1950 em Roma. Eram enviados para lá os seminaristas que tinham um maior pendor para o campo intelectual. Bacharel e licenciado pela Universidade Gregoriana de Roma (1946 e 1948), doutorou-se pela mesma Universidade em 1962, com a tese ligada à Filosofia da Educação: “Liberdade de Ensino a partir de uma situação no Brasil” (o pano de fundo são os anos de debates que deram origem à 1ª. LDBN), publicada mais tarde pelas Edições Loyola.

²⁶ Dados recolhidos de depoimento de Cd e da obra de Paulo Fernando Campbell FRANCO: “Waldemar Valle Martins – homem de virtude e saber”, São Paulo: Loyola, 2001.



36. 1ª Turma do Curso de Aperfeiçoamento. Pe. Waldemar, professor Gama e professora Enedina Fraga. 1959.

De 1955 a 1958 é professor de Religião no “Canadá” e, depois, também sucede Mons. Sampaio na direção da Comissão Diocesana de Ensino Religioso. Sua participação na vida da juventude do “Canadá” vai se dar também no período de 1964-1974, quando organiza a Paróquia do Senhor dos Passos, uma instituição de vanguarda no clima do Vaticano II, localizada vizinha do ginásio de esportes canadense. Chefiou uma equipe (médico, advogados etc.) que dava cursos de formação para o amor, namoro e casamento (aspectos biológico, psicológico e religioso) para os alunos do “Canadá”, nas dependências da Igreja, na década de 1960.

Sua vida é dedicada à educação principalmente universitária. Tem algumas passagens pelo ensino superior em Presidente Prudente (História da Educação e História da Filosofia de 1958 a 1960) e na Pós-Graduação da PUC-SP (Antropologia Filosófica de 1978 a 1982), Faculdades Associadas do Ipiranga, UNIFAI. Sua atuação está centralizada principalmente na Universidade Católica de Santos, por mais de 50 anos, e foi o seu primeiro Reitor (1986-1990).

Nas aulas de Religião do professor Pe. Waldemar no Científico, como nos conta René²⁷, tudo era ensinado com muito discernimento. Embora as aulas não fossem obrigatórias, quase todos os alunos gostavam de participar pelos debates promovidos em aula. Lembra também que alunos judeus e de outras religiões sempre assistiam às aulas e o destaque se dava pela sua oratória e pela grande abertura de mentalidade do professor, que tratava todas as religiões com muita ética: “As aulas ocorriam uma vez por semana; inicialmente alguns iam para criticar, mas com o passar do tempo se deixavam levar pelas aulas desse professor que se destacou pelo respeito e pelo profundo conhecimento que tinha das religiões.” (Entrevista – René).

7. Música.

Adelina Mazagão Alcover, professora de Música, formada pelo Conservatório Musical de São Paulo, foi nomeada em 1935 para lecionar no Ginásio do Estado de Santos.



37. Adelina Mazagão Alcover, 1941.

²⁷ Semelhantes depoimentos foram dados por Naylor (Científico), Gilda (Clássico) e Cd (Escola Normal).

A professora de música maior evidência, no período estudado, é Yolanda de Quadros Arruda (1946-1961). Iniciou sua carreira na rede pública estadual em 1935, como professora primária, até 1937, quando passou para o magistério secundário na rede estadual em Araçatuba até 1946. Removeu-se, nessa data, para Colégio Estadual e Escola Normal “Canadá”, de Santos, permanecendo até 1961. No ano seguinte foi relotada para o Colégio Estadual e Escola Normal “Dr. Alarico Silveira”, de São Paulo, aposentando-se em seguida.

O ensino de música e o canto orfeônico foram marcantes na história do Colégio “Canadá”. Valorizado no currículo da escola secundária, no governo de Vargas, deve sua orientação ser remetida ao ministro Gustavo Capanema, considerado um intelectual brasileiro.

Rosa Fátima de Souza explica que já se encontravam realizações do canto orfeônico, desde o início do século XX, no ensino primário e na Escola Normal.

Em realidade, iniciativas de escolarização do canto coral vinham sendo adotadas em alguns estados do país desde o final da Primeira Guerra Mundial, especialmente no ensino primário e normal. Mas a atuação do governo federal, no início dos anos 30, associando a música e a arte aos projetos de cunho nacionalista, transformou o Canto Orfeônico num instrumento de política cultural e de construção da nacionalidade. Concebida dessa forma, a disciplina substituiu de maneira ainda mais eficaz os propósitos da Instrução Moral e Cívica introduzida na reforma de 1925. [...] Não obstante, o ensino de Canto Orfeônico não se restringiu à formação cívico-patriótica. Como demonstraram Souza e Monteiro (2003) e Lemos Júnior (2005), desde o início, a disciplina envolveu conteúdos abrangentes como teoria musical, biografia de autores, história da música e técnicas musicais, visando à disseminação de uma cultura erudita. (Souza, 2008, 159-160).

Na escola secundária fez parte do programa de elevação do gosto e da cultura das artes, unido à difusão dos sentimentos morais e cívicos do Governo de Vargas. Segundo Humberto Grande, um atributo fundamental da “Pedagogia no Estado Novo” é a “educação cívica que ministre, ao povo, patriotismo cultural”, que não admite a educação fora dos interesses do Estado. “Mas o Estado aqui é a nação socialmente organizada, como expressão da cultura” (p.8).

Rosa Fátima de Souza também enfatiza esse aspecto:

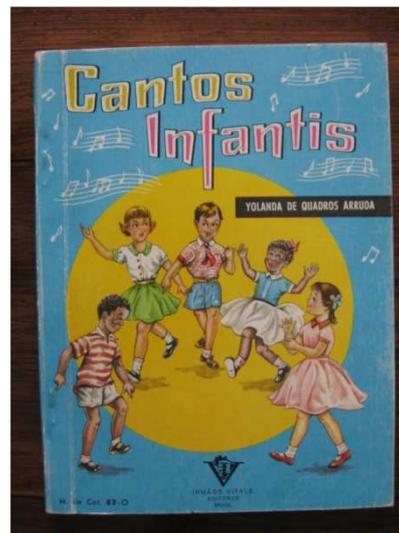
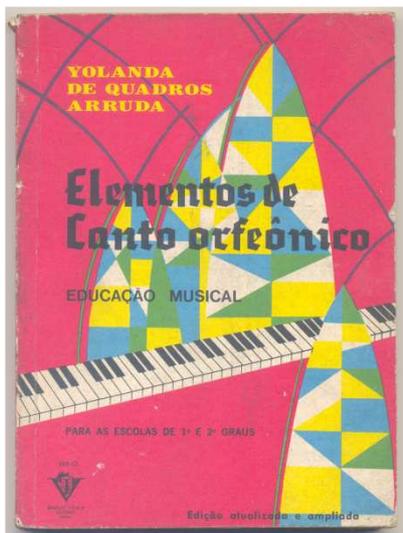
A incorporação do Canto Orfeônico ao programa oficial do primeiro ciclo do secundário mostra o processo peculiar de surgimento e consolidação de uma disciplina, e o modo pelo qual o Estado utilizou-se do currículo para fins políticos. (2008, p.159).

A mesma atitude observa-se quando, para inculcar nos jovens escolares do país o culto à pátria, Getúlio instituiu em 1940 o movimento denominado Juventude Brasileira (SCHWARTZMAN, BOMENY e COSTA, 2000, p. 148-151). No “Canadá” consta uma referência ao “Regulamento da Juventude Brasileira do Ginásio do Estado em Santos” de 19/4/1941 (VIEIRA, 2000, p. 115).

Os alunos deveriam cantar os hinos oficiais (Nacional, Bandeira, Proclamação da Independência e da República) e outros hinos (canções das forças de terra, mar e ar).

Lembro-me ainda dos estribilhos da Canção do Soldado (“A paz queremos com fervor, a guerra só nos causa dor; porém se a Pátria amada for um dia ultrajada lutaremos com valor”) ou da belíssima música que iniciava assim: “Qual cisne branco que em noite de lua, vai deslizando num lago azul...” (Canção do Marinheiro) ou da Marcha Estudante do Brasil: “Estudante do Brasil! A tua missão é a maior missão: batalhar pela verdade, impor a tua geração”. Era muito bonito o que cantávamos, mostrando as belezas do país, como a “Aquarela do Brasil” ou aquela outra que começava assim: “Manhãs de sol, do meu Brasil, o sol é ouro sobre anil, e a luz que se espalhou pela imensidão iluminou também o meu coração”. Cantamos alguma coisa do folclore através de músicas como aquela do “Uirapuru”. Na Escola Normal muitas cantigas que deveriam ser ensinadas para as crianças: “Peixe vivo”, “Pau no gato”, “A canoa virou” etc. (Entrevista – Cd.).

D. Yolanda Quadros Arruda era muito animada, competente e responsável em sua missão. Atendia as classes femininas do ginásio e da Escola Normal. Foi autora de várias obras: “Elementos de Canto orfeônico” de educação musical para as escolas de 1º e 2º graus, publicado em 1950, depois reeditado; “Cantos Infantis”, para uso das escolas normais; “Ditado musical” (Caderno de Caligrafia Musical); e “Canto e Cânones” (para os que lecionam a disciplina Canto Orfeônico e estudiosos do patrimônio musical brasileiro).



38. Obras da professora Yolanda Quadros Arruda.

O Orfeão do Canadá, sob sua regência, tornou-se famoso, participando das festividades escolares.



39. Aula de canto no auditório da escola com a Profa. Yolanda Quadros Arruda.

No colegial ensinam Aécio de Souza Salvador e João Rodrigues. As alunas do Colegial clássico fazem referência a esses professores:

Nas aulas de Música, além dos ensaios para o canto orfeônico com quatro ou cinco vozes, aprendia-se a solfejar e a escrever as notas musicais nos cadernos com pauta. Tratava-se de uma verdadeira iniciação musical oferecida pelos mestres Aécio e João. Além das músicas folclóricas como o *Uirapuru* e *Vento*, cantavam todos os hinos do Livro de Hinos: da República, da Bandeira, da Independência, do Estudante etc.” (GONÇALVES e ALMEIDA, 2000, p.9).

Com a canção “O Uirapuru”, os “compositores: poetas anônimos do 3º Colegial Clássico” (concluintes de 1967) mostram um pouco do cotidiano escolar:

Certa vez, em dia de chuva
Eu cheguei no CANADÁ
E logo na entrada eu já tive que nadar
Ai! Ai! Eu já tive que nadar
Ai! Ai! Que colégio encantador.

Me contaram do Azevedo
do Aécio e do Dedé
E que quando a Bendi chega
A gente tem que dar no pé
Ai! Ai! A gente tem que dar no pé
Ai!Ai! Que colégio encantador.
Seu Edésio, por favor
Explica pra mim
Por que fizeram um muro
Tão alto assim?
Seu Edésio foi-se embora
Sem me explicar
E da longa suspensão
Foi duro me livrar.

Mas no dia em que a cantina
Estiver vazia
E a água no banheiro
Sair na torneira da pia
Ai! Ai! Sair na torneira da pia
Ai! Ai! Não será mais CANADÁ!

(GONÇALVES e ALMEIDA, 2000, p.10/11).



40. Coral do Canadá no Concurso de Corais Santos, 15/11/1958. Clube Internacional de Regatas. Regente Yolanda de Quadros Arruda.

Ao lado da divulgação do canto orfeônico, que era o canto coral popular, desenvolve-se também o projeto de buscar o gosto pela música erudita, inicialmente com a finalidade de criar orquestras sinfônicas. Ao final esse trabalho vai ter alguma repercussão na juventude das escolas de algumas cidades brasileiras.

Doryle Williams em seu estudo “Gustavo Capanema, ministro da Cultura”, aponta que Capanema ao “dedicar tanta atenção à educação cívica, à nacionalização das colônias estrangeiras e ao incentivo dos cultos patrióticos” quis atuar sobre a cultura brasileira em especial sobre a juventude e a infância.

“Sob a regência de compositores como Villa Lobos, os jovens aprendiam valores do patriotismo, do belo, do transcendental e do coletivo, tornando-se cidadãos amantes da nacionalidade brasileira” (2000, p.263).

A orquestra Sinfônica Brasileira é inaugurada em julho de 1940. O maestro cearense Eleazar de Carvalho, que passou uma grande temporada na Europa, cria no Brasil o Movimento Juventude Musical Brasileira, a exemplo da *Jeunesse Musicale de Belgique*. A

partir de 1943 foi produzida a série Concertos para a Juventude²⁸ iniciada pelo maestro e compositor paraibano José Siqueira (1907-1985). Esses concertos foram levados para várias grandes cidades brasileiras, inclusive Santos.

Aqui em Santos assisti a esse concerto e vi o maestro Eleazar de Carvalho dirigindo o espetáculo, porque era um espetáculo ele interagindo com os estudantes na platéia, regendo a orquestra sinfônica! Eu me lembro que foi no Atlético Santista e ele foi ao “Canadá” convidar a nós estudantes. Por volta de 1952. Os convites eram feitos dentro da escola. (Entrevista – Cd.).

A música no “Canadá” aparecia também aliada à Educação Física, cujas aulas compreendiam a ginástica rítmica, além de jogos e esportes. Belos espetáculos de ginástica rítmica foram organizados pela professora Yolanda Baldia, no Clube Internacional de Regatas e no Estádio do Santos Futebol Clube, em Vila Belmiro.

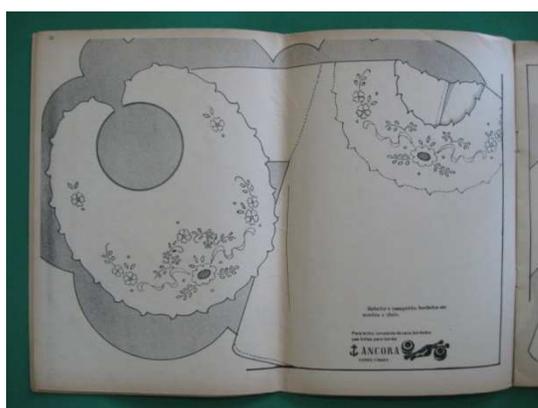
Recordo de um evento realizado por nós alunas, numa noite, na sede do Clube Internacional de Regatas. Espetáculo de cores e luz, as meninas vestidas de pequenas saias cor róseas, pregueadas sobre o calção de ginástica, que bailavam ao som de músicas. Que alegria e satisfação para nós e para d. Yolanda. (Entrevista – Cd.).

8. Trabalhos Manuais.

Maria Celeste Pereira Leite (*1921, Santos /+1966), professora de 1942 a 1966 nas disciplinas Trabalhos Manuais e Economia Doméstica. Professora contratada de 1942 até 1948. Em 1949, foi nomeada, por concurso, professora do Ginásio Estadual de Bragança Paulista, ali permanecendo até 1950, quando removeu-se, por permuta, para a Escola Normal “Canadá”, em 1950, no lugar de Eunice Silva.

²⁸ No ano de 1933, o maestro Leopold Stokowski (1882-1977) cria nos Estados Unidos os Concertos da Juventude.

A professora Maria Celeste ensinava-nos os pontos de bordado, de vários tipos num pedaço de tecido de cânhamo, com linha azul escuro. Na escola Normal, “apanhei” para fazer para as camisas de bebê. Tínhamos também que fazer o Cadernão de Economia Doméstica e foi uma das minhas primeiras aventuras no mundo da pesquisa, procurando ilustrações em revistas novas ou usadas, geralmente americanas, nas livrarias ou com as pessoas que as possuíam. (Entrevista – Cd.).



41. Cadernos de onde eram tirados os modelos para Trabalhos Manuais na Escola Normal.

Outras professoras foram Maria Antonieta Marigny (*1915 /+?), contratada de 1949 a 1951; depois efetiva de 1967 a 1977; Arina Penellas Baeta (*1921, Santos /+?) que em 1940 concluiu o curso profissional secundário no Instituto “D. Escolástica Rosa”, de Santos e, em 1943, realizou aperfeiçoamento no Instituto Profissional Feminino de São Paulo. Lecionou no Colégio Canadá nas décadas de 1950 e 1960 (também Desenho).

Nas aulas de Artes os meninos aprendiam ofícios como marcenaria e carpintaria. As meninas aprendiam ou aprimoravam os dotes femininos tão caros ainda naqueles anos como a costura, o bordado, o tricô, o crochê e a culinária. Com relação à costura, especialmente, não se pode negar a utilidade para uma relativa auto-suficiência doméstica da prática de se pregar

botões, colchetes e fazer bainhas ou pequenos remendos. Mas a professora Celeste fazia ainda mais do que isso: iniciava suas alunas na arte do ponto cruz, ponto cheio, sombreado, ponto Paris e outros. (GONÇALVES e ALMEIDA, 2000, p.10/11).

O aluno Naylor, que se formou em Odontologia mais tarde, comenta:

Recordo também do professor Yolando, sempre de paletó e gravata, e nunca nenhum aluno colocou algum apelido, sempre respeitaram a sua deficiência, que tinha um sério problema de coluna [andava pronunciadamente arqueado], e nas aulas de trabalhos manuais, fazia acento de cadeiras de palha trançada, fazia sacas de feira, com barbantes, ainda carpintaria, com serrinhas e contornos, e lembra que isso o ajudou muito a desenvolver a coordenação motora. (Entrevista – Naylor).

9. Desenho.

Consta o nome de um professor Francisco Leopoldo e Silva, cuja busca de sua biografia causou surpresa pelo seu importante currículo na história da arte paulista.

Francisco Leopoldo e Silva (*1879 /+1948) é natural de Taubaté.

Iniciou seus estudos de escultura no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo como aluno de Amadeo Zani. Bolsista do Governo do Estado de São Paulo viaja em 1911 para a Itália para o Instituto de Belas Artes de Roma, tornando-se aluno do escultor Arturo Dazzi. Retorna ao Brasil em 1914 e em menos de um ano regressa a Itália, em 1915 produzindo diversos trabalhos entre eles “Nostalgia”, de 1916, fazendo parte do acervo permanente do Museu de Arte Moderna de Roma²⁹.

Regressando definitivamente ao Brasil em 1919, Leopoldo e Silva teve numerosa produção artística, entre as quais devem ser citadas: “São Jerônimo”, “Morte”, “Job” e

²⁹ Em parceria com Victor Brecheret, escultor brasileiro e que também estudou nesse mesmo período com Arturo Dazzi, organizaram uma exposição conjunta em Roma. No Brasil, enquanto que Victor Brecheret participava da Semana de Arte Moderna de 1922, Francisco Leopoldo e Silva estava no Rio de Janeiro, na Exposição Geral de Belas Artes, com 14 esculturas, recebendo como uma homenagem uma pequena medalha de ouro.

“Ressurreição”, um conjunto escultórico executado por encomenda de seu irmão, D. Duarte Leopoldo e Silva (*1867 /+1938) – primeiro arcebispo de São Paulo – para a cripta da nova Catedral Metropolitana da Sé de São Paulo, obra iniciada em 1913 por iniciativa do mesmo arcebispo.

São inúmeras as suas esculturas entre elas: “Índio Pescador” (posteriormente colocado no canteiro central da rua Vieira de Carvalho, de frente para a Praça da República, na capital paulista); “Lucífera”, “Menina e Moça” (pertencente ao acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo).

As obras de Leopoldo e Silva figuram em jardins, praças e igrejas, tendo ele também sido o autor de algumas esculturas tumulares para o Cemitério da Consolação, na capital paulista. A Pinacoteca do Estado, além da já citada obra “Menina e Moça” (com outra versão pertencente ao acervo do Museu de Arte de São Paulo – MASP), possui também uma outra obra, denominada “Safo”, todas obras esculpidas em mármore.

Após a sua morte, ocorrida na capital paulista em 1948, Leopoldo e Silva acabou num completo e injusto esquecimento, possivelmente motivado pelo exagerado academicismo de sua obra, numa época em que o movimento modernista ganhava adeptos do nível de Bruno Giorgi, Ernesto de Fiori, Lasar Segal e Victor Brecheret, todos eles escultores e contemporâneos de Francisco Leopoldo e Silva. (Revista Taubaté, 2007)

“[...] um artista que não parece ter logrado em vida o sucesso e a publicidade que certamente merecia, e em torno a quem, após a morte, desceu um inexplicável véu de silêncio e esquecimento, não o citando nem mesmo fontes tradicionais de nossa História da Arte [...]” (LEITE, 1988, p.?).

Como professor em Santos, consta o seu nome no “Canadá” e no Instituto “D. Escolástica Rosa”.

Foi o primeiro professor de Desenho a lecionar no Ginásio do Estado de Santos. Nomeado ainda na década de 1930, permanece na escola até a chegada, no início da década de 1940, de Paulo Alves de Siqueira.



42. Paulo Alves de Siqueira, em 1941.

Paulo Alves de Siqueira (*1909 /+2000). Estudou na Escola Normal de Casa Branca e terminou o curso na Escola Normal de Pirassununga em 1929, período em que na capital de São Paulo prestou concurso em 1931 para frequentar as aulas do Instituto de Higiene, anexo À Escola de Medicina, para formação de Educadores Sanitários. Ardoroso democrata ingressou em 1930, nas forças militares para defender o Governo do Presidente Washington Luiz³⁰.

Relacionado no meio estudantil da Faculdade de Direito de São Paulo, não sentiu atração para o Direito, preferindo a área da Educação.

Professor normalista, iniciou sua carreira na rede pública estadual em 1930 no Ginásio de Tatuí. Atuou como professor primário, porém destacou-se como professor secundário de Desenho e também pintor.

Lecionou no Instituto de Educação Estadual “Canadá” como professor secundário efetivo até 1965 quando aposentou-se, completando 35 anos de efetivo exercício. Mas depois

³⁰ Teve como companheiro de farda, dois parentes, Laércio e Luiz de Barros Castro, ambos sobrinhos de Alarico Silveira, procurador Geral da República, do Governo Washington Luiz.

continuou como professor contratado (1965-1967). Atuou também oito anos no C. E. “D. Luisa Macuco” em Santos, até 1976.

Pintor paisagista, escritor, conferencista, músico, compositor, colecionador de objetos de arte e professor de desenho. Iniciou-se nos estudos de desenho com Antonio de Pádua Dutra, em Casa Branca, e posteriormente estudou com Antonio Rocco, em São Paulo.

Pertenceu a Comissão Municipal de Cultura da Prefeitura de Santos em vários governos. Fez parte da Academia Santista de Letras ocupando a cadeira cujo patrono foi Frei Gesuíno do Monte Carmelo; membro da diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Santos.

Publicou várias crônicas na revista Paulistânia da Capital de São Paulo e em estudo intitulado “Três Grandes Pintores Brasileiros”. Premiada no Salão Paulista de Belas Artes, está mencionado no Dicionário de Theodoro Braga, Artistas Pintores do Brasil, e em o Dicionário de Arte, de Roberto Pontual, e no quarto volume do Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos do MEC.

Publicou estudos críticos biográficos sobre os pintores Pedro Alexandrino, José Ferraz de Almeida Junior, Pedro Américo, Paulo do Vale, Marquês Campão, Antonio Rocco e Benedito Calixto. Em 1949 realizou viagem de estudos de artes decorativas, credenciado pelo Governo do Estado paulista para estudar as manifestações artísticas dos antigos povos andinos, notadamente do Peru e Bolívia. Escreveu e publicou crônicas sobre Cusco, Arequipa, Puno e Lima.

Fatos pitorescos que se passaram com Paulo Siqueira: os alunos das séries mais adiantadas, por vezes, amistosamente, o provocaram para dissertar sobre assuntos extracurriculares sobre arte, assuntos políticos, filosóficos e principalmente sobre poesia. Previu sucesso futuro para Cacilda Becker na sua primeira apresentação no Teatro Coliseu de Santos. Esta, dirigindo-se a Paulo Siqueira, perguntou: “Fui bem, Paulo?” Ao que Siqueira lhe deu, nessa oportunidade, grande estímulo a essa apresentação, fato que a própria artista mencionou em entrevista dada na “Manchete”. Teve também visão de prever sucesso ao escritor Cassiano Nunes no início de sua carreira. Eu

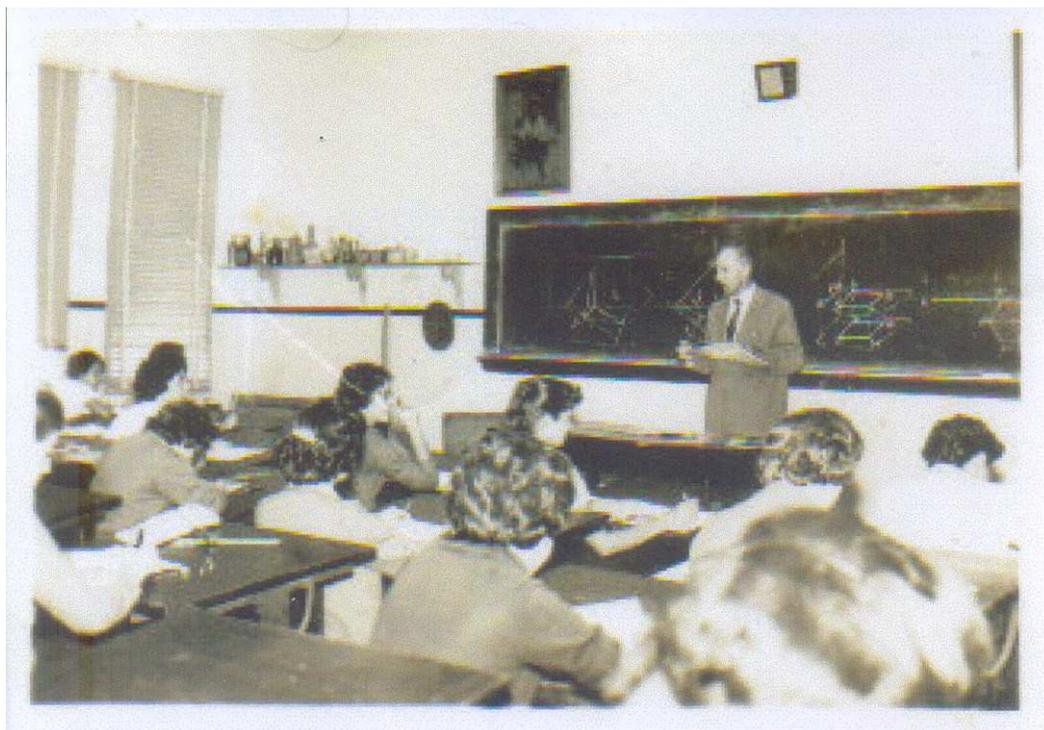
reunião da Comissão Municipal de Cultura de Santos, havia, entre muitas outras ofertas, uma carta de Cassiano Nunes, na qual se dispunha a fazer uma conferência sobre Vicente de Carvalho. A idéia foi apoiada calorosamente por Paulo Siqueira, embora alguns daquela época fizessem transparecer certa frieza. Passado algum tempo, Cassiano Nunes, encontrando-se com Paulo, disse-lhe: “Muito obrigado pelo que fez por mim na Comissão de Cultura”. (**A Tribuna** – 10/6/1975).

Quando Paulo Siqueira visitou a “exposição-protesto”, deixou no Livro de Impressões o seguinte conceito:

A manifestação do modernismo nas artes pictóricas acoberta, quase sempre, as frustrações do indivíduo ávido por notoriedade fácil. Houve algumas exceções, quando por volta de 1870 os impressionistas, dotados de real genialidade, se apresentaram com uma técnica independente, seguida de robusto subjetivismo. De lá para cá, o que aconteceu é a inconseqüência desvairada do inócuo.

A arte acadêmica, por ser difícil, não está ao alcance de superficiais executores. (**A Tribuna** – 10/6/1975).

É inegável o renome do professor Paulo Siqueira na arte paulista. A carta de Pedro Alexandrino a Paulo Siqueira dá testemunho disso: “Envio esta velha palheta, como uma lembrança minha. Gostei muito do seu trabalho, cada grande cidade do Brasil tivesse, uma pessoa como o amigo, o nosso país seria o País da arte.” (**A Tribuna** – 10/6/1975)



43. Aula de Desenho com o Prof. Paulo Alves de Siqueira.

São vários os testemunhos dos alunos sobre o professor Paulo. Sônia comenta do seu rigor e exigência no Ginásio. Lembra que o professor Paulo era um artista, mas inadequado para lecionar para as crianças, já que todos temiam a figura dele, sempre muito sério e exigente, principalmente nas tarefas de utilização dos compassos na lousa e exercícios práticos. “Ensinava inicialmente desenho geométrico e depois desenho livre [...]. Ele pegava todas as aulas do colegial de manhã e devia compor a sua carga com aulas da tarde com o ginásio, e mostrava não gostar muito de trabalhar com as crianças, completamente diferente do colegial”. (Entrevista – Sonia).

Renê, aluno do Científico, comenta:

Desenho, professor Paulo. Humanista e consciente. Nos deu boa perspectiva. Nas provas de perspectiva eu passei também. Mas a parte da Geometria analista, a parte de diedros, onde você tem o quadrante, e como é que você vê uma peça, por exemplo. Nesse quadrante rebate no vertical e no horizontal e no outro quadrante. O sistema francês e o sistema alemão. Isso ele não nos deu o suficiente, deu apenas a idéia. [...] Ele gostava muito de desenho a mão livre. (Entrevista – René).

Naylor relatou as aulas realizadas em uma sala própria de Desenho. As mesas eram pranchetas, e um exercício bastante comum aos alunos era a reprodução de vasos colocados à frente da sala ou, senão, noções de geometria com o uso do compasso e criações de rosáceas. Lembra também de como o professor Paulo costumava verificar os desenhos, sempre com a mão firme, própria de um artista, corrigindo de mesa em mesa os traços errados dos alunos.



44. Sala de Desenho: aula do Prof. Paulo. Observa-se os materiais e as pranchetas. Ao lado do professor, o objeto que deveria ser copiado.

Dois professores de Desenho inesquecíveis: no Ginásio, Paulo Siqueira. Era muito bom irmos para a sala especial dele. Ensinava, como um artista em seu *atelier*, a copiar objetos com técnica. Porém com o que eu me deliciava era com “você é uma obtusa!”, dedo em riste, quando errávamos. Não era uma ofensa mas um modo próprio de chamar a atenção para o erro. Tinha uma postura fina. Anos mais tarde, descobri que era um grande artista, um pintor. Na Escola Normal, Leda Bauer! Com seu modo de tratar calmo, competente, ensinava-nos o Desenho Pedagógico. Sentava ao nosso lado na carteira, corrigindo os nossos desvios nas linhas do desenho em caderno próprio que exigia e que servia para a vida toda no magistério infantil. Foi, para mim, a professora que mais trabalhou acompanhando, incentivando o progresso individual das alunas. (Entrevista – Cd.).

Do grupo de professores de Desenho, outro destaque foi Paulo Filgueiras Júnior (*1906, Santos /+?), professor interino que lecionou no Colégio Canadá de 1947 a 1966.

Além de professor, também ocupou o cargo de Engenheiro no Departamento de Obras Públicas, da Secretaria dos Serviços da Viação e Obras Públicas de Santos.

As aulas de Desenho Pedagógico, na Escola Normal, foram durante anos ministrada pela professora Aida Leda Falcão Bauer Davies (*1926 /+?).

Professora Normalista formada em 1944, realiza curso de Desenho Arquitetônico, em 1947. Lecionou, como professora substituta no Curso Primário anexo ao Instituto de Educação Estadual “Dr. Álvaro Guião”, em São Carlos, de 1946 a 1948. Após ser aprovada em concurso público em 1949, em Desenho Pedagógico, ingressa no Colégio Estadual e Escola Normal “Canadá”, de Santos.

Concluiu na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mogi das Cruzes a Complementação Pedagógica (1972). Fez muitos cursos de atualização, principalmente, sobre ensino renovado. Aposentou-se no final da década de 1970.

10. Educação Física.

Na área dos esportes, desde o início, ainda quando a escola se chamava Ginásio do Estado, a instituição foi bem representada nas várias competições promovidas pelo governo estadual.

Os professores de Educação Física, nomeados ainda nos primeiros tempos da escola, foram: Francisco Galvanese Natale, diplomado pela Escola Superior de Educação Física de São Paulo; Maria de Lourdes Moraes Camargo, normalista; Angélica Vilas Boas e Adélia Franco.



45. Francisco Galvanese Natale, 1941.



46. Angélica Villas Boas, em 1941.

No ano de 1941, é realizado o I Campeonato Colegial do Estado, promovido pelo Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo, onde várias cidades paulistas são representadas por suas Escolas Normais e por seus Ginásios.

Em entrevista ao jornal Cidade de Santos (13/3/1971), Alfeu Brandão Praça, deputado estadual, e na época aluno, relata a sua experiência de participação, quando o Ginásio do Estado de Santos recebeu o título de campeão em Voleibol e Natação.

Na abertura do II Campeonato Colegial em 1942, no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, a equipe do Ginásio do Estado de Santos, dirigida pelos professores Francisco Galvanese e Angélica Vilas Boas, desfilou sob intensos aplausos.

Nos anos seguintes, com a implantação do Colegial e com a chegada de novos professores, a Escola vive uma nova fase na área esportiva. Dois professores vão ter longa permanência no Colégio, contribuindo para o período áureo no esporte colegial.

Guaraná da Costa Rodrigues (*1920 /+2009) chegou em 1946, aposentou-se em 1968, mas continuou na escola como professor.

Iniciou sua carreira em 1945 no Colégio Estadual “Dr. Adhemar de Barros”, de Pirajuí. Em São Vicente lecionou também no Grupo Escolar e foi Diretor do Ginásio Henrique Oswald.

Yolanda Elias Baldia (*1922) é o outro nome a ser registrado. Professora que foi removida para o Colégio Canadá em 1951, aposentando-se em 1974. Licenciada pela Escola Superior de Educação Física, do Estado de São Paulo, foi aprovada em concurso publico no ano de 1949. A sua carreira tem passagens por várias cidades paulistas: professora substituta, em 1944, no G. E. “Adelmo Almeida”, de Guararapes (D. E. de Araçatuba); lecionou interinamente em 1946 no Ginásio Estadual de Cajurú; professora efetiva (1949 a 1951), no Instituto de Educação “Dr. Carlos Sampaio Filho”, de Penápolis.

O que me marcou bem em Santos e de um modo geral e também no Colégio Canadá foi a parte de esportes. Eu não tinha nos outros colégios. E lá eu tive muito. O professor era o Guaraná e ele era de um jeito diferente de professor [...]. No aniversário dele convidava todo mundo para participar. [...] isso pra mim foi muito interessante, porque eu tive professores muito distantes. (Entrevista – Décio).

A performance do Colégio “Canadá” com a atuação dos professores Yolanda Baldia e Guaraná da Costa Rodrigues é amplamente comentada na dissertação “O perfil de uma cidade: o esporte feminino escolar na década de 1950”, de Eliane Guimarães de Campos Prates.



47. Aula de Educação Física na quadra da escola com a Prof. Yolanda Baldia.

As aulas de Educação Física desenvolviam-se na quadra ao lado do prédio, na sua parte oriental. Foram realizadas também no Clube Internacional de Regatas, na Ponta da Praia, pois no início não havia “ginásio”, só a praça de esportes descoberta, muito simples.

As condições da quadra esportiva (antes da construção do ginásio coberto) não foram obstáculos aos professores de Educação Física que utilizavam os clubes, principalmente, o Internacional e o Saldanha da Gama. Para os grandes espetáculos, que reuniam centenas de alunos, o campo do Santos era a solução.

Houve uma época, então que alguns depoentes lembram da importância do Atletismo, porque também aprendiam sobre as Olimpíadas. A Ginástica Rítmica Moderna se destacou, a escola ganhou muitas competições estaduais.

Nas aulas de Educação Física ocorriam os ensaios para desfiles cívicos. Naylor recorda que no início da década de 1950, a família Balio, que tinha um filho no Colégio Canadá, realizou uma grande doação de instrumentos para a montagem de uma Fanfara para o Colégio justamente pela rivalidade que existia nos desfiles, já que o Colégio Santista sempre se apresentava de maneira brilhante, com seus uniformes e instrumentos impecáveis.



48. Alunas esportistas nas arquibancadas do Pacaembu, com as blusas vermelhas, em 1953.



49. Alunos esportistas nas arquibancadas do Pacaembu com agasalhos brancos, em 1953.

Sonia também comentou a participação vencedora do Colégio Canadá nos eventos esportivos. É lembrada por vários alunos: “Eram momentos que traziam muito orgulho para os estudantes; o ‘Canadá’ arrasava, e os alunos que não estavam na quadra estavam na torcida, tinha torcida organizada e a banda. Existia um prestígio”. (Entrevista – Sônia).

As muitas vozes dos ex-alunos dessa geração de professores não parariam de ser ecoadas por muitos e muitos anos. É o que se pode perceber no breve tempo da pesquisa desta dissertação.



50. Equipe de Voleibol em jogo no Clube Internacional de regatas, em Santos.



51. Equipe de Bola ao Cesto em jogo na quadra do Escolástica Rosa. Prof. Musa e Prof. Yolanda Baldia.

Os mestres mais lembrados foram pessoas de grande cultura intelectual, humanista. Era aquele que abria um mundo para o aluno, uma vez que não havia a mídia do espetáculo. O que se pode observar é que a escola representou o espaço onde se aprendiam conhecimentos que não poderiam ser ensinados em casa, principalmente quando a escola vai se democratizando e vão se introduzindo os jovens cujas famílias não têm o capital cultural exigido para o acompanhamento dos currículos mais tradicionais ou a seguir os mais científicos.

Entretanto, o grande conhecimento da cultura intelectual não garantia por si só o conceito de bom professor. Nem sempre a excelência didática acompanhou a todos. Os mais

cotados, porém, eram os que sabiam ensinar, além do profundo conhecimento que tinham do conteúdo.

Em muitos professores, os alunos perceberam o gosto que eles tinham pelo que faziam, o entusiasmo pela profissão mais como missão do que como profissionalismo de hoje. Eram pessoas dedicadas nos seus afazeres (exemplos: Yolanda Baldia, Yolanda Quadros, Sylvio Andraus, Célia Zaragoza, Guaraná da Costa Rodrigues, Udmyr Pires dos Santos, Ruth La Scala e Luis Pinho).



52. Professores Ruth La Scala, Marilza Pereira, Paulo de Siqueira e Luis Pinho. Comemoração de 25 anos de Formatura da turma do Magistério (1958-1983).

Apesar da distância nas relações entre professores e alunos ser o mais comum, há aqueles que formaram uma ligação maior entre eles, principalmente os de Educação Física e Música. Alguns, porém, atraíam principalmente pelo carisma pessoal, além de seu saber, como professor Luis Pinho, professor Itagyba, professor Udmyr e Pe. Waldemar.



53. Sentados: Zulmira Lambert e Antonio Esmanhoto. Em pé: Luis Pinho, Yolanda Baldia, José Carlos de Azevedo, ?, Maria de Lourdes Soletto, Célia de Paula Zaragozza e Ruth Novaes La Scala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São inúmeras as considerações que o conhecimento do corpo docente do Colégio “Canadá”, nas três primeiras décadas de sua existência, traz a partir da lembrança dos seus alunos, que buscaram a luz do saber e galgar os bancos universitários ou simplesmente o progresso pessoal e social.

Um conjunto de fatores tornaram a Escola, enquanto instituição de ensino formal, respeitada por aqueles que a procuram e conseguiram adentrá-la.

Naquelas décadas os professores têm o seu lugar no prestígio da escola por sua formação, seu compromisso com o ensino e com o preparo da juventude estudiosa.

A partir dos anos de 1950 já chegam os licenciados pela Faculdade de Filosofia. Quase todos eles, os concursados, são referidos de modo elogioso pelos entrevistados.

Na década de 1940, dr. Aloísio Fernandes cursou o ginásio e o científico nos períodos de manhã e noite (1943 a 1948), quando a escola tinha poucas classes e se iniciava o curso colegial. Aponta que o “Canadá” trouxe três novidades importantes:

Era um curso misto e foi um prazer verificar quantas boas alunas nós tivemos. Trouxe colegas de outros estabelecimentos de Santos sem colegial, com outra cultura escolar. Mas, o mais importante foi a quantidade de novos professores concursados, universitários, com curso na Universidade de São Paulo, que vieram para Santos, elevando muito o padrão de ensino do colegial comparado com o ginásial. Foi o melhor momento do “Canadá”. (Depoimento do dr. Aloísio Fernandes. VIEIRA, 2000, p. 108).

Do grupo analisado de 44 professores, foram identificados o local de formação de apenas 28 docentes. Desse grupo, 17 foram formados por Faculdades de Filosofia ou Escola Normal. O restante, ou seja, 11 professores foram formados em outros cursos.

Desse mesmo grupo, 22 são efetivos, aprovados em concurso público, e destes 12 possuem Licenciatura.

Um novo perfil de professor – os formados pelas Faculdades de Filosofia – vai trazendo uma preocupação maior com a aprendizagem, com o aproveitamento do aluno, não apenas com o aprimoramento do ensino, do discurso, como se observava nas décadas de 1930 e 1940.

Professores, que muitas vezes lecionaram por mais duas décadas no Colégio “Canadá”, influenciaram também a escolha das carreiras dos estudantes. Isso foi facilmente detectado nas entrevistas.

Aposentaram-se no Colégio Canadá 26 docentes e apenas 9 removidos. Esses dados indicam como o tempo de permanência de um grupo de docentes na mesma escola pode dar a ela características próprias e únicas, influenciando diretamente nos resultados do ensino.

Quadro 3: Professores formados pelas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras ou por Escolas Normais, e docentes aprovados em Concurso Público entre 1934 e 1962.

Professor	Efetivo (aprovado em Concurso Público)	Faculdade de Filosofia (Licenciatura) ou Normal
Dr. Luiz dos Santos (Português)		Não identificado
Antônio Júlio Guimarães Sampaio	X	Não identificado
Pe. Geraldo Miranda	X	Outro curso
Célia de Paula Martins Zaragoza	X	Licenciatura
Marilza Pereira		Licenciatura
Marie Antoinette Passos		Não identificado
Sólon Pereira de Lucena	X	Não identificado
Frenor Pereira		Licenciatura
Eliana Rosso	X	Licenciatura
José Carlos de Azevedo Júnior	X	Não identificado
Mário de Almeida Alcântara		Outro curso
Zulmira Lambert		normal
Celina Augusto		normal
Luiz Fernandes Carranca		Outro curso
Vera Breves	X	Não identificado
Udmyr Pires dos Santos	X	Licenciatura
Sylvio Andraus	X	Licenciatura
Ana M. de Andrade Moreira Gomes		Não identificado
Adauto Soares Monteiro		Outro curso
Dr. José Dantas		Não identificado
Dr. Avelino da Paz Vieira	X	Não identificado
Maria dos Santos Fonseca		normal
Orlando de Sousa Magalhães		Não identificado
Ruth Novaes La Scala	X	Licenciatura
Dr. José de Almeida		Outro curso
Luiz Pinho de Carvalho Filho	X	Outro curso
Manoel Machado Maia	X	Não identificado
Antônio Demóstenes de Souza Brito	X	Outro curso
João José Itagyba Mariuzzo	X	Licenciatura
Walkyria Siqueira Mori	X	Licenciatura
Adelina Mazagão Alcover	-	Não identificado
Yolanda de Quadros Arruda	X	Licenciatura
Maria Celeste Pereira Leite	X	Não identificado
Maria Antonieta Marigny		Licenciatura
Francisco Leopoldo e Silva		Outro curso
Paulo Alves de Siqueira	X	Licenciatura
Paulo Filgueiras Júnior		Outro curso
Aida Leda Falcão Bauer Davies	X	Licenciatura
Francisco Galvanese Natale		Não identificado
Maria de Lourdes Moraes Camargo		Não identificado
Angélica Vilas Boas		Não identificado
Adélia Franco		Não identificado
Guaraná da Costa Rodrigues	X	Licenciatura
Yolanda Elias Baldia	X	Licenciatura

Autor: André Luiz Meirelles

Quadro 4: Período de permanência dos professores na escola e a relação dos aposentados nela entre 1934 e 1962.

Professor	Período que lecionou na escola	Total	Aposentados na escola
Dr. Luiz dos Santos (Português)	1935 – ?	-	-
Antônio Júlio Guimarães Sampaio Diretor	1938 – 1948 1949 – 1959	10 anos 10 anos	não
Pe. Geraldo Miranda	1950 – 1966	16 anos	sim
Célia de Paula Martins Zaragoza	1951 – 1970	19 anos	não
Marilza Pereira	1948 – 1978	30 anos	sim
Marie Antoinette Passos	1935 – 1940	05 anos	não
Sólton Pereira de Lucena	1940 – 1967	27 anos	sim
Frenor Pereira	1945 – 1981	36 anos	sim
Eliana Rosso	1956 – 1961	05 anos	não
José Carlos de Azevedo Júnior	1936 – 1966	30 anos	sim
Mário de Almeida Alcântara	1935 – 1944	09 anos	não
Zulmira Lambert	1944 – 1969	25 anos	sim
Celina Augusto	1945 – 1970	25 anos	sim
Luiz Fernandes Carranca	1947 – 1968	21 anos	sim
Vera Breves	? – 1958	-	não
Udmyr Pires dos Santos	1951 – 1982	31 anos	sim
Sylvio Andraus	1958 – 1986	28 anos	sim
Ana M. de Andrade Moreira Gomes	1958 – ?	-	-
Adauto Soares Monteiro	1956 – 1981	25 anos	sim
Dr. José Dantas	1935 – 1937	03 anos	não
Dr. Avelino da Paz Vieira	1937 – 1967	30 anos	sim
Maria dos Santos Fonseca	1948 – 1967	19 anos	sim
Orlando de Sousa Magalhães	1935 – ?	-	não
Ruth Novaes La Scala	1948 – 1975	27 anos	sim
Dr. José de Almeida	1935 – ?	-	não
Luiz Pinho de Carvalho Filho	1949 – 1969	20 anos	sim
Manoel Machado Maia	1945 – 1965	20 anos	sim
Antônio Demósthene de Souza Brito	1953 – 1978	25 anos	sim
João José Itagyba Mariuzzo	1956 – 1982	26 anos	sim
Walkyria Siqueira Mori	1950 – 1967	17 anos	não
Adelina Mazagão Alcover	1935 – ?	-	-
Yolanda de Quadros Arruda	1946 – 1962	16 anos	sim
Maria Celeste Pereira Leite	1942 – 1966	24 anos	Falecimento
Maria Antonieta Marigny	1949 – 1977	28 anos	sim
Francisco Leopoldo e Silva	1935 – ?	-	-
Paulo Alves de Siqueira	1938 – 1965	27 anos	sim
Paulo Filgueiras Júnior	1947 – 1966	19 anos	sim
Aida Leda Falcão Bauer Davies	1949 – 1975	26 anos	sim
Francisco Galvanese Natale	Sem informação	-	-
Maria de Lourdes Moraes Camargo	Sem informação	-	-
Angélica Vilas Boas	Sem informação	-	-
Adélia Franco	Sem informação	-	-
Guaraná da Costa Rodrigues	1946 – 1968	22 anos	sim
Yolanda Elias Baldia	1951 – 1974	23 anos	sim

Autor: André Luiz Meirelles

Quadro 5: Média de tempo de permanência do professor no Colégio Canadá entre 1934 e 1962.

Tempo de permanência na escola	Quantidade de professores
De 1 a 5 anos	3
De 6 a 10 anos	2
De 11 a 15 anos	-
De 16 a 20 anos	8
De 21 a 25 anos	8
De 26 a 30 anos	10
Acima de 30 anos	2

Do grupo de 44 professores pesquisados, obtiveram-se informações de ingresso e saída de 33 docentes. Nota-se por essas informações que a grande maioria do grupo permaneceu na escola por mais de 20 anos, construindo suas carreiras na instituição.

O padrão de exigência da escola secundária fazia com que o aluno tivesse que correr atrás. “A instituição de padrões altos de exigência para professores e alunos é fundamental para uma escola, qualquer que seja ela, pública ou privada”. (Depoimento do dr. Aloísio Fernandes. VIEIRA, 2000, p. 109)

A qualidade da escola secundária era exigida pelo poder público, o que se pode verificar nos processos de equiparação e no rigor dos concursos de provimento de professores.

Percebe-se que a escola era um lugar onde o que interessava era o saber que lhes dava a vitória nos vestibulares ou nas lidas menos imponentes da vida social, um emprego no banco, por exemplo, o acesso ao conhecimento em geral. Observe-se a flâmula confeccionada pela turma do 3º Científico F, formandos de 1959, nas comemorações dos 25 anos do Colégio Canadá, que representa um dos objetivos do secundário: preparar os alunos para o ensino superior.

A Escola para alguns foi ambiente de liberdade, de possibilidade inclusive de manifestação da identidade feminina, de sua incorporação à vida moderna.



54. Flâmula da turma de formandos do 3º Científico de 1959.

Um ponto muito importante do clima dessa educação nesse ginásio e colégio público foram os aspectos de sociabilidade vividos na prática do esporte e das atividades culturais; no cultivo das amizades e coleguismo, dentro da própria classe.



55. Teatro, os alunos satirizam os professores, na década de 1960.

Na atuação dos professores, destacaram-se as atividades extra-classe. A escola era chamada a participar em eventos que envolviam a união de alunos fora do universo da sala de

aula: os campeonatos esportivos, as apresentações de orfeão, os espetáculos de ginástica rítmica. A quadra esportiva era o local tanto das competições como da torcida. Outro local era o salão de auditório onde se encenavam peças teatrais em que os alunos atuavam, onde assistiam-se a palestras, como do festejado Malba Tawan, do campo da Matemática.

Diz Braz Antunes:

O Colégio Canadá ajudou muito na minha vida, pois me deu a simplicidade como nos tratávamos, me deu a competitividade, que aprendi no time de Futebol, Futebol de Salão e Basquete, me deu amigos, colegas e conhecidos. [...] O Colégio Canadá tinha ótimo espaço físico, ginásio de esportes, ótimos professores que gostavam de ser canadenses, fiz ótimas amizades, de um bom nível familiar. O colégio era rígido mas educava. (VIEIRA, 2000, p. 91).

Após “a experiência de anos, em contato com a juventude estudiosa de nosso país”, Pe. Waldemar, professor de Religião, observa: “o empenho de objetividade – que é um esforço revelador, de desocultação – não prejudicou a certeza, que se formou no meu espírito, de que, apesar de suas tremendas falhas, os homens precisam mais de amor do que de ódio” (MARTINS, 1976, p. 16).

No início da década de 1960, a escola estava perdendo o seu prestígio, notam os alunos entrevistados, era a época em que novos estratos da população buscavam o acesso à educação secundária e a escola teve que atender não só à elite, mas também a uma população mais carente economicamente.



56. Sala dos professores.

Havia diversos encontros dos professores entre si fora da sala de aula.



57. Professores Ruth La Scala, Marilza Pereira, Paulo de Siqueira e Luis Pinho. Comemoração de 25 anos de Formatura da turma do Magistério (1958-1983).

Pode-se perceber, pelos depoimentos, alguns aspectos que Rosa Fátima já levanta, para o início do século XX, ao identificar as lutas das classes populares no processo de escolarização.

[...] a procura de vagas nas escolas públicas; no pagamento de escolas particulares; a hesitação entre a necessidade da educação e do trabalho; as dificuldades do estudo e dos exames escolares; as experiências sociais e intelectuais nela adquiridos; a valorização da escola impregnada da projeção de possibilidade de melhoria de vida associada a uma melhor inserção no mundo do trabalho. (SOUZA, 1998, p. 192).

No final da década de 1950, já a instituição tinha aumentado o seu número de alunos. Há muitos anos já atendia com classes noturnas, mas não chegava a perturbar a eficiência do ensino.

Observe-se um depoimento dado pelo conceituado médico na cidade, dr. Mário Eugênio Mallegni. Depois de cursar o ginásio de 1941 a 1944, ingressou em 1945 no colegial diurno e trancou a matrícula, em 1946: “Nos anos de 1946 a 1949 [1948 e 1949 cursou o 2º e 3º colegial noturno], trabalhei das 8:00 às 18:00 h, na Companhia Docas de Santos. Mais tarde me formei em medicina, especializado em Ginecologia e Obstetrícia.” (depoimento de Mário Eugênio Mallegni. VIEIRA, 2000, p.92).

Walter Hori, engenheiro pela FEI, estudou no Colégio “Canadá” o Científico de 1951 a 1953 no período da manhã, e o 3º à noite, devido ao serviço militar. Ele observa:

Em 1950, os alunos concluintes do Grupo Escolar (Curso Primário) tinham apenas duas unidades públicas para prosseguir os estudos: o Ginásio Estadual Martim Afonso em São Vicente e o Colégio Estadual Canadá em Santos. Bom tempo aquele, onde pobres e ricos, corretamente uniformizados, estudavam sem preconceito social. (depoimento de Walter Hori. VIEIRA, 2000, p.89/90).

Situações pontuais de problemas na escola apareciam no final da década de 1950:

O meu estudo na Escola Normal ficou em certas disciplinas prejudicado. Lembro-me que havia uma professora de matéria pedagógica, efetiva aqui, mas estava lotada em São Paulo. Quando o Jânio Quadros assumiu o governo do Estado, passou a sua “famosa vassourinha” e a professora teve que voltar para sua sede. Então ela vinha uma vez no mês, dava tarefas para serem executadas e voltava quase um mês depois para cobrar.

Por outro lado, havia professora, muito animada, amiga das alunas, que passou um ano somente numa unidade do programa. Inclusive cada uma de nós teve que desenhar um pensador grego, mandamos enquadrar numa loja e foi oferecido o conjunto à escola. Quando fui dar aulas mais tarde nunca os vi em nenhum lugar. Será que estavam muito feios? A Escola não tinha nenhum museu escolar. (Entrevista – Cd.).

Pode-se dizer que, enquanto a escola se restringia a um determinado espaço (o prédio inicial) atendendo a uma certa quantidade de discentes, a qualidade de ensino era diferenciada. Bons professores, formados em escolas destinadas à educação, davam conta da demanda, situação que já começa a ser transformada com a expansão descontrolada da rede, e conseqüentemente a ampliação física da escola, que dobra o atendimento, mas não conta com novos professores que tiveram a mesma seleção ocorrida no passado.

O desenvolvimento do país exige cada vez mais a preparação para as profissões economicamente produtivas, de cursos profissionalizantes e técnicos. “Ter uma profissão é um suposto da educação integral e a orientação educacional deve estar atenta não só as vocações de cada um mas também à demanda do mercado de trabalho” (MARTINS, 1976, p. 158).

A época da escola secundária acadêmica e bacharelesca já havia passado.

A percepção de modificações mais sensíveis aparecem então já no final da década de 1960. O dr. Braz Antunes Mattos Neto, dentista com mestrado e atualmente vereador na Câmara Municipal de Santos, foi aluno do primário ao colegial, de 1964 a 1975. Fez observações interessantes: “Não gostei das divisões excessivas que houve no Colégio Canadá em várias escolas. Estudei dois anos no noturno e não era a mesma coisa do dia, era preciso mudar [...]” (VIEIRA, 2000, p. 92).

Angélica Arcanja Vieira, em seu trabalho sobre o “Canadá”, faz uma observação muito pertinente e que está bem no cerne desta dissertação (o reviver da memória em busca da identidade), que entende a memória como alicerce para a recuperação da escola pública:

Do ponto físico ao intelectual, a queda se deu de forma rápida e vertiginosa, a ponto de não merecer do mesmo povo que a criou [que a viveu e a ajudou construir] o menor esboço de reação em sua defesa. Seus ex-alunos já estão velhos para brigar e seus jovens estudantes não entendem nem percebem o que ou porque aconteceu. (VIEIRA, 2000, p.112).

Apesar do tom pessimista, podemos lembrar de grandes nomes de alunos, apenas para exemplificar, no campo da cultura e do ensino que continuam a tradição do “Canadá”, que brilharam ou brilham em outras constelações: Carlos Monforte, Pedro Bandeira, Marisa Lajolo, Paula Beilgueman, Marisa Saens Leme, entre outros.

Sabe-se que não foi o “Canadá” que declinou, mas sim todo o ensino público. A Escola tinha que atender aos novos tipos de alunos, ser democrática, estender a toda a sociedade os benefícios da introdução ao mundo encantado do saber. Porém os poderes públicos, a política educacional tinham que prever e prover a organização de uma escola mais eficiente, cuja tarefa, nos dias de hoje, não pode ser colocada como peso nas costas de um dos seus segmentos, embora o mais importante, o professor.

A reflexão sobre os professores do Colégio “Canadá” na sua época de ouro (como alguns dizem) não nos dá soluções, porém nos coloca muitas questões a serem discutidas. Entretanto, uma é fundamental: O que fazer para valorizar o professor? A tarefa está nas mãos dele, mas depende também de muitas outras instâncias.

Partimos do princípio de que é importante conhecer o passado da escola, na sua origem, nas suas várias etapas de desenvolvimento, para colher elementos que nos permitam melhor refletir e promover direções na educação no presente, principalmente aquelas que dependem do professor na vivência de sua prática educativa. Assim esse embasamento na

tradição crítica das instituições nos dá confiança na busca de novos caminhos e de novas utopias.

Ao se conhecer a memória destes professores, resgataram-se elementos iniciais para a produção de futuras biografias. Enfim, pode-se concluir que, de fato, o Colégio “Canadá” deve seu prestígio também à ação dos seus professores. A Baixada Santista reconheceu muitos deles (Aida Leda Bauer, Luis Pinho, Zulmira Lambert, Avelino da Paz Vieira, Mário de Alcântara, Paulo Filgueiras e Waldemar Valle Martins) nas denominações de suas escolas instituições de ensino.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

I. Fontes:

Ginásio do Estado e Colégio Canadá

- Prontuário de alunos e de professores de aproximadamente de 1937 a 2008;
- Livros de matrícula de aluno de 1937 a 2008;
- Diários de Classe e Livros de Ponto dos professores;
- Mapas de Movimentação de Professores e Funcionários;
- Ofícios, relatórios, plantas de construção e reforma, iconografia e diversos outros documentos.

Anuário de Ensino do Estado de São Paulo: 1935-1936

Revista Flamma. Jan. 1939.

II. Bibliografia selecionada:

ALBERTI, Verena. Fontes orais dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 156-2002

ARROYO, Miguel Gonzalez . *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007. 429p.

BINZER, Ina Von. 6. ed. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 171p.

BORUSKENSO, Oksana. Fotografia, uma nova velha fonte. *Anais da V Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. São Paulo, p. 61-62, 1986.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 7 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994. 483p.

BUENO, Belmira Oliveira; CATANI, Denice Barbara; SOUSA, Cynthia Pereira de (orgs.). *A vida e o ofício dos professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração*. São Paulo: Escrituras, 2002. 170p.

BUFFA, Ester. Os estudos sobre instituições escolares: organização do espaço e propostas pedagógicas. In: SAVIANI, Dermeval et al. (orgs.). *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 151 – 164.

CASTANHO, Maria Eugenia. Sobre professores marcantes. *Revista Ensino Superior*, n. 115, p. 153-163, 4/2008.

CASTILHO, Antonio Paulo F. de; PESCUMA, Derna. *Referências Bibliográficas: um guia para documentar suas pesquisas*. 4. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006. 124p.

_____. *Trabalho Acadêmico: o que é? Como fazer?* 2. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006. 86p.

_____. *Projeto de Pesquisa: o que é? Como fazer?* 3. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006. 96p.

CATANI, Denice Bárbara et al. (Orgs.). *Docência, memória e gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escritura, 1997. 110p.

_____. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: _____ (Org.). *Docência, memória e gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 13-48.

CAVACO, Maria Helena. Ofício de professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, António (org.). *Profissão Professor*. 2. ed. Porto: Porto, 1999. p. 155-191.

GOMES, Ângela de Castro (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

CORREA, Evani Magalhães Barros Arantes. *Memórias da Escola Canadá: participação estudantil nas décadas de 1950 e 1960*. 2007. 109 f. Dissertação (mestrado em Educação) Universidade Católica de Santos, UniSantos, Santos.

DALLABRIDA, Norberto; CARMINATI, Celso João (orgs.). *O tempo dos ginásios: ensino secundário em Santa Catarina, final do século XIX – meados do século XX*. Campinas: Mercado de Letras; Florianópolis: UDESC, 2007.

_____. Ensino Secundário em Santa Catarina: da Instituição da República à Era Vargas. In: _____ *O tempo dos ginásios: ensino secundário em Santa Catarina, final do século XIX – meados do século XX*. Campinas: Mercado de Letras; Florianópolis: UDESC, 2007. p. 13 – 50.

DOTTA, Leanete Teresinha Thomas. *Representações sociais do ser professor*. Campinas: Alínea, 2006. 92p.

ENGUIITA, Mariano Fernández. Do lar à fábrica, passando pela sala de aula: a gênese da escola de massas. In: _____. *A face oculta da escola: Educação e trabalho no capitalismo*. Tradução por Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p. 105-131.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Educação no Brasil anos 60: O pacto do silêncio*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1988. 126p. (Coleção Educar).

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. *Professoras: histórias e discursos de um passado presente*. Pelotas: Seiva Publicações, 2005. v. 1. 304p.

FONSECA, Selva Guimarães. *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2003. 230p.

FRANCO, Maria Amélia Santoro; GHEDIN, E.; PIMENTA, Selma Garrido. (orgs.). *Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos*. São Paulo: Edições Loyola, 2006. v. 1. 183p.

FURLANETTO, Ecleide Cunico. *Como nasce um professor? Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004. 78p.

GARRIDO, Joan Del Alcàzar i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História – Memória, História, Historiografia*. São Paulo: v. 25/26, p. 33-54. set.1992 / ago. 1993.

GHEDIN, Evandro e FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2008.

GÓMEZ, A. I. Pérez. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. Tradução por Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 13-26.

GONÇALVES, Ligia Bacelo e ALMEIDA, Vailde Bragança Silveira. *História da Escola em Santos: O Colégio Canadá 1961 – 1967*. 2000. Trabalho da disciplina História da Educação Brasileira, Mestrado, Universidade Católica de Santos, Santos.

GOODSON, Ivor F. *As políticas de currículo e de escolarização*. Petrópolis: Vozes, 2008.

GRANDE, Humberto. *A Pedagogia no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Gráfica Guarany, 1941.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Tradução por José Cláudio e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna. São Paulo: Cortez, 2004. 285p.

LAVILLE, Christian. A próxima reforma dos programas escolares será mais bem-sucedida que a anterior? In: WARDE, Mirian Jorge (org.). *Novas políticas educacionais: críticas e perspectivas*. São Paulo: PUCSP/PG Educação: História e Filosofia da Educação, 1998. p. 109-124.

LEITE, José Roberto Teixeira. *Dicionário Crítico da Pintura no Brasil*. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988. 553p.

MARTINS, Waldemar Valle. *Liberdade de ensino: reflexões a partir de uma situação no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1976. 208p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 291p.

MENDONÇA, Ana Waleska P. C. Formar professores para a escola secundária: que escola? *História da Educação*, v.7, n.14, p157-171, set. 2003.

NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2007. 215p. (Coleção Ciências da Educação). v. 4.

_____. Os professores e suas histórias de vida. In: _____ (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2007. p. 11-30. (Coleção Ciências da Educação). v. 4.

_____. *Profissão professor*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2003. 191p. (Coleção Ciências da Educação). v. 3.

_____. O passado e o presente dos professores. In: _____ (Org.). *Profissão Professor*. 2. ed. Porto: Porto, 1999. p. 13-34.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de (org.). *Imagens de professor: significações do trabalho docente*. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004. 328p. (Coleção Educação).

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. *Santos, nos caminhos da educação popular (1870-1920)*. São Paulo: Loyola, 1996.

PRATES, Eliane Guimarães de Campos. *O perfil de uma cidade: o esporte feminino escolar na década de 1950*. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica de Santos, UniSantos, Santos.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a Técnica de Gravador no registro da Informação Viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. 171p. (Biblioteca básica de ciências sociais).

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *A formação política do professor de 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1984. 280p.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil (1930/1973)*. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 267p.

SACRISTÁN, José Gimeno. Educação pública: um modelo ameaçado. GENTILI, Pablo (org.). *Escola S. A. Quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo*. Brasília: CNTE, 1996. p. 150-166.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da Experiência*. Porto: Edições Afrontamento, 2000.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 17. ed. Campinas: Autores Associados, 2007. 293p.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet e COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra; Fundação Getúlio Vargas, 2000. 431p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. 22. ed. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez & Moraes, 2005. 52p.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Professores e professoras: retratos feitos de memória. In: GONDRA, José (org.). *Do arquivo à escrita da história: a educação brasileira entre o Império e a República no século XIX*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2001. p. 73-93.

SOUZA, Rosa Fátima de. Entre a vida, as ciências e as letras: as transformações da escola secundária entre as décadas de 1930 e 1960. In: _____. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no Século XX: ensino primário e secundário no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008. p.145 – 226.

_____. Cultura escolar e currículo: aproximações e inflexões nas pesquisas históricas sobre conhecimentos e práticas escolares. In: XAVIER, Libânia Nacif et al. *Escola, culturas e saberes*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 74 – 91.

_____. *O direito à educação*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. *Educar*, Curitiba, n. 18, p. 75-101, 2001.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEIGA, Cynthia Greive. República e educação no Brasil (1889 – 1971). In: _____. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007. P. 237 – 315.

VIEIRA, Angélica Arcanja. *Memórias dos 66 anos da Escola Estadual Canadá*. 2000. 167f. Monografia (graduação de Licenciatura em História) Universidade Católica de Santos, UniSantos, Santos.

WILLIAMS, Doryle. Gustavo Capanema, ministro da Cultura. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p.251-269.

XAVIER, Libânia Nacif et al. *Escola, culturas e saberes*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

III. Periódicos consultados:

A Tribuna. 25/3/1934. p.3
A Tribuna. 10/8/1934.
A Tribuna. 11/8/1934.
A Tribuna. 13/8/1934.
A Tribuna. 24/2/1935. p.7
A Tribuna. 27/2/1935. p.2
A Tribuna. 3/3/1935. p.6
A Tribuna. 4/3/1935. p.3
A Tribuna. 5/3/1935. p.4
A Tribuna. 7/3/1935. p.5
A Tribuna. 10/3/1935. p.7
A Tribuna. 16/3/1935. p.7
A Tribuna. 20/3/1935. p.3
A Tribuna. 17/11/1935. p.3
A Tribuna. 15/12/1935. p.4
A Tribuna. 21/12/1935. p.9
A Tribuna. 24/12/1935. p.14
A Tribuna. 05/1/1936. p.5
A Tribuna. 08/1/1936. p.7
A Tribuna. 12/1/1936. p.9
A Tribuna. 16/1/1936. p.7
A Tribuna. 29/01/1936. p.5
A Tribuna. 25/02/1936. p.5
A Tribuna. 02/02/1936. p.12
A Tribuna. 12/2/1936. p.5
A Tribuna. 13/2/1936. p.4
A Tribuna. 19/2/1936. p.1
A Tribuna. 28/8/1937 p.4
A Tribuna. 29/8/1937 p.7
A Tribuna. 6/10/1944.
A Tribuna. 25/11/1962.
A Tribuna. 10/6/1975.

O Diário, Santos, 26/9/1944
O Diário, Santos, 28/9/1944
O Diário, Santos, 29/9/1944
O Diário, Santos, 30/9/1944
O Diário, Santos, 6/10/1944
O Diário, Santos 31/10/1944

A Gazeta, de São Paulo, 30/9/1944.

Revista Taubaté: contribuindo com a nossa história. Taubaté, fev. 2007.

Disponível em: < http://www.revistataubate.com.br/noticias_dinamicas.php?id=61>. Acesso em: 25 fev. 2009.

IV. Entrevistas

1. Maria Aparecida Muller Araújo, professora normalista, em 5/4/2009.
2. Norma Moreira Dardaqui, professora normalista, em 22/1/2009.
3. Yvonne Leoni Baptista Pasta, advogada, em 2/2/2009.
4. Decio Teixeira Noronha, médico, em 2/2/2009.
5. Lucio de Oliveira Noronha, dentista, em 12/3/2009.
6. Naylor Dias Tavares, dentista, 24/11/2008 e 25/11/2008.
7. Ernesto Tilly Junior, militar e professor universitário, em 18/3/2009.
8. Jayme Diamant, médico, em 2/2/2009.
9. Sérgio Sérvulo da Cunha, advogado, procurador do Estado, autor de obras de Direito, em 7/1/2009.
10. Sonia Elizabeth de Faccio Paolozzi, professora normalista e universitária, em 29/1/2009 e 05/02/2009.
11. René Franco Arias, engenheiro, em 31/1/2009.
12. Gilda dos Reis Pimentel Dias Tavares, professora de Francês, em 25/11/2008.
13. Cd., professora normalista e professora universitária, em 10/5/2008 e 3/10/2008.

V. Crédito das ilustrações:

1. Acervo de André Luiz Meirelles: 1, 2, 3, 4, 7, 38, 41 e 54.
2. Acervo de Waldemar Valle Martins: 6, 19, 21, 22, 24, 25, 30, 31, 32, 37, 42, 45, 46.
3. Acervo da E. E. “Canadá” de Santos: 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 17.
4. Acervo de Sonia Paolozzi: 40, 52 e 57.
5. Acervo de Maria Aparecida Muller Araújo: 5 e 18.
6. Acervo de Maria Aparecida Franco Pereira: 20, 35, 36, 48, 49, 50 e 51.
7. Acervo de Rachel Mariuzzo: 23, 33, 34, 39, 43, 44, 47, 53 e 56.
8. Acervo de Eliana Salvagni dos Santos: 26, 27 e 28.
9. Acervo de Angela Andraus: 29 e 55.
10. Acervo www.novomilênio.inf.br: 16.

ANEXOS

Anexo 1: Carta enviada ao jornal A Tribuna, publicada em 25/03/1934, página 03.

“A criação de um gymnasio official em Santos. É cada vez maior a necessidade dessa medida ha longos annos pleiteada.

Escrevem-nos:

“A Santos, não poderá o governo do Estado com justiça recusar a criação de um gymnasio official. Sua população de cerca de 150.000 habitantes, sua importância commercial, sua tendencia progressista estão a patentear essa necessidade. O que ha a estranhar e lamentar é que a segunda cidade de São Paulo ainda não tenha sido dotada de um instituto de instrucção secundária official, quando tantas outras cidades de somenos já contam esse melhoramento. Ha quem pense que já temos doutores demais, como se apenas os titulados devessem ter os conhecimentos geraes de humanidades. Ora, a verdade é que hoje vae sendo cada vez mais insufficiente a simples alphabetização. Já se foi o tempo em que para vir a ser bom negociante se devia preliminarmente travar conhecimento com o cabo da vassoura, do espanador e de conduzir á casa do patrão as encomendas pedidas pela sua família. Foi-se esse tempo e agora já se não respeitam as teias de aranha dos escriptorios a titulo de mascotte. São cousas do passado que infelizmente por muito se prolongaram. O conhecimento pratico, theorico de línguas, de sciencias deve ser a base de toda a educação de moços. Basta ver o programma official do ensino primario. As exigencias são taes que um alumno habilitado no 4º anno, com uns dois anos de estudo deve ficar conhecedor do curso gymnasial e apto a frequentar escola superior.

Se tanto se exige para os simples alumnos primarios porque negar ampliação desses conhecimentos aos moços que têm de iniciar-se na vida pratica numa collocação qualquer? A um patrão commerciante, industrial ou director de repartição mais convirá que seu novo empregado saiba exprimir-se bem, dar bôa redacção á sua correspondência, que tenha conhecimentos geraes de historia, de geographia, que saiba manejar pelo menos uma língua estrangeira, conheça escripta mercantil, contabilidade, etc. Vale ou deve valer isto muito mais que um pistolão.

Não. Não se pode prescindir actualmente de maior amplitude de conhecimentos que os obtidos nos grupos escolares. Para justificar a ausencia de gymnasio official também se allega a proximidade da Capital. Mas... então os paes pobres ou de poucos recursos e familia numerosa devem como acrescimo a essa pena ficar inibidos de dar aos filhos educação mais completa, visto não os poder manter na capital?

Campinas está mais próxima de São Paulo e foi dotada de gymnasio official. Demais, essa negação de elementos educativos aos moços de modestos recursos daria logar a uma selecção das peores – a dos plutocratas. Bem sabemos que precarias são as condições financeiras do Estado, mas em materia de estudo, como em questões de hygiene toda despesa intelligentemente feita redunde em economia. Essa economia será de tempo ou de melhores aptidões para trabalhos mais perfeitos e, portanto, mais remuneradores.

Estamos certos de que o nosso interventor corrigirá essa falta durante o seu governo, cioso que é do progresso, do lustre de seu proprio Estado.

Demais sendo Santos a ante-câmara do rico e poderoso Estado de São Paulo deve se-lo em todo sentido, na instrução, como na hygiene.

Ha na verdade varios estabelecimentos de instrução secundaria em Santos. Mas actualmente é muito caro frequenta-los e o próprio governo para isto tem contribuido, de maneira que os paes pobres sentem-se collocados num horrível dilema – ou desistir de completar a educação dos filhos ou andar mendigando a sua admissão gratuita nesses gymnasios naturalmente pouco dispostos ao favor, pois que tambem não é lisonjeira a sua situação economica...”

Anexo 2:

DECRETO N. 6.601 – DE 11 DE AGOSTO DE 1934

Institue Ginásios oficiais em Santos, Franca, Tietê, Bauru e Jaboticabal.

O DOUTOR ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA, Interventor Federal no Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe confere o Decreto Federal n. 19.398, de 11 de novembro de 1930, e considerando a necessidade de difundir o ensino secundário no interior do Estado;

Decreta:

Artigo 1º - Ficam instituídos gymnasio officiaes em Santos, Franca, Tietê, Bauru e Jaboticabal.

Paragrapho unico – Deverão as Prefeituras Municipaes das cidades referidas neste artigo fazer ao governo do Estado doação dos prédios, das installações e do material didáctico, em acôrdo com o decreto federal n. 21.241, de 4 de abril de 1932, artigo 2º, alínea 1, paragrapho 4º, e custear todas as despesas dos gymnasios, inclusive vencimentos do pessoal, durante o anno de 1935.

Artigo 2º - O governo nomeará o pessoal docente e administrativo dos gymnasios ora criados.

Paragrapho 1º - as nomeações do pessoal docente serão em caracter interino, até provimento por concurso, que se realizará, progressivamente, nesta Capital, na forma do que for estabelecido por acto do Secretário da Educação e da Saúde Publica.

Paragrapho 2º - as nomeações do pessoal administrativo serão feitas em caracter interino, ou em commissão, até que o provimento definitivo dos cargos respectivos seja regulado na forma da Constituição Federal.

Artigo 3º - Cada um dos gymnasios ora criados terá o seguinte pessoal administrativo:

- 1 Director;
- 1 Secretário;
- 1 Bibliothecario;
- 2 Preparadores, sendo 1 physica e chimica e outro para historia natural;
- 1 – 4º escripturario;
- 1 Porteiro;
- 2 Inspectores de alumnos;
- 4 Serventes;

Paragrapho 1º - O director e o secretario poderão ser professores do estabelecimento.

Paragrapho 2º - O professor que accumular o cargo de director terá a gratificação mensal de 500\$000 e o que exercer as funções de secretario, a de 300\$000.

Paragrapho 3º - Os professores interinos ou effectivos e o pessoal administrativo terão os vencimentos da tabella, annexa, até 31 de dezembro de 1934 e dahi por deante os fixados pelo Código de Educação.

Paragrapho 4º - Correrão por conta do Estado, a partir de 1936, todas as despesas dos gymnasios, inclusive vencimentos de professores e funcionarios, que serão pagos na forma do paragrapho anterior.

Paragrapho 5º - Por accumulção de cadeiras, inclusive em período de férias, perceberá o professor mais 50% dos vencimentos do cargo.

Paragrapho 6º - O cargo de bibliothecario será provido nos termos do artigo 79, do decreto 5.117, de 20 de julho de 1931.

Artigo 4º - As taxas e emolumentos para os gymnasios ora criados, serão os constantes do decreto n. 6.316, de 26 de fevereiro do anno corrente.

Artigo 5º - Este decreto entre em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrario.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 11 de agosto de 1934.

ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA
Christiano Altenfelder Silva.

TABELLA DE VENCIMENTOS ANNUAES

Pessoal	Vencimentos
Director	12:000\$000
Professor cathedratico	9:600\$000
Professor de aula	7:680\$000
Preparador	4:800\$000
Secretario	7:800\$000
4º escripturario	4:800\$000
Porteiro	4:032\$000
Inspector de alumnos	3:840\$000
Servente	2:208\$000
Gratificação por aula extraordinaria	10\$000
Gratificação ao professor que accumular o cargo de director	6:000\$000
Gratificação ao professor que accumular cadeira	4:800\$000
Gratificação ao professor que accumular o cargo de secretario	3:600\$000

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 11 de agosto de 1934.

ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA
Christiano Altenfelder Silva.

Publicado na Secretaria da Educação e da Saude Publica, São Paulo, em 1 de agosto de 1934.

A. Meirelles Reis Filho
Diretor Geral

Anexo 3:

Segundo o comunicado do Ginásio sobre o primeiro Exame de Admissão realizado pela escola, publicado no jornal A Tribuna em 27/02/1935 (p.2):

Essas inscrições serão feitas de 28 de fevereiro a 6 de março, das 9 às 11 horas e das 12 às 16 horas.

Devido á premencia do tempo, pois as aulas terão inicio, impreterivelmente, a 15 do mês próximo, a secretaria funcionará nos feriados do Carnaval (4 e 5), das 9 às 12 horas.

As inscrições serão feitas mediante requerimento ao director, firmado pelo candidato ou seu representante legal, sellado com estampilha estadual de 2\$000, federal do mesmo valor, além do selo de educação e saúde.

Na petição, que terá firma recohecida, devem constar a idade, filiação, naturalização e residencia do candidato e precisa ser instruída com os seguintes documentos:

- a) certidão, em original, que prove á idade minima de onze (11) annos e máxima de 17;
- b) attestado de sanidade geral, comprehendendo molestia de olhos e vaccinação anti-variolica recente; e
- c) recibo do pagamento da taxa de inscrição

É permittida a inscrição aos menores de 11 annos que completarem essa idade até 30 de junho do corrente anno.

Ao se inscrever o candidato deverá entregar á secretaria duas photographias de 3,5 x 5.

A taxa de inscrição, que é de 30\$000, é paga na Recebedoria de Rendas, com guia fornecida pela secretaria do Gymnasio.

A certidão de idade e o attestado de saude, com firmas reconhecidas, deverão ser sellados, um e outra, com um selo estadual de 1\$000 e mais a taxa de educação e saude (\$200).

Os exames se realizarão logo após o encerramento das inscrições, em local previamente anunciado, sendo os candidatos inscriptos convocados por edital, que será publicado na imprensa e affixado na portaria do Gymnasio.

Serão nullos os exames prestados por candidatos que tiverem requerido inscrição para exame de admissão, na mesma época, em mais de um estabelecimento de ensino secundário com inspecção federal.

Outrosim,, não é permittida a transferencia de alumnos, mesmo aos matriculados na segunda série, em outro gymnasio, para a primeira deste.

Os exames de admissão constarão de provas escriptas de Português (redacção e ditado, apreciando-se tambem a calligraphia) e outra de Arithmetica (calculo), e de provas oraes dessas disciplinas e argüições sobre Geographia, Historia do Brasil e Sciencias Physicas e Naturaes.

Conforme o número de candidatos e segundo o resultado dos exames, serão installadas duas classes de 1ª série, com a lotação máxima de 45 alumnos em cada sala.

Anexo 4:

Discurso (A Tribuna, 29/08/1937, p.7): Prof. Malachias de Oliveira proferiu a seguinte oração:

“Exmo. Sr. Governador – Digníssimas autoridades – Meus senhores e minhas senhoras. – A cultura de um povo não é apenas aferida pelos productos da sua industria ou pelos valores economicos que possibilitam as commodidades da civilização. Cultura “é o esforço que faz uma sociedade para sobrepujar a vida material, para libertar-se por um ideal”. Ella domina a materia, vence o automatismo subserviente que aniquila a personalidade.

Nos regimes de força o rolo compressor da machina do Estado, não raro pilotada pelos mais audaciosos, esmaga a intelligencia e destróe a liberdade. Nos países democráticos, ao contrario, recrutam-se de todas as camadas sociaes, através das escolas secundarias e superiores, as intelligencias que se desenvolvem no trato com as sciencias e as artes, estimuladas pela fé na liberdade do pensamento e da acção.

O panorama actual do mundo nos mostra que a felicidade de um povo não está apenas na sua independencia economico-financeira. A instabilidade de certos regimes, apesar da technica industrial e de aparente riqueza, é permanente ameaça ao individuo, que vegeta aniquilado pelo collectivismo.

Essa escravidão é consequente da falta de cultura que anime um ideal capaz de promover a reacção popular contra uma ordem social indesejavel.

Outr’ora, sob a fôrma theocratica, ou monarchica, ou da olygarchia, a autoridade assentava sobre a mystica religiosa. A cultura moderna dos povos livres substituiu essa mystica pelos ideaes do humanismo. O prestígio da autoridade repousa hoje sobre o reconhecimento do valor dos dirigentes.

Os meritos da pessoa, seus attributos mentaes e Moraes, o respeito á dignidade humana, sonogados nos regimes collectivistas que convertem as massas em manadas, o orgulho do homem pelas suas victorias sobre a matéria, as conquistas da civilização, que representam o domínio da natureza pela intelligencia, constituem o culto do humanismo que é fonte de elevação moral e espirital. “Comme Dieu remplit de constellations variées le firmament, l’homme a couvert l’aterre de sés oeuvres. Et, si la création chante la gloire de Dieu, les travaux humains, chantant, aussi, la gloire de l’humanité”. É esse humanismo sadio, pregado por Charmot, que se ensina em nossas escolas.

O conhecimento das grandes figuras da Historia, das sciencias e das artes, o engrandecimento dos seus feitos pelo da pátria e da humanidade, o culto dos heróes, são lições que synthetizam o programma dos nossos gymnasios.

Essas lições estimulam nos adolescentes o desejo de aperfeiçoamento e disciplina, dando personalidade á ingênita psychologia liberal do brasileiro.

O ideal democrático, dizia eu num artigo de jornal, o ideal democrático já se não satisfaz com a simples alphabetização das massas. Alphabetizar é útil, mas é muito pouco. O maximo problema brasileiro deixou de ser, pelo menos na terra dos bandeirantes, a alphabetização. O voto inconsciente do “cidadão” que apenas desenha o nome no livro de actas das eleições, é o cravo que dificulta a marcha do país para a democracia. O Código Eleitoral, o voto secreto, que tanto sacrifício custou á nação e principalmente a São Paulo, redundou numa inutilidade ante a massa inexpressiva do voto puramente arithmetico.

Coherente com os princípios políticos da democracia, o sr. Armando de Salles Oliveira, logo ao iniciar o governo de São Paulo, sentiu a necessidade da criação, no Estado, de muitas escolas secundarias para a preparação profissional, espirital e cívica da mocidade

bandeirante. A criação deste gymnasio faz parte do plano educacional iniciado no governo de s. exa.

Esse plano, numa visão perfeita das necessidades educativas da terra bandeirante, comprehende a melhoria intensiva e extensiva do ensino primário, a installação de gymnasios nas grandes cidades paulistas, de escolas profisionaes nas zonas industriaes e agrícolas e a organização da Universidade, “centro orientador das energias collectivas”, onde formam as elites que deverão governar.

Mercê da meritória continuidade administrativa adoptada pelo actual governo, o plano estabelecido vae sendo executado com firmeza.

A observância do principio “conservar melhorando” é, principalmente para a política educacional, a mais sabia política.

Collaborando com o Estado na difusão do ensino, as municipalidades paulistas criam classes e constroem edifícios para escolas.

Vae por todo Estado intenso movimento em prol da educação popular. Esse interesse se manifesta nos dirigentes, na imprensa, nas associações de classe, nas entidades agrícolas ou industriaes, em todas as organizações paulistas, em summa. É um reflexo da cultura bandeirante que se não satisfaz com o progresso material do Estado.

Serve de estímulo a essa campanha sublime ideal, salutar confiança nos destinos da patria. Essa aspiração., que se identifica com os mais lídimos anseios da nacionalidade, se crystaliza em uma idéa-força que de São Paulo se irradia promovendo a elevação cívica do Brasil: o culto da democracia.

Senhores. A iniciativa da construcção deste magnífico predio evidencia o carinho que os dirigentes locaes dedicam á educação popular. Esta esplendida realização, sobre ser prova da pujança economica do municipio e da util applicação do erario publico, é uma expressiva demonstração da cultura santista.

Meninos. Reflecti sobre o interesse que os administradores do Estado e da cidade devotam á preparação da juventude.

Reflecti sobre a importância que pessoas da mais elevada consideração social demonstram pela vossa educação, vindo assistir a inauguração da casa construída pelo povo de nossa terra para a vossa felicidade.

É que a alma destes illustres visitantes, noss'alma de professores e de brasileiros, afaga uma esperança que depende da mocidade: a grandeza do Brasil.”

Anexo 5: Ficha resumo de Entrevista

NOME: Maria Aparecida Muller Araujo
DATA DE NASCIMENTO: 11/11/1920
DESCRIÇÃO:
ENTREVISTA: Luis dos Santos Malachias Mario de Alcântara Avelino José Dantas (Historia) Francisco Leopoldo e Silva Paulo Siqueira Marie Antoniette Orlando de Sousa Magalhães (tinha um filho que estudava no Ginásio) Adelina Mazagão Francisco Galvanese Natale / Maria de Lourdes Camargo, cada com um filho de Otavio Tavares (parente) Ricardo Vaz Guimarães (medico) - Quimica Prof Lacaz (Ciências) médico, tinha um filho deficiente Vital (talvez física) Orlando Magalhães (viajou p/ a Europa) Julio Guimarães Fernando de Almeida (médico)
DATA: 5/4/2009
LOCAL: casa, São Paulo